



Instituto Politécnico  
de Castelo Branco  
Escola Superior  
de Educação

# A (I)Literacia Digital e as Pessoas Idosas: Os *cartoons* e os seus estereótipos

Mestrado em Gerontologia Social

Teresa Maria Póvoa Ramos

Orientador  
Doutor Henrique Teixeira Gil

Julho de 2014





Instituto Politécnico  
de Castelo Branco  
Escola Superior  
de Educação

# A (I)Literacia Digital e as Pessoas Idosas: Os *cartoons* e os seus estereótipos

Candidato

Teresa Maria Póvoa Ramos

**Orientador**

Doutor Henrique Teixeira Gil

Tese apresentada à Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Gerontologia Social, realizada sob a orientação científica do Professor Doutor Henrique Teixeira Gil, Professor Adjunto da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco.

**Julho de 2014**



## Dedicatória

Dedico este trabalho às pessoas mais importantes da minha vida;

Aos meus Pais, que me criaram, apoiaram e transmitiram os parâmetros que me conduziram a ser quem sou.

Deram-me raízes fortes. Ensinaram-me com o seu exemplo e amor.

Obrigado por existirem.

Obrigado por serem como são.

Obrigado pelo apoio incondicional e incessante.

Aos meus filhos, André e Rui, pela ausência que o presente trabalho me fez prescindir da companhia de ambos.

Aos meus irmãos, Helena e Armando, que a par com os nossos pais, são elementos essenciais na minha existência.



## Agradecimentos

Para o meu orientador, Professor Doutor Henrique Teixeira Gil, o meu agradecimento emocionado, pela condução firme e segura que me dispensou e que culminou na realização do meu objetivo.

Muito obrigada aos meus queridos “velhos”, vivos ou já não, com quem tenho convivido e aprendido, numa troca de afetos, onde quem recebe muito dá. Continuarei a questionar e a investigar o envelhecimento, no aperfeiçoamento constante dos meus cuidados, compreensão e dedicação.

Ao Joaquim, a quem carinhosamente chamo de colega de percurso académico e meu amigo pessoal, que partilhou mais diretamente, todo o desenrolar do trabalho, agradeço o constante apoio e o incentivo nas horas menos boas.

Ao meu amigo Nuno, por tantas vezes me fazer acreditar que era possível.

À minha amiga Sara, por me incluir nas suas conversas com Deus.

À minha amiga Graciela, por transformar amontoados de letras em dedicatórias e agradecimentos cheios de emoções.

À Ana Rita, pelo apoio nas transcrições das gravações das entrevistas.

Ao professor José Boia, docente na Escola Secundária Camilo Castelo Branco em Carnaxide, a celeridade e o empenho generoso na tradução do resumo da presente tese para inglês.



## Resumo

A sociedade está permanentemente submetida a mudanças tecnológicas, ideológicas, económicas e sociais, aspetos que têm de ser analisados cuidadosamente se quisermos compreender as necessidades dos indivíduos, nomeadamente dos idosos, que nasceram numa época em que não existiam tecnologias digitais inseridas no seu quotidiano e que hoje se vêm confrontados com a sua implementação sólida em todos os domínios do comportamento humano.

No presente estudo, desenvolve-se a temática relacionada com a (I)Literacia digital das pessoas idosas com recurso a uma metodologia de carácter descritivo-exploratório onde o *corpus* de análise é composto por 9 *cartoons* de autores portugueses cuja obra é reconhecida a nível nacional e internacional. Pretende-se investigar a conotação do estereótipo (negativo *versus* positivo) veiculado na mensagem do humor de cada *cartoon*.

Os *cartoons* foram apresentados aos 4 grupos que compõe a amostra - alunos das licenciaturas de Desenho e Belas Artes, Ciências da Comunicação e Jornalismo e a um grupo de idosos. A seleção da amostra foi intencional uma vez que pretendíamos que a formação dos indivíduos estivesse relacionada com o objeto de investigação. Posteriormente, é feita uma análise comparativa dos resultados dos grupos através de uma triangulação de resultados com as entrevistas semiestruturadas realizadas a um reconhecido cartoonista português e a um psicólogo da área da gerontologia.

Procurámos recolher informação que nos permitisse estabelecer algumas conclusões, através das quais formalizámos a nossa opinião sobre a pertinência do estudo. Concluímos que os idosos ainda não dominam as tecnologias digitais nomeadamente, a utilização correta do computador nas suas rotinas diárias e que a sua participação nas redes sociais é ainda diminuta. Por outro lado, são os próprios idosos que manifestam a necessidade e vontade em aprender a utilizar as tecnologias digitais. No entanto, existe um aspeto que não pode nem deve ser descorado, a (in)segurança na internet associada e potenciada pela falta de literacia digital que se acentua mais no meio rural o que implica a necessidade de reforçar a melhoria das qualificações dos idosos, nomeadamente no âmbito das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) através da promoção de formação adaptada às necessidades deste grupo podendo envolver também as gerações mais jovens, numa perspetiva de desenvolvimento da aprendizagem intergeracional como mais valia social, económica e cultural.

Tendo em conta a escassez de *cartoons* de autores portugueses que retratem os idosos e a sua relação com as tecnologias digitais este trabalho tem uma amostra e um *corpus* de análise restrito o que implica que os seus resultados não possam ser generalizados.

Finalizámos este estudo com uma reflexão sobre as limitações do mesmo, problemas e obstáculos detetados assim como sugestões para estudos futuros.

## Palavras chave

Cartoons, cidadãos idosos, i(literacia digital), estereótipo



## Abstract

Society is permanently subjected to technological, ideological, economic and social change, aspects that have to be analyzed carefully if we want to understand the needs of individuals, particularly the elderly, who were born at a time when there were no digital technologies in their daily lives and that today are confronted with their steady implementation in all areas of human behavior.

In the present study it is developed the topic of digital (il)literacy of the elderly by using a descriptive-exploratory methodology where the corpus of analysis is composed of 9 cartoons of national authors whose work is recognized nationally and internationally. It is intended to investigate the connotation of the stereotype (negative vs. positive) conveyed by the message of each cartoon.

The cartoons were presented to the 4 groups that compose the sample – university students of Design and Fine Arts, Communication Sciences and Journalism and a group of senior citizens. The selection of the sample was intentional since we wanted that the training of individuals was related to the subject of this research. Subsequently, it is made a comparative analysis of the results of the groups through a triangulation of results with the semi-structured interviews made to a famous Portuguese cartoonist and a psychologist from the field of Gerontology.

We tried to collect information that allows us to reach some conclusions, through which we built our opinion about the relevance of the study. We concluded that the elderly do not master yet digital technologies, namely the proper use of the computer in their daily routines and that their participation in social networks is still negligible. On the other hand, the elderly themselves stress the need and desire to learn how to use the digital technologies. However, there is one aspect that cannot and must not be overlooked, the (in) security on the internet associated and enhanced by the lack of digital literacy - higher in rural areas-, which implies the need to foster the improvement of the qualifications of the elderly, particularly in the context of information and communication technologies (ICT) through the promotion of training adapted to the needs of this age group. The younger generations can play a role in this process, in a perspective of intergenerational learning as social, economic and cultural added value.

Taking into account the scarcity of cartoons from Portuguese authors who portray the elderly and their relationship with digital technologies, this work has a sample and a limited corpus of analysis, which implies that its results cannot be generalized.

We finalized this study by reflecting on its limitations, problems and obstacles and also with suggestions for future studies.

## Keywords

Cartoons, senior citizens, digital (il)literacy, stereotypes



# Índice

Índice de figuras .....	XIII
Índice de imagens.....	XIV
Índice de tabelas .....	XV
Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos.....	XVII
Capítulo I – Introdução e Apresentação do Estudo .....	1
1.Introdução.....	1
1.1 Denominação: velhos ou idosos?.....	2
1.2 Problemática do estudo .....	4
1.3 Contexto e objetivos do estudo .....	5
1.4 Motivação para o estudo .....	6
Capítulo II – Envelhecimento humano .....	8
2.2 Envelhecimento Demográfico a nível mundial .....	9
2.3 A questão do envelhecimento em Portugal.....	11
2.4 Consequências do envelhecimento a nível social.....	15
2.5 Estereótipos acerca do envelhecimento .....	16
Capítulo III - Potencialidade das Tecnologias de Informação e da Comunicação no processo do envelhecimento.....	20
3.1 Tecnologias de informação e da comunicação na sociedade atual .....	20
3.2 Políticas para a implementação das TIC.....	22
3.3 Os desafios do envelhecimento: oportunidades oferecidas pelas TIC .....	24
Capítulo IV – Os <i>cartoons</i> e a comunicação .....	28
4.1 O que se entende por <i>cartoon</i> : definições.....	28
Na Grécia, há alguns milhares de anos atrás, Aristóteles delineava o início de uma “filosofia” do riso quando, afirmava ser o homem o único animal que ri (Xavier, 2001).....	28
4.2 Breve resenha histórica do <i>cartoon</i> .....	29
4.3 A linguagem do <i>cartoon</i> .....	30
4.4 O <i>cartoon</i> na imprensa escrita .....	32
4.5 O Cartoonismo em Portugal e seus principais protagonistas .....	32
Capítulo V – Metodologia da investigação.....	41
5.1 Natureza do estudo.....	41
5.2 Seleção e caracterização do <i>corpus</i> de análise .....	43
5.3 Amostra .....	44
5.4 Processo de recolha de dados.....	44

5.4.1 Inquérito por questionário .....	44
5.4.2 Entrevista semiestruturada .....	45
5.5 Análise de conteúdo: análise e interpretação dos resultados .....	48
Capítulo VI – Apresentação, análise e tratamento dos dados .....	49
6.1 Tratamento e análise dos dados: Inquérito por questionário .....	49
6.2 Tratamento e análise dos dados: entrevistas semiestruturadas .....	85
6.2.1 Entrevista semiestruturada ao cartoonista .....	86
6.2.2 Entrevista semiestruturada ao psicólogo .....	92
6.3 Triangulação dos dados .....	98
Capítulo VII – Conclusão .....	102
7.1 - Conclusões do estudo .....	102
7.2 - Limitações do estudo .....	103
7.3 Proposta para estudos futuros .....	104
Bibliografia .....	105
Anexos .....	110

## Índice de figuras

<b>Figura 1</b> - Population pyramids of the less and more developed regions: 1970, 2013 and 2050.....	9
<b>Figura 2</b> - Total fertility rate: world and development regions, 1950-2050 (Fonte: UN, 2013 World Population Ageing).....	11
<b>Figura 3</b> - The top 10 for ageing (Fonte: UN, World Population Prospects: The 2010 Revision).....	11
<b>Figura 4</b> - Pirâmide etária, Portugal, 2001 e 2011 (Fonte: INE, I.P., Censos 2001 e 2011).....	12
<b>Figura 5</b> - Estrutura etária da população portuguesa 2001 e 2011 (Fonte: INE, I.P., Censos 2001 e 2011).....	12
<b>Figura 6</b> - Índice de Envelhecimento por sexo, Portugal, 1940 - 2011 (Fonte: INE, I.P., Estatísticas Demográficas 2012).....	13
<b>Figura 7</b> - Índice Sintético de Fecundidade, Portugal, 1960-2011 (Fonte: Fonte: INE, I.P., Estatísticas Demográficas 2012).....	13
<b>Figura 8</b> - Esperança média de vida à nascença por sexo, Portugal, 1980-1982 a 2009-2011.....	14
<b>Figura 9</b> - Proporção em % de Utilização de computador por grupo etário (Fontes/Entidades: INE, PORDATA 2012).....	21
<b>Figura 10</b> - - Proporção em % de Utilização de Internet por grupo etário (Fontes/Entidades: INE, PORDATA 2012).....	22

## Índice de imagens

Imagem 1 - “Zé Povinho” (Fonte: <a href="http://www.cartoonvirtualmuseum.org">www.cartoonvirtualmuseum.org</a> ) .....	33
Imagem 2 - Semanário Asmodeu, Fevereiro de 1856 (Fonte: <a href="http://amasmorrainfernaldosrsatanas.blogspot.com">amasmorrainfernaldosrsatanas.blogspot.com</a> ) .....	33
Imagem 3 - Caricatura MFA, POVO-POVO, MFA, de José Abel Manta .....	34
Imagem 4 - <i>Cartoon</i> de José Cid (Fonte: <a href="http://4.bp.blogspot.com">http//4.bp.blogspot.com</a> ) .....	35
Imagem 5 - <i>Cartoon</i> de António Antunes (Fonte: <a href="http://expresso.sapo.pt">http// expresso .sapo.pt</a> ) .....	36
Imagem 6 - <i>Cartoon</i> de António Maia (Fonte: <a href="http://www.oribatejo.pt">http// www.oribatejo.pt</a> ).....	36
Imagem 7 - <i>Cartoon</i> de Luís Afonso (Fonte: <a href="http://cdn.negocios.xl.pt">http// cdn.negocios.xl.pt</a> ) .....	37
Imagem 8 - <i>Cartoon</i> de José Bandeira (Fonte: <a href="http://www.dn.pt">http//www.dn.pt</a> ).....	37
Imagem 9 - <i>Cartoon</i> de Henrique Monteiro (Fonte: <a href="http://imgs.sapo.pt">http//imgs.sapo.pt</a> ) .....	38
Imagem 10 - <i>Cartoon</i> de André Carrilho (Fonte: <a href="http://www.voxeurop.eu">http//www.voxeurop.eu</a> ).....	38
Imagem 11 - <i>Cartoon</i> de Cristina Sampaio (Fonte: <a href="http://www.riseandshine.pt">http// www.riseandshine.pt</a> ).....	39
Imagem 12 - <i>Cartoon</i> de António Jorge Gonçalves (Fonte: <a href="http://4.bp.blogspot.com">http//4.bp.blogspot.com</a> ).....	40
Imagem 13 - <i>Cartoon</i> de Carlos Brito (Fonte: <a href="http://issuu.com">http//issuu.com</a> ).....	40
Imagem 14 - <i>Cartoon</i> 1(Fonte: <a href="http://3.bp.blogspot.com">http//3.bp.blogspot.com</a> ) .....	52
Imagem 15 - <i>Cartoon</i> 2 (Fonte: <a href="http://4.bp.blogspot.com">http//4.bp.blogspot.com</a> ) .....	55
Imagem 16 - <i>Cartoon</i> 3 (Fonte: <a href="http://4.bp.blogspot.com">http//4.bp.blogspot.com</a> ).....	58
Imagem 17 - <i>Cartoon</i> 4 ((Fonte: <a href="http://www.dn.pt">http//www.dn.pt</a> ) .....	61
Imagem 18 - <i>Cartoon</i> 5 (Fonte: <a href="http://www.dn.pt">http//www.dn.pt</a> ).....	64
Imagem 19 - <i>Cartoon</i> 6 (Fonte: <a href="http://pontofinalmacau.files.wordpress.com">http//pontofinalmacau.files.wordpress.com</a> ) .....	67
Imagem 20 - <i>Cartoon</i> 7 (Fonte: <a href="http://pontofinalmacau.files.wordpress.com">http//pontofinalmacau.files.wordpress.com</a> ) .....	70
Imagem 21 - <i>Cartoon</i> 8 (Fonte: <a href="http://www.oribatejo.pt">http//www.oribatejo.pt</a> ) .....	73
Imagem 22 - <i>Cartoon</i> 9 ( <a href="http://www.oribatejo.pt">http//www.oribatejo.pt</a> ).....	76

## Índice de tabelas

Tabela 1 - Frequência das idades dos inquiridos .....	49
Tabela 2 - Frequência de género.....	49
Tabela 3 - Situação Profissional .....	50
Tabela 4 - Análise do <i>cartoon</i> 1 .....	53
Tabela 5 -Análise do <i>cartoon</i> 2 .....	56
Tabela 6 - Análise do <i>cartoon</i> 3 .....	59
Tabela 7 - Análise do <i>cartoon</i> 4 .....	62
Tabela 8 - Análise do <i>cartoon</i> 5 .....	65
Tabela 9 - Análise do <i>cartoon</i> 6 .....	68
Tabela 10 - Análise do <i>cartoon</i> 7.....	71
Tabela 11 - Análise do <i>cartoon</i> 8.....	74
Tabela 12 - Análise do <i>cartoon</i> 9.....	77
Tabela 13 - Resumo dos resultados da análise da conotação do estereótipo presente em cada <i>cartoon</i> no total da amostra (4 grupos - D; C; J e I) .....	79
Tabela 14 - Grupo D - Conotação do estereótipo .....	80
Tabela 15 - Grupo C - Conotação do estereótipo .....	81
Tabela 16 - Grupo J - Conotação do estereótipo .....	82
Tabela 17 - Grupo I- Conotação do estereótipo.....	83
Tabela 18 - Análise de conteúdo da entrevista ao <i>cartoonista</i> .....	86
Tabela 19 - 1. Categoria: Identificação do <i>cartoonista</i> .....	87
Tabela 20 - 2. Categoria: Exploração de conceitos relacionados com o <i>cartoon</i> .....	87
Tabela 21 - 3. Categoria: Intencionalidade da utilização do <i>cartoon</i> em contexto social .....	88
Tabela 22 - 4. Categoria: Potencialidade dos <i>cartoons</i> para a sensibilização da sociedade para o envelhecimento humano.....	89
Tabela 23 - 5. Categoria: Aferir a opinião do <i>cartoonista</i> em relação ao uso das TIC pelos idosos .....	90
Tabela 24 - Análise da Categoria 6. Opinião do <i>cartoonista</i> relativamente aos estereótipos presentes no <i>corpus</i> de análise .....	90

<b>Tabela 25</b> - Análise de conteúdo da entrevista ao psicólogo.....	92
<b>Tabela 26</b> - Análise de conteúdo da categoria 1. Identificação do psicólogo	93
<b>Tabela 27</b> - Análise de conteúdo da categoria 2. Exploração do conhecimento do <i>cartoon</i> .....	93
<b>Tabela 28</b> - Análise de conteúdo da categoria 3. Intencionalidade da utilização do <i>cartoon</i> em contexto social .....	94
<b>Tabela 29</b> - Análise de conteúdo da categoria 4. Potencialidade dos <i>cartoons</i> para a sensibilização da sociedade para o tema do envelhecimento humano ...	94
<b>Tabela 30</b> - Análise de conteúdo da categoria 5. Opinião do psicólogo em relação ao uso das TIC pelos idosos .....	95
<b>Tabela 31</b> - Análise da Categoria 6. Opinião do psicólogo relativamente aos estereótipos presentes no <i>corpus</i> de análise .....	96
<b>Tabela 32</b> - Triangulação dos dados - Opinião do cartoonista, psicólogo e grupos da amostra relativamente aos estereótipos presentes no <i>corpus</i> de análise. ....	99

## **Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos**

INE – Instituto Nacional de Estatística

OMS – Organização Mundial de Saúde

ONU – Organização das Nações Unidas

UE – União Europeia

TIC - Tecnologias de Informação e Comunicação

UN – Nações Unidas



## Capítulo I - Introdução e Apresentação do Estudo

### 1. Introdução

O mundo está envelhecer e esta tendência irá intensificar-se ao longo do século XXI. No atual e exigente contexto social e económico, o envelhecimento demográfico apresenta desafios para a sociedade, especialmente ao nível do crescimento económico e da sustentabilidade financeira. A procura de um novo modo de envelhecer é um grande desafio dos tempos de hoje. Chame-se novo paradigma, novo modelo, ou seja o que for, importa mesmo é que todos nos convençamos que deve ser assim.

O envelhecimento da população representa um desafio no domínio das tecnologias digitais pois, é inquestionável, a sua importância no mundo global nomeadamente como ferramenta utilizada na comunicação dos indivíduos.

A comunicação humana desempenha um papel de fundamental relevância para o desenvolvimento da humanidade. Não é concebível, na atualidade, que haja interação entre os indivíduos sem haver comunicação. Se tal facto é importante, não se pode deixar de lado a forma através da qual a comunicação se estabelece, já que, os indivíduos se podem expressar através de diversas linguagens.

O desenho está arraigado no subconsciente do homem como comunicação social. Desde os primórdios da civilização que a informação com desenhos se mantém como produção de sentidos.

Os *cartoons* (como forma de desenho de humor) são encontrados em todos os meios de comunicação humana: revistas, jornais, internet e livros. Cada imagem, cada desenho, evidentemente, significa um registo dos factos, dos hábitos, dos costumes e tradições assim como das representações sociais sobre determinado assunto. Desta forma, os *cartoons* difundem mensagens que podem contribuir consideravelmente para que, a imagem da pessoa idosa seja associada a estereótipos negativos ou positivos.

A proposta do nosso estudo é procurar compreender de que forma é que os estereótipos - e a conotação que lhes é atribuída (negativa versus positiva) - veiculados nas mensagens dos *cartoons*, relacionados com as tecnologias de informação e comunicação (TIC) e idosos, podem contribuir para a literacia digital da pessoa idosa. Para o efeito optou-se por um estudo exploratório com características descritivas dentro de uma investigação qualitativa.

O presente estudo é constituído por sete capítulos, culminando com a conclusão, bibliografia e anexos. Os quatro primeiros capítulos formam a primeira parte em que procuram não só contextualizar o objetivo do estudo mas também efetuar a revisão de literatura sobre a temática da investigação. Os capítulos quinto e sexto, formam a segunda parte e compreendem o estudo empírico, evidenciando a metodologia utilizada e discussão dos resultados, seguindo-se, posteriormente, as principais conclusões da investigação.

No primeiro capítulo – Apresentação do estudo – fazemos referência à denominação de velhos ou idosos apresentando conceitos e definições. Definimos a problemática do estudo, contexto e objetivos e as principais motivações para a sua realização.

No segundo capítulo - Envelhecimento humano – fazemos uma revisão da literatura acerca do fenómeno do envelhecimento a nível mundial, a situação em Portugal e as consequências a nível social. Abordamos também o tema que nos leva a este estudo, os estereótipos em relação ao envelhecimento.

No terceiro capítulo – Potencialidades das tecnologias da informação e da comunicação no processo do envelhecimento – analisam-se as tecnologias da informação na sociedade atual, as diversas iniciativas que são desenvolvidas pela EU e as oportunidades oferecidas pelas TIC aos desafios do envelhecimento.

No capítulo quarto – Os *cartoons* e a comunicação – apresentamos as definições e as diferenças entre o *cartoon*, a *charge*, a *tira cómica* e a *caricatura*. Apresentamos uma revisão da literatura sobre a história do *cartoon*, a linguagem que nos transmite na imprensa escrita e o cartoonismo em Portugal.

No quinto capítulo – Metodologia da Investigação – apresenta-se o tipo de estudo, a amostra, faz-se alusão aos procedimentos formais e aos instrumentos construídos e utilizados para a recolha de dados.

No sexto capítulo – Apresentação e discussão dos resultados – caracteriza-se a amostra, analisam-se os questionários e as entrevistas e, posteriormente, procede-se à triangulação de dados.

No sétimo capítulo - Conclusão – apresentam-se as principais conclusões que emergiram da investigação, algumas limitações bem como algumas sugestões para futuras investigações nesta área.

## **1.1 Denominação: velhos ou idosos?**

O envelhecimento da população é um dos maiores triunfos da humanidade e também por certo um dos nossos grandes desafios. Ao entrarmos no século XXI, o envelhecimento global provocou um aumento de respostas sociais e económicas em todo o mundo (Souza, 2008).

Para a Organização Mundial de Saúde (OMS), são consideradas idosas, todas as pessoas com mais de 65 anos. Esta classificação é válida para os países desenvolvidos. Nos países em desenvolvimento, a idade a considerar é 60 anos (Zimerman, 2000).

De salientar, que o envelhecimento da população é um fenómeno de amplitude mundial, a OMS prevê que em 2025 existirão 1,2 bilhões de pessoas com mais de 60 anos, sendo que o grupo etário que crescerá mais será o dos indivíduos com 80 ou mais anos (Macedo, 2010).

Segundo Lima (2010: 16) “(...) existe muita polémica, em torno da designação a utilizar, para nos referirmos aos mais velhos”. A literatura científica apresenta conceitos distintos para o envelhecimento. Tais conceitos, na sua definição, consideram diferentes aspetos do desenvolvimento humano, passando pela dimensão biológica, social, psicológica e cultural. Contudo, ainda não é possível encontrar uma definição de envelhecimento que centralize os inúmeros aspetos que levam o indivíduo a envelhecer e a forma como este processo é vivenciado e assimilado pelos próprios idosos e pela sociedade em geral. Ao observar as manifestações culturais daqueles que envelhecem na contemporaneidade, identificamos mudanças significativas de hábitos, imagens, crenças e termos utilizados para caracterizar este período da vida.

O envelhecimento é um fenómeno inerente ao ciclo vital, assim como a infância, a adolescência e a adultez, e é marcado por mudanças biopsicossociais específicas, associadas à passagem do tempo. No entanto, este fenómeno complexo varia de indivíduo para indivíduo, podendo ser determinado pela carga genética ou ser influenciado pelo estilo de vida de cada um.

Encontramos também discrepâncias nas representações e significados atribuídos ao envelhecimento e ao idoso. Estudos como os de Lopes e Park (2007) destacam que, atualmente existem por um lado, imagens de pessoas idosas que procuram manter o controlo sobre os seus corpos com relativa juventude, ativos e dispostos ainda a realizar sonhos e a satisfazer os seus desejos e, por outro, imagens de velhos pobres, doentes, solitários, assexuados e excluídos da sociedade. Desse modo, coexistem diferentes imagens de velhos na sociedade contemporânea.

No que se refere à representação negativa da velhice, aos idosos, enquanto grupo, são atribuídas características depreciativas inerentes à fase da velhice como a doença crónica, a incompetência, a dependência, a incapacidade física e mental. O que esta representação pretende é homogeneizar um processo que é individual, o processo do envelhecimento.

A expressão Terceira Idade que se pode atribuir a uma criação social contemporânea, vem por oposição ao termo velho e à representação negativa que este transmite, difundir uma conotação positiva do envelhecimento. Esta nomenclatura projeta práticas individuais que promovam os cuidados com a saúde, a participação social no exercício de uma cidadania ativa e responsável procurando encarar o envelhecimento com qualidade de vida.

A necessidade de compreender estas mudanças e transformações que marcam o envelhecimento nas sociedades atuais leva-nos a refletir acerca das categorias identitárias e dos termos utilizados para descrever este processo.

A utilização do termo “velho” é associada aos sinais de decadência física e incapacidade laboral, sendo empregada vulgarmente para classificar as pessoas que possuem idade superior a 65 anos com conotação pejorativa. A partir da década de 60 o termo começa a desaparecer da redação dos documentos europeus, inicialmente em

França, que passam a substituí-lo por “idoso”, menos estereotipado. Surge mais tarde o termo “terceira idade” que legitima um envelhecimento ativo e bem-sucedido. Parece claro a contribuição decisiva dessa nova denominação para a criação e difusão de uma nova e positiva imagem da velhice.

No entanto, para nós estamos convictos de que não vale a pena usar eufemismos para nos referirmos aos idosos, “(...) porque a palavra velho não é depreciativa (podendo mesmo ser carinhosa: “meu velho”, dizem os brasileiros)”, como afirma Zimermam (2000), citado por Oliveira (2010:11). Reconhecemos que na sociedade portuguesa atual e, segundo o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, a palavra velho tem uma certa conotação depreciativa como avançado em idade; obsoleto; antigo; muito usado; antiquado. A linguagem veicula ideias e opiniões em relação a uma determinada realidade. No seguimento desta perspetiva, chamar velho a alguém é diferente de lhe chamar idoso.

De qualquer forma, no nosso ponto de vista é secundário o termo usado para nos referirmos à velhice e aos velhos. Mais importante é compreendê-los e ajudá-los.

Tendo em consideração as reflexões e convicções apresentadas anteriormente, adotaremos o termo idoso no presente estudo para nos referirmos às pessoas mais velhas.

## **1.2 Problemática do estudo**

É uma realidade incontornável que o problema social do envelhecimento resulta das transformações demográficas ocorridas na última metade do século XX nas sociedades mais desenvolvidas, as quais conduziram a um progressivo aumento da esperança média de vida e a uma acentuada redução da taxa de natalidade. Há cada vez mais idosos e cada vez menos crianças e a tendência é para o seu agravamento.

O aumento da esperança média de vida é uma das grandes conquistas do século XX e, como tal, deve ser aclamada. Ao longo da sua história o homem procurou sempre prolongar a vida. Hoje, o grande desafio que é colocado a todos, sem exceção, é o que fazer com esse aumento do número de anos que temos o privilégio de poder viver. Necessariamente tem de ser assim, porque o aumento da esperança média de vida não se traduziu, no entanto, numa melhoria da qualidade de vida dos mais idosos.

A revolução demográfica e os problemas económicos e sociais daí decorrentes, levaram a Assembleia Geral das Nações Unidas a adotar, em 1991, os Princípios das Nações Unidas para as Pessoas Idosas. Tais princípios estão ancorados na autonomia, na participação, nos cuidados, na autorrealização e na dignidade da pessoa idosa.

Por outro lado, é sabido que as TIC se têm vindo a acomodar no quotidiano de todos nós de forma irreversível. A sua influência abrange o nível individual, social e profissional de cada um, modificando ainda o tempo e o espaço, ao provocarem alterações profundas na forma de agir, de aprender e de pensar, independentemente

da idade do indivíduo. Para as crianças e jovens, chamados de “nativos digitais”, é extraordinariamente elementar criar um vínculo, de identificação, com estas ferramentas. Todavia, os idosos têm expressado uma falta de literacia digital o que os impede de assimilar e acompanhar esta nova realidade.

A velocidade a que se comunica nos dias de hoje não tem precedentes históricos. Uma imagem, quando bem elaborada, transmite a sua mensagem de forma rápida, objetiva e direta. As imagens têm um papel especial no estímulo das nossas emoções. Elas atraem o olhar e despertam os sentidos, induzindo-nos ao pensamento. Se não as compreendemos de imediato, recorreremos ao imaginário e às experiências vividas para desvendarmos o seu real significado. A interpretação vai depender da perceção e sensibilidade de cada um.

Desenho, caricatura, humor, o estilo do *cartoon* é inconfundível e único, mas o seu propósito está no atizar mudo das consciências dos indivíduos. O *cartoon*, abrange muito mais que aquele quadrado, aliás, a sua grande arma é mesmo, nesse quadrado, conseguir fazer mais pressão que muitas e infinitas linhas de texto de comentadores parciais e comprometidos com opiniões políticas e discursos carregados de boas intenções. O *cartoon*, descomprometido e solto, consegue manifestar aquilo que a sociedade quer, aquilo que a sociedade não pode e ainda aquilo que a sociedade não quer.

Estas temáticas despertaram em nós o propósito de investigar a questão do envelhecimento da população e a familiaridade dos idosos com as TIC através da perceção da conotação dos estereótipos retratados na mensagem do humor do *cartoon*.

Neste sentido, o presente estudo pretende responder à seguinte questão de investigação: «*Quais os estereótipos que são veiculados pelos cartoons quando se associam as pessoas idosas e as TIC?*»

### **1.3 Contexto e objetivos do estudo**

Ao adotar a posição de investigar, sobre a gerontologia e o envelhecimento humano, começámos por nos basear nos nossos objetivos profissionais e pessoais, tendo como alicerce as nossas capacidades intelectuais, cognitivas e afetivas.

A escolha do tema não foi tarefa fácil, uma vez que pretendíamos realizar um trabalho diferente na sua essência.

O tema sobre envelhecimento tem suscitado em nós, um particular interesse há já alguns anos. O problema de pesquisa que determinou a realização deste trabalho foi o de discutir como é que o humor traduz os estereótipos que a sociedade atribui ao processo do envelhecimento humano e às pessoas idosas e, em particular, à sua relação com as TIC.

O objetivo central deste trabalho será o de analisar os conteúdos das mensagens retratadas em *cartoons*, no que diz respeito à conotação do estereótipo negativo *versus* positivo, relacionadas com a literacia digital das pessoas idosas.

Para o efeito, pretende-se no presente estudo que sejam atingidos os seguintes objetivos:

- Averiguar quais as opiniões de diferentes autores relativamente aos estereótipos que são veiculados nos *cartoons* (cartoonista, psicólogo, estudantes das licenciaturas de Desenho e Belas Artes, Ciências da Comunicação, Jornalismo e idosos).
- Indagar qual o sentido da conotação (positiva ou negativa) da mensagem veiculada nos *cartoons* relativamente às pessoas idosas e às TIC.
- Investigar e identificar quais os aspetos que podem ser mais determinantes para uma melhor literacia digital com vista à inclusão digital das pessoas idosas.

#### **1.4 Motivação para o estudo**

As motivações pessoais e académicas para a escolha do tema, e dos temas a desenvolver no estudo, estão ancoradas no gosto pessoal pelas questões do envelhecimento e pela prática profissional diária com pessoas idosas (animação sociocultural nas respostas sociais das Estruturas Residenciais para Idosos, Centro de Dia e Apoio Domiciliário). A animação sociocultural tem nas suas premissas de base a função de alavancar os indivíduos para que se transformem em agentes e protagonistas do seu próprio desenvolvimento. Um animador sociocultural deve promover e incentivar a criação de processos de participação para que os idosos continuem a acreditar ser possível descobrir novos horizontes na vida. A prática da animação sociocultural em gerontologia tem a missão de criar uma imagem cultural alternativa à visão negativa do envelhecimento.

Encontramos também pontos comuns entre a animação sociocultural e a gerontologia, pois ambas se fundamentam nas dimensões do social, cultural e educativo. Acrescentamos ainda o facto de a animação sociocultural constituir, em nosso entender, uma vertente capaz para potenciar a gerontologia social, cultural e educativa.

Por outro lado, sabemos que o nosso conhecimento em relação à gerontologia necessita continuamente de ser aprofundado e caminha a par da pertinência da formação de profissionais em gerontologia.

Apesar do envelhecimento se constituir um tema de interesse desde a Antiguidade, o seu estudo científico na Medicina reporta-se ao século XX, sendo que inicialmente o foco principal incidiu sobre os problemas e patologias associadas ao envelhecimento. Progressivamente, assistiu-se ao crescimento do interesse demonstrado por outros ramos da ciência em relação ao fenómeno do envelhecimento.

O surgimento da gerontologia como disciplina especializada é mais complexo e difuso do que o da geriatria. Segundo Katz (1996), o termo teria sido utilizado em 1913 por Elie Metchnikoff, médico, mas limitava-se ao campo das intervenções médicas que tinham como finalidade o prolongamento da vida. Ao longo do século XX, os saberes populares, a demografia e as ciências sociais contribuíram para reconhecer a gerontologia como disciplina científica e para configurá-la como área de saber e intervenção multidisciplinar.

Featherstone e Hepworth, (1995) sugerem que o alicerce central da gerontologia social está assente na compreensão do envelhecimento como uma construção social particularmente ancorada a uma imagem negativa, cuja alteração pode ceder espaço para uma imagem positiva do mesmo processo. Desta forma, os gerontólogos passaram a defender a desconstrução das imagens negativas do envelhecimento, e a defender uma imagem positiva para o envelhecimento.

A nossa prática profissional na área da gerontologia na esfera social constituiu-se como uma mais-valia o que nos motiva na investigação.

## Capítulo II - Envelhecimento humano

### 2.1 Definição de envelhecimento

O que é envelhecer? Que sabemos sobre este fenómeno complexo? Apesar do termo “envelhecimento” nos ser familiar, já a sua definição e concetualização não é simples nem linear.

Numa sociedade global, tecnológica e, cada vez mais, envelhecida é necessário assegurar a participação de todos os indivíduos delineando respostas renovadas e inovadoras para os desafios de uma sociedade que, se por um lado, está em constante evolução e inovação científica e tecnológica, por outro está a enfrentar um progressivo envelhecimento da população.

O envelhecimento é um dos temas que está presente no quotidiano dos países desenvolvidos e em desenvolvimento, regulando o debate global sobre os aspetos sociais e as consequências para a economia. A Organização das Nações Unidas (ONU), a OMS e a Comissão Europeia têm estado atentas à problemática do envelhecimento, advertindo que este fenómeno diz respeito à população em geral, e não apenas aos idosos, e procurando promover medidas para um envelhecimento saudável e ativo da população.

Segundo Nazareth (1998:135) “(...) não se trata de uma nova praga ou doença (...), mas sim de uma simples constatação quantitativa: o número de velhos estará a aumentar preocupantemente”. Teoricamente, existem diferenças e é importante sabermos a que nos referimos quando falamos de envelhecimento. Para António (2012) a análise pode ser feita segundo duas perspetivas: 1) na perspetiva do conjunto da população, denominado envelhecimento demográfico ou populacional; 2) na perspetiva do indivíduo, entendido como envelhecimento individual. Desta forma, a primeira equivale às modificações da estrutura etária da sociedade e enfatiza o acréscimo dos indivíduos com 65 e mais anos no total da população. A segunda, centra-se mais, na ótica do indivíduo, traduz a mudança progressiva que o envelhecimento produz na estrutura biológica, psicológica e social de cada pessoa.

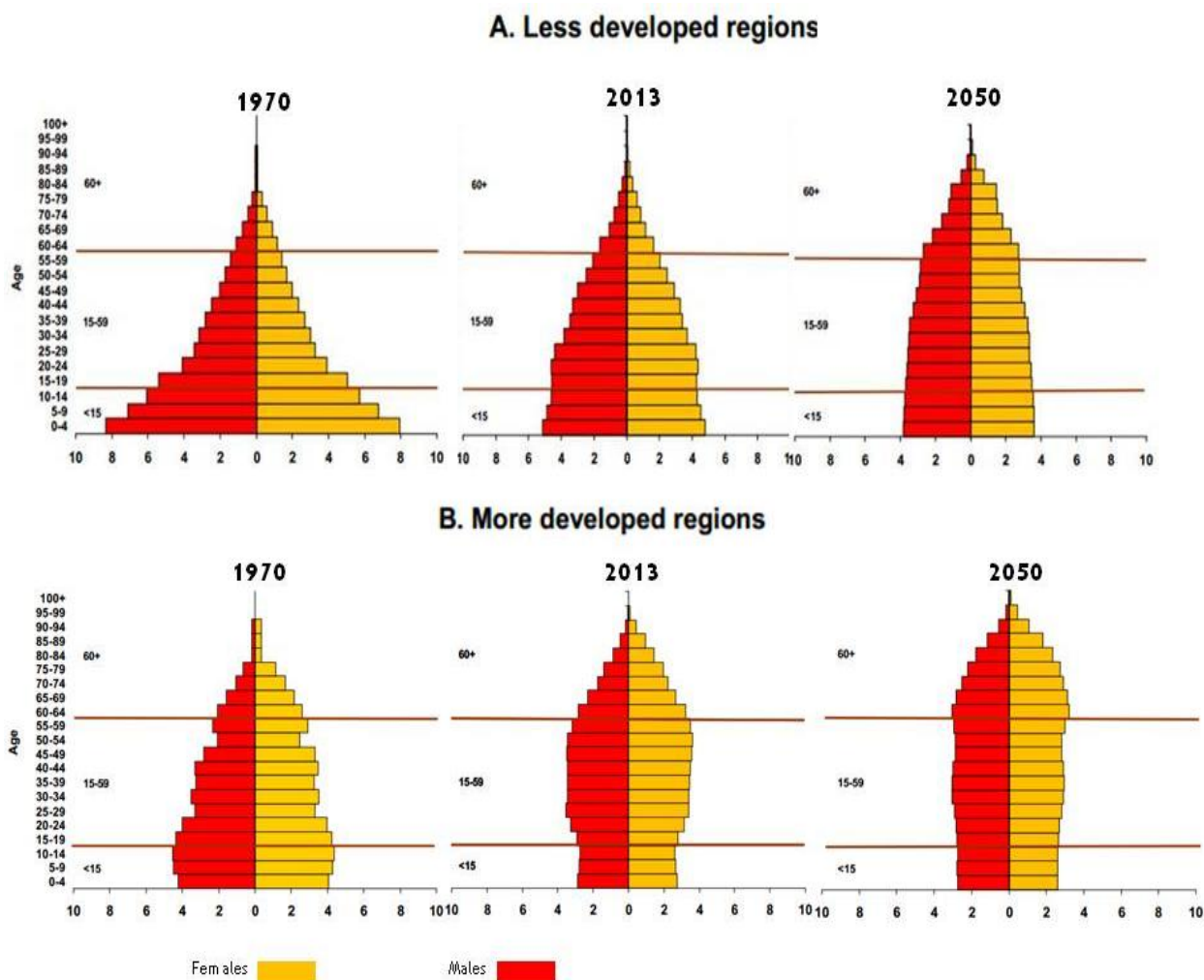
Antes de proceder a qualquer análise sociodemográfica, convém referir que, de acordo com o Instituto Nacional de Estatística (INE) são considerados idosos, todos os indivíduos, com idade igual ou superior a 65 anos. Já a OMS considera idosos os indivíduos com 60 ou mais anos. De forma a uniformizar os termos, opta-se neste estudo pela divisão etária usada pelo INE:

- população jovem: dos 0 aos 14 anos;
- população em idade ativa: dos 15 aos 64 anos;
- população em idade idosa: 65 ou mais anos.

## 2.2 Envelhecimento Demográfico a nível mundial

Um dos acontecimentos mais marcantes desde meados do século XX até aos dias de hoje pode ser considerado o processo de envelhecimento da sociedade a nível mundial. Como referido por Oliveira (2010:7), “O século XXI será certamente o século dos idosos, ao menos no mundo ocidental.”

O envelhecimento da população mundial é um fenómeno recente, sem precedentes históricos. O envelhecimento demográfico no dizer de Pinto (2001:13), “(...) é uma característica dos países desenvolvidos, sobretudo da Europa”. As alterações demográficas que caracterizam o último século serão uma herança e um desafio para as sociedades do século XXI. Se por um lado, tais alterações se traduziram na modificação, por vezes, na inversão das pirâmides etárias refletindo o envelhecimento da população, este veio corresponder a uma longevidade crescente, traduzindo-se numa conquista importante da e para a humanidade, tal como é referido por Jacob (2008:15), “O envelhecimento da população é um dos maiores êxitos da humanidade, porém é também um dos seus maiores desafios, devido às suas consequências sociais, económicas e políticas”.



**Figura 1** - Population pyramids of the less and more developed regions: 1970, 2013 and 2050  
(Fonte: UN, 2013 World Population Ageing)

Da análise dos gráficos relativos à figura 1, pode-se constatar que corresponde a uma estrutura da população onde há um progressivo aumento do envelhecimento.

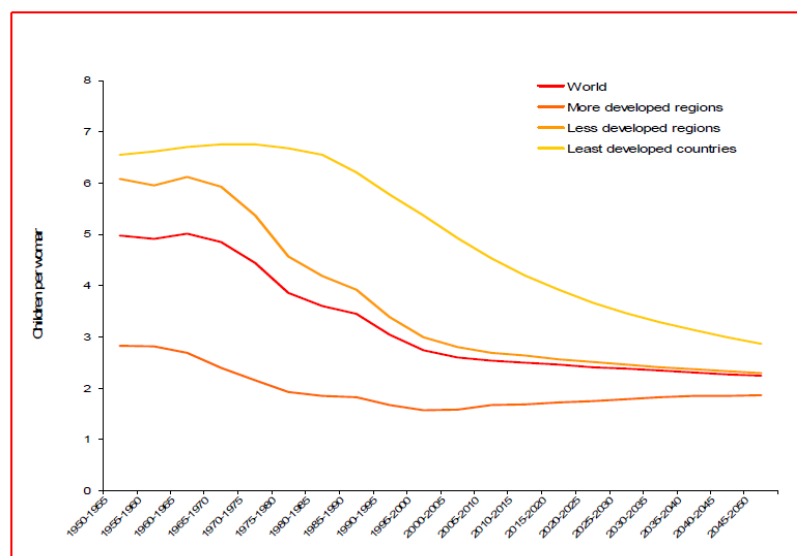
Analisando os países menos desenvolvidos (A- Less developed regions) constatamos que para o ano de 1970, a pirâmide etária assemelha-se a um triângulo de base “generosa” em relação ao corpo central e ao topo, o que nos indica o elevado número de jovens. Em 2013 a forma “triangular” da pirâmide mantém-se, no entanto, verifica-se um estreitamento da base e um alargamento do corpo central. Para 2050, as projeções para a pirâmide etária apresentam-na com uma forma retangular para a base e corpo central, havendo no entanto um decréscimo no topo, denotando o envelhecimento da população fazendo-se notar um crescimento acentuado dos grupos etários com idades superiores a 80 anos.

Fazendo uma análise semelhante para os países mais desenvolvidos (B-More developed regions) verificamos que em 1970, a pirâmide etária apresenta uma forma “triangular” que traduzia uma maior percentagem de jovens. Em 2013, a mesma pirâmide sofre um estreitamento da base que se traduz num decréscimo de jovens com idade inferior a 15 anos e a uma estabilização do corpo central, fazendo-se já notar o envelhecimento da população. Para 2050, as projeções para a pirâmide etária apontam uma forma mais retangular, denotando-se desta forma a quase uniformidade da base e do corpo central, existindo um progressivo estreitamento dos valores correspondentes aos grupos etários com idades superiores a 80 anos.

Fazendo agora uma comparação entre os países menos desenvolvidos (A) e os mais desenvolvidos (B) através da leitura da figura 1, destacamos a evolução da base da pirâmide e o aumento progressivo das faixas centrais. Podemos ainda constatar que o envelhecimento da população é um fenómeno que ocorre numa escala global, em especial nos países mais desenvolvidos onde se observa um crescimento mais acentuado do topo da pirâmide, ou seja, dos grupos etários com idades superiores a 80 anos.

Este processo é duplo, por um lado, caracteriza-se por um decréscimo de efetivos na base da pirâmide etária, onde se registam cada vez menos nascimentos e, conseqüentemente, assistimos a uma diminuição do número de pessoas em idade mais jovem, por outro lado, em paralelo, ocorre um aumento do número de pessoas com mais idade, facto que se deve ao aumento da esperança de vida.

Desta forma podemos afirmar que e, segundo Osório (2007:7), “(...) pela primeira vez na história humana, o modelo da «pirâmide» usado para refletir a evolução demográfica irá transformar-se, com uma base mais estreita, um corpo central cada vez mais largo”. Neste sentido, o envelhecimento da população, que se traduz numa maior proporção de idosos na população, é um fenómeno global resultante da associação entre o declínio nas taxas de fertilidade e reduções na mortalidade conjugadas com o aumento da longevidade.



**Figura 2** - Total fertility rate: world and development regions, 1950-2050  
(Fonte: UN, 2013 World Population Ageing)

De acordo com a divisão de população das Nações Unidas verifica-se uma diminuição das taxas de fertilidade. A figura 2 mostra-nos que a taxa de fecundidade global caiu de aproximadamente 5,0 em 1950 para valores próximos dos 2,5 para 2013 o que vem comprovar o que foi anteriormente exposto.

### 2.3 A questão do envelhecimento em Portugal

A população portuguesa segundo Almeida (2006:23), "(...) tem envelhecido sob o ponto de vista demográfico e nisso acompanha a tendência que se observa na Europa e a nível mundial". Tal facto pode ser observado na figura 3 onde constam os dez países mais envelhecidos. Neste estudo, Portugal ocupava o oitavo lugar em 2011 e a projeção para 2050 aponta para valores que poderão projetar para o segundo lugar, apenas antecedido pelo Japão que mantém o primeiro lugar.

**Countries with the highest shares of 60+ populations in 2011 and 2050 (percentage), (among countries with 2011 population of 1 million or more)**

2011		2050	
Japan	31	Japan	42
Italy	27	Portugal	40
Germany	26	Bosnia and Herzegovina	40
Finland	25	Cuba	39
Sweden	25	Republic of Korea	39
Bulgaria	25	Italy	38
Greece	25	Spain	38
Portugal	24	Singapore	38
Belgium	24	Germany	38
Croatia	24	Switzerland	37

**Figura 3** - The top 10 for ageing (Fonte: UN, World Population Prospects: The 2010 Revision)

Passaremos de seguida à análise da estrutura etária da população portuguesa através da observação da pirâmide etária para os anos de 2001 e 2011, apresentada na figura 4:

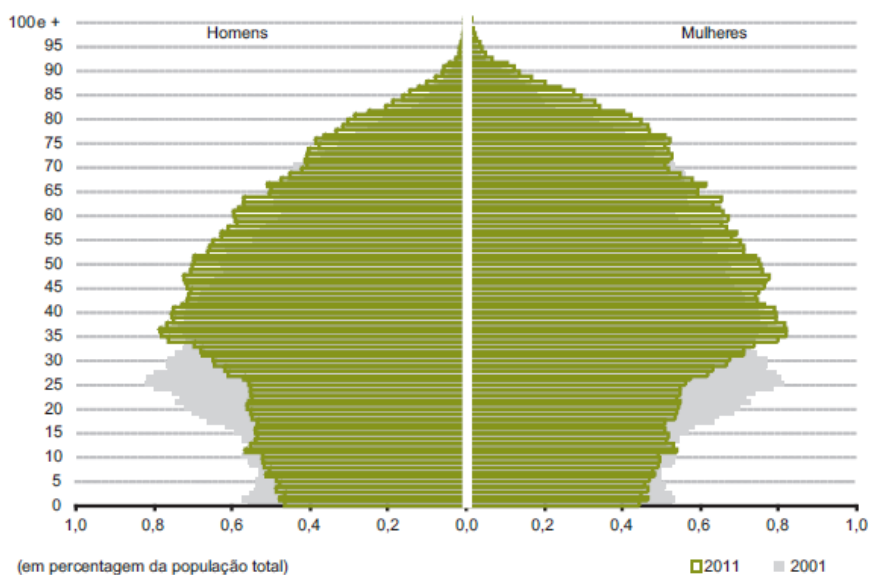


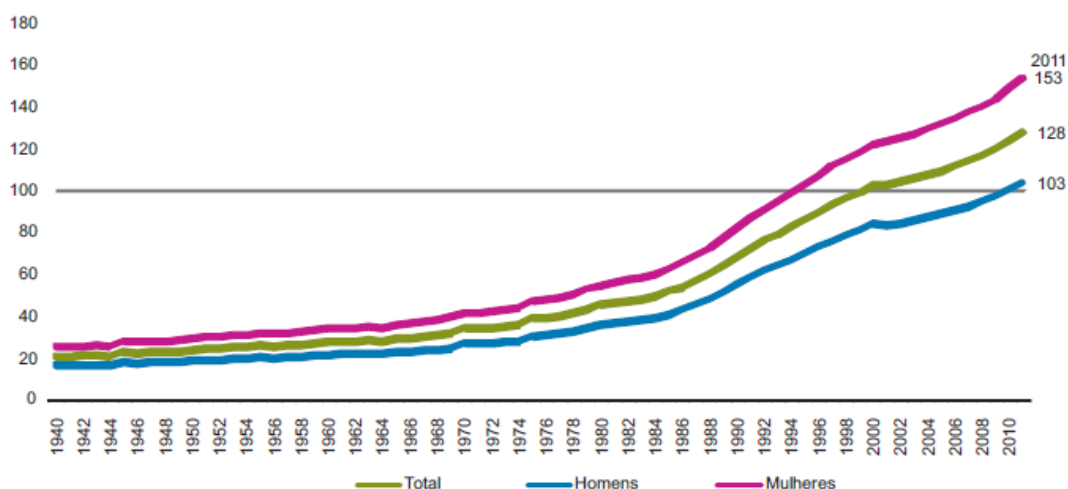
Figura 4 - Pirâmide etária, Portugal, 2001 e 2011 (Fonte: INE, I.P., Censos 2001 e 2011)

Verificamos da leitura da figura 4, que em 2011 se verifica um estreitamento da base da pirâmide etária em relação aos valores de 2001. É de salientar ainda uma diminuição de população dos grupos etários entre os 15 e os 35 anos. A diminuição da base da pirâmide, corresponde à população mais jovem e alarga-se o topo com o crescimento da população idosa, sendo de notar uma maior proporção de mulheres neste grupo.

Portugal	2001		2011	
	Nº	%	Nº	%
<b>Estrutura etária</b>				
0-14 anos	1 656 602	16,0	1 572 329	14,9
15-24 anos	1 479 587	14,3	1 147 315	10,9
25-64 anos	5 526 435	53,4	5 832 470	55,2
65 ou mais anos	1 693 493	16,4	2 010 064	19,0

Figura 5 - Estrutura etária da população portuguesa 2001 e 2011 (Fonte: INE, I.P., Censos 2001 e 2011)

Da análise da figura 5 verifica-se que a proporção de jovens (população dos 0 aos 14 anos de idade) decresceu de 16% para 14,9% da população residente total. No mesmo período, a proporção de indivíduos em idade ativa (população dos 15 aos 64 anos de idade) também se reduziu de 67,7% para 66,1%, verificando-se, simultaneamente, o aumento da percentagem de idosos de 16,4% para 19,0%.

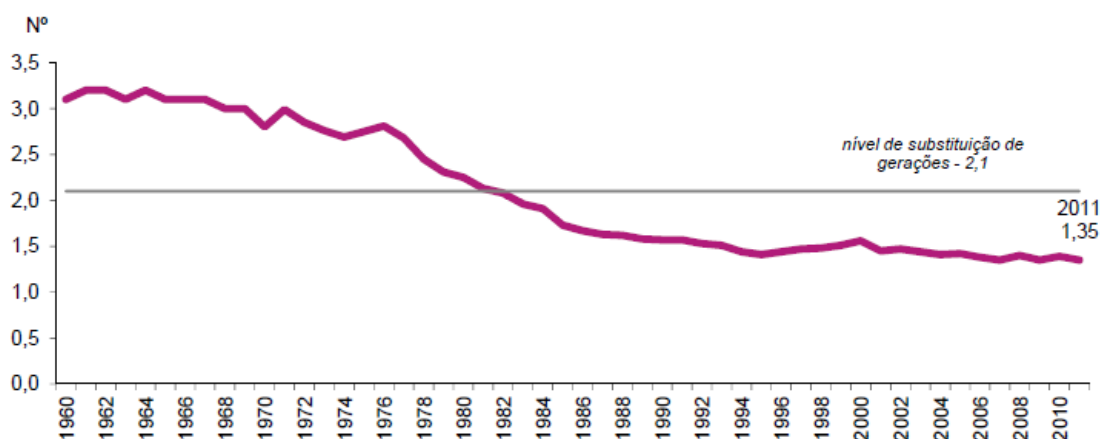


**Figura 6** - Índice de Envelhecimento por sexo, Portugal, 1940 - 2011 (Fonte: INE, I.P., Estatísticas Demográficas 2012)

Em resultado destas alterações, o índice de envelhecimento – número de idosos por cada 100 jovens – aumentou de 103 para 128 idosos por cada 100 jovens, entre 2001 e 2011 como se verifica da análise da figura 6. O fenómeno do envelhecimento populacional é mais acentuado nas mulheres, refletindo a sua maior longevidade – 103 e 153 idosos por cada 100 jovens do mesmo sexo, respetivamente para homens e mulheres, em 2011.

O envelhecimento demográfico da população é uma realidade à escala mundial. A Europa, já designada por continente grisalho, é uma das regiões mais envelhecidas do mundo e Portugal, no contexto europeu, é um dos países que observa um maior envelhecimento demográfico.

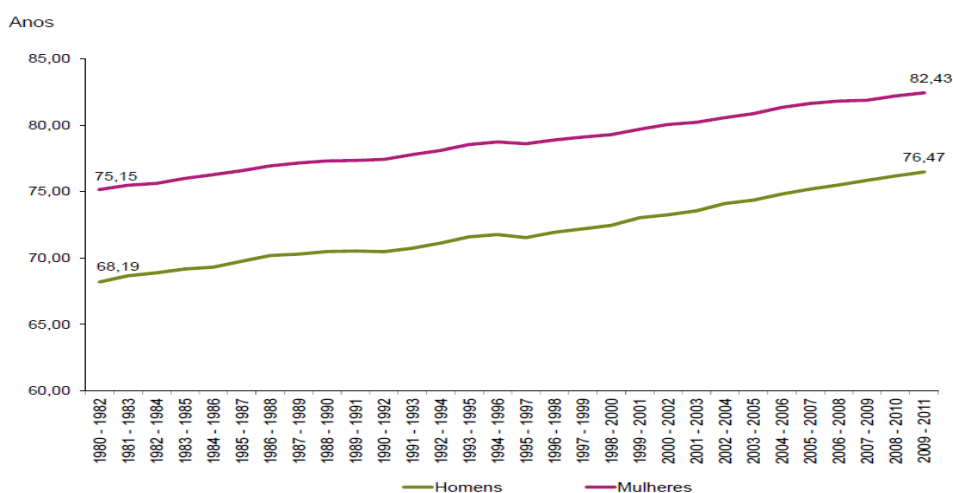
Este resulta da diminuição da mortalidade e do conseqüente aumento da esperança média de vida, mas também da redução da natalidade, que está bem evidente em Portugal através da diminuição dos níveis de fecundidade, o qual se pode observar na figura 7:



**Figura 7** - Índice Sintético de Fecundidade, Portugal, 1960-2011 (Fonte: INE, I.P., Estatísticas Demográficas 2012)

Cada mulher tinha em média cerca de 3 filhos, na década de sessenta do século XX como se verifica pela leitura da figura 8, valor que tem vindo a diminuir desde então, verificando-se desde o início da década de oitenta valores inferiores a 2,1 filhos por mulher, considerado este valor como o nível de substituição de gerações. Este indicador reduziu-se até cerca de 1,4 filhos por mulher em meados da década de noventa. Posteriormente assistiu-se a uma ligeira recuperação com o valor de 1,5 até 2000, ano a partir do qual volta a apresentar uma tendência de decréscimo, atingindo em 2011 o valor de 1,35 filhos por mulher, valor idêntico ao de 2007 e de 2009, e o mais baixo de sempre observado até agora em Portugal.

Neste contexto verifica-se que a população residente em Portugal envelheceu devido ao forte decréscimo do número de jovens e, por seu lado, as pessoas idosas registaram ritmos de crescimento acentuado (Pinto, 2001).



**Figura 8** - Esperança média de vida à nascença por sexo, Portugal, 1980-1982 a 2009-2011

Junta-se ainda ao decréscimo do número de filhos por mulher, o aumento na esperança de vida à nascença, sendo estes mais evidentes na primeira metade do século XX, resultantes, sobretudo, do declínio acentuado da mortalidade nos primeiros anos de vida. Nas últimas décadas, verificou-se uma redução progressiva no ritmo de crescimento deste indicador, beneficiando, cada vez mais, de ganhos provenientes do aumento da sobrevivência em idades avançadas.

Da leitura feita à figura 8 conclui-se que desde 1980-1982 até ao triénio 2009-2011 a esperança média de vida à nascença aumentou 7,77 anos para ambos os sexos, tendo aumentado 8,28 anos para homens e 7,28 anos para mulheres. Para o período 2009-2011, a esperança média de vida à nascença foi estimada em 79,55 anos para ambos os sexos, sendo de 76,47 anos para homens e 82,43 para mulheres. A esperança média de vida aos 65 anos atingiu, neste período, 18,75 anos para ambos os sexos. Os homens de 65 anos de idade poderão esperar viver em média mais 16,92 anos e as mulheres mais 20,20 anos.

O rápido envelhecimento demográfico, as alterações da estrutura etária da população e da própria organização social é uma das realidades que caracteriza as sociedades desenvolvidas e à qual Portugal não escapa. No entender de Cancela (2007:3) “(...) Portugal está a tornar-se num país envelhecido. O peso dos idosos na estrutura populacional tem vindo a aumentar de forma significativa, devido por um lado à diminuição dos nascimentos e por outro ao aumento da esperança de vida.”

## 2.4 Consequências do envelhecimento a nível social

À análise quantitativa feita anteriormente ao envelhecimento demográfico, vem agora juntar-se uma outra dimensão, a social. Pois, tal como afirma Rosa (1993:679), “(...) ser-se idoso não é, tal como foi no passado, uma situação excecional e tende a tornar-se cada vez mais vulgar.”

Sabemos que o envelhecimento demográfico da sociedade não é, tal como o envelhecimento biológico do ser humano, um processo inevitável. Como atrás já foi dito, o aumento do número de indivíduos com idades superiores a 65 anos promove, o que muitos autores designam, por “envelhecimento no topo” e a diminuição do número de indivíduos jovens com idades inferiores a 15 anos leva ao fenómeno que a literatura designa por “envelhecimento na base”. Tais acontecimentos apresentam-se como uma evolução indiscutível da estrutura etária da população portuguesa. Daqui resulta uma mudança na configuração da estrutura etária, a qual se apresenta cada vez menos triangular.

À indiscutível dimensão quantitativa do envelhecimento demográfico vem juntar-se uma outra dimensão, enquanto problema de sociedade, no futuro. Tal não significa, e importa dizê-lo, que exista uma relação necessária de causa-efeito entre o envelhecimento demográfico e as disfunções sociais que se adivinham. O envelhecimento demográfico é um fenómeno que apresenta importantes desafios bem como, importantes oportunidades. Quando se espera que o ciclo de vida seja maior no futuro, sustentado pelo aumento da esperança média de vida, e, se verifica a redução de número de filhos por casal, torna-se imperativo a reflexão sobre o modelo social e económico vigente.

Discutir o futuro num cenário de envelhecimento é procurar soluções para os desafios da sustentabilidade dos sistemas de segurança social e de saúde, é procurar evitar fenómenos de desemprego estrutural e exclusão dos trabalhadores idosos, é procurar saber qual o papel que queremos que o grupo etário dos idosos desempenhe na nossa sociedade, é desenvolver políticas de integração da população idosa, entre outros desafios igualmente prementes.

No entanto, e porque o envelhecimento demográfico coloca um desafio à sociedade em geral, importa, através de uma reflexão pluridisciplinar, orientar esforços no sentido de uma revisão profunda dos seus fundamentos, de modo que o

previsível aumento dos indivíduos com idades mais avançadas não conduza a uma situação de conflitualidade e de exclusão social.

Perante tal realidade, numa sociedade envelhecida, surgem oportunidades em diversos domínios. A atividade económica poderá ser dinamizada, aparecem novas necessidades de produtos e serviços, surgem novas profissões associadas ao desenvolvimento de mercados emergentes com potencial de crescimento devido às especificidades de uma população envelhecida.

É assim, face aos desafios e oportunidades colocados pelo envelhecimento, que a promoção do envelhecimento ativo se tornou num tema muito pertinente e alvo estratégico.

Pode dizer-se que nem todas as pessoas envelhecem exatamente da mesma forma e com a mesma rapidez. Paúl (1997:12) apresenta três tipos de idades, para além da idade cronológica dos indivíduos:

1) a idade biológica, medida pelas capacidades funcionais ou vitais e pelo limite de vida dos sistemas orgânicos, que vão perdendo a sua capacidade adaptativa e de autorregulação;

2) a idade social, que se refere aos papéis e hábitos que o indivíduo assume na sociedade, e na medida em que mostra os comportamentos esperados pela sua cultura, num processo dinâmico de envelhecimento e, finalmente,

3) a idade psicológica, que se refere às capacidades comportamentais do indivíduo em se adaptar ao meio.

Culturalmente é necessário promover a desconstrução dos estereótipos associados à velhice e fomentar a participação ativa deste segmento da população, ou seja, permitir o seu *empowerment*, concedendo aos idosos um maior controlo sobre as suas próprias vidas, aliado a um papel mais dinâmico na tomada de decisões nas comunidades e nas organizações a que pertencem.

## **2.5 Estereótipos acerca do envelhecimento**

Estamos perante uma realidade social transversal, que deve ser equacionada a diferentes níveis, pessoal, psicológico, social, político e económico. Trata-se pois, em qualquer dos casos, de uma nova realidade que necessita de novas respostas, que só podem decorrer de um olhar inovador sobre o lugar que os idosos ocupam e poderão vir a ocupar na sociedade contemporânea.

Apesar de não haver um momento específico que defina uma pessoa como idosa, a idade de 65 anos tem sido tradicionalmente associada a esta fase da vida, por assinalar o momento em que, nas sociedades ditas desenvolvidas e industrializadas, as pessoas geralmente deixarem o mercado de trabalho.

O envelhecimento não deve ser assumido como um problema, mas uma parte natural do ciclo de vida, sendo desejável que constitua uma oportunidade para viver de forma saudável e autónoma o mais tempo possível, o que implica uma ação integrada ao nível da mudança de comportamentos e atitudes da população em geral e da formação dos profissionais de saúde e de outros campos de intervenção social, uma adequação dos serviços de saúde e de apoio social às novas realidades sociais e familiares que acompanham o envelhecimento individual e demográfico e um ajustamento do ambiente às fragilidades que mais frequentemente acompanham a idade avançada.

O mundo apresenta-se para o indivíduo com conotações/atributos que ele próprio lhe dá, ou seja a realidade dificilmente é completamente objetiva. A estas adjetivações podemos chamar estereótipos, posição que é corroborada por Martins e Rodrigues (2004:249) ao afirmar que "(...) estereótipo é precisamente uma perceção extremamente simplificada e geralmente com ausência de matrizes".

Allport (1954) considera os estereótipos crenças exageradas que auxiliam as pessoas a simplificar as suas categorizações, possuam ou não um fundo de verdade, são reforçados pelos *mass media* que continuamente os relembram e insistem sobre os mesmos.

Os estereótipos sobre os idosos abrangem tanto o domínio físico, cognitivo, emocional e social. Entre esses estereótipos encontramos ideias relacionadas com o início da idade aos 65 anos, a associação a problemas de saúde quando se atinge esta idade, o surgimento da senilidade e da solidão Belsky (2001).

Podemos ainda associar o estereótipo a uma imagem mental muito simplificada de alguma categoria de pessoas, instituições ou acontecimentos que é partilhada, nas suas características essenciais por um grande número de pessoas (Castro, 1999). Com outras palavras define-se como um "chavão", uma opinião pré definida, uma norma corriqueira destituída de qualquer originalidade, ou seja é uma "generalização" e simplificação de convicções relativamente a um grupo de pessoas, podendo assumir uma conotação positiva ou negativa.

Define-se estereótipo positivo, como aquele que atribui características positivas a todas as pessoas de uma categoria particular, neste caso, os idosos. Contrariamente, um estereótipo negativo, atribui características negativas a todas as pessoas de uma determinada categoria, neste caso, os idosos.

Um estudo realizado na Université de Montreal por Champagne e Frennet (Dinis, 1997), permitiu identificar catorze estereótipos como os mais frequentes atribuídos aos idosos e que passamos a descrever:

- Os idosos não são sociáveis e não gostam de se reunir;
- Divertem-se e gostam de rir;

- Temem o futuro;
- Gostam de jogar às cartas e outros jogos;
- Gostam de conversar e contar as suas recordações;
- Gostam do apoio dos filhos;
- São pessoas doentes que tomam muita medicação;
- Fazem raciocínios senis;
- Não se preocupam com a sua aparência;
- São muito religiosos e praticantes;
- São muito sensíveis e inseguros;
- Não se interessam pela sexualidade;
- São frágeis para fazer exercício físico;
- São na grande maioria pobres.

Socialmente, e no caso dos idosos, a valorização dos estereótipos projeta sobre a velhice uma representação social *gerontofóbica* e contribui para a imagem que estes têm de si próprios, bem como das condições e circunstâncias que envolvem a velhice, pela perturbação que causam uma vez que negam o processo de desenvolvimento.

Berger (1995), citado por Oliveira (2010:27), identifica “(...) sete estereótipos referente a idosos: o idoso visto como uma pessoa doente, infeliz, improdutivo, necessitada de ajuda, conservadora, igual a todos os outros velhos, sofrendo de isolamento e de solidão.” É sem dúvida, contra esta conceção negativa do idoso e da velhice, que é urgente combater e desmistificar.

Torna-se, assim, pertinente o conhecimento destes estereótipos e preconceitos implícitos de forma a melhor compreender os comportamentos e atitudes face ao idoso e com isso elaborar modelos de intervenção, pois a ação profissional exige a problematização das dificuldades e carências das populações para encontrar as respostas com a finalidade de delinear estratégias, tomar decisões, planear, agir como profissional nos contextos de ação (Cachioni, 2002).

Em todo o caso, é necessário que, os idosos e a sociedade envolvente, em parceria, promovam uma cultura de respeito pela ancianidade, valorizando as capacidades dos idosos e ajudando-se a envelhecer criativamente. Segundo Lima (2010:40) “(...) a velhice não é mais do que um conceito, e os anos nada mais são do que a Terra a dar a volta ao Sol”.

As pessoas idosas vivem a sua velhice dependendo, em larga medida, do modo como a própria sociedade pensa e age perante este grupo populacional. Se a sociedade se ocupar a elevar apenas determinadas características nas pessoas como a

juventude, a beleza e disponibilidade física, então um idoso nesta sociedade vai se sentir rejeitado e excluído, vai ter preconceitos e tenderá a isolar-se.

Tal como afirma Pimentel (2001:48), “ (...) a forma como se envelhece e a maior ou menor valorização que é dada a esse processo depende mais das sociedades humanas do que da Natureza”. O valor que se atribuí à velhice é, portanto, resultado das necessidades e preferências que a sociedade tem em determinado momento, Pimentel (2001).

Fonseca (2004) fala-nos do conceito de idadismo (*ageism*) como sendo um processo de estereotipagem e discriminação relativo ao envelhecimento e às pessoas idosas que, influencia não só as próprias perceções relativas a esse processo, mas também as atitudes e decisões que são tomadas e os recursos que são atribuídos aos níveis familiar, comunitário, nacional e internacional no que às pessoas idosas diz respeito.

Com o passar dos anos, a pessoa idosa sente que com o aumento da idade emergem as incapacidades e doenças, o que lhe trará um conseqüente recurso aos serviços de saúde e, inevitavelmente, progressiva dependência e falta de autonomia (Squire, 2005). No entanto, apesar das alterações sentidas, o idoso não deixa de ser pessoa e continua a crescer, a aprender e a ter potencialidades para se adaptar a futuro, em busca de felicidade, alegria e de prazer por viver.

Neste particular, as TIC poderão constituir uma possibilidade para que o processo de envelhecimento possa ser enquadrado num contexto em que seja melhorada a qualidade de vida. As TIC podem apoiar as pessoas idosas a diminuir o seu isolamento, aumentando as possibilidades de se manterem em contato com familiares e amigos podendo, assim, alargar as suas redes sociais.

## Capítulo III - Potencialidade das Tecnologias de Informação e da Comunicação no processo do envelhecimento

### 3.1 Tecnologias de informação e da comunicação na sociedade atual

O tempo passa – arrasta novidades, cria novos hábitos e necessidades. Há poucos anos poucos usavam as tecnologias digitais e a internet, hoje é tida como um bem essencial no trabalho, na escola, no lazer. Para Castells (2001), por meio da internet, as pessoas adquirem a capacidade de transcender metas institucionais, superar barreiras burocráticas e subverter valores estabelecidos no processo de inaugurar um mundo novo.

O processo da globalização a que se assiste nas últimas décadas trouxe vantagens conhecidas, abriu um novo leque de oportunidades na vida da sociedade como as relações interpessoais, onde a economia não foi exceção. Existe maior acesso a bens de consumo, viajamos e comunicamos com mais facilidade, fazemos trocas comerciais ao minuto e podemos investir em qualquer parte do mundo. Em suma, as tecnologias da informação e comunicação (TIC) aproximaram economias, regiões e culturas, transformaram a vida das pessoas, foi através delas que muitas mudanças ocorreram na obtenção da informação e, principalmente, no que diz respeito à velocidade da comunicação dessas informações.

As TIC são geralmente associadas à comunicação, uma vez que informação implica comunicação, desta forma a tendência é utilizar a designação tecnologias de informação e comunicação. Para Azul (1998), a combinação das TI com as tecnologias de comunicação, torna possível o desempenho de certas atividades e da transmissão da informação, em qualquer localização geográfica. Para esses processos de transmissão, normalmente usam-se redes de comunicação, compostas por canais através dos quais a informação viaja, podendo ser originada e dirigida a telefones, TV, satélites, sensores, alarmes, computadores de todos os géneros, caixas automáticas, entre outros.

As sociedades atuais, devem muito ao aparecimento e propagação das TIC, em todos os níveis da vida social Azul (1998). As TIC são, nesta linha, um meio de unir pessoas, sendo necessária a interação entre os envolvidos para que resulte produtivamente o ato comunicativo (Galinha e Canez, 2010). Elas fazem parte do nosso dia-a-dia, tanto em casa como no trabalho. Abrangem as mais diversas áreas: dentro de grandes empresas e superfícies comerciais, industriais, na investigação científica, na arquitetura, na medicina, no ensino e até nos documentos pessoais e, deste modo, abrem autoestradas na sociedade da informação (Sousa, 2003).

Dentro das tecnologias digitais o computador é um instrumento de trabalho útil e eficaz que passou a resolver questões de índole institucional, profissional e pessoal. O computador é, segundo Almeida (2000:79), "(...) uma máquina que possibilita testar

ideias ou hipóteses, que levam à criação de um mundo abstrato e simbólico, ao mesmo tempo que permite introduzir diferentes formas de atuação e interação entre as pessoas”. Por conseguinte, o computador é um equipamento que assume cada vez mais diversas funções.

Quando se fala em computadores, associamo-lo à internet, produto da revolução científica e tecnológica que acompanha a globalização, tornando-se num instrumento absolutamente central para o desenvolvimento deste processo. O desenvolvimento e inovação tecnológica a que hoje se assiste, gerou um ambiente onde a utilização do computador e da internet se tornaram fundamentais à vida das populações (Duran, 2003).

A internet possibilita o acesso a praticamente tudo, a informação imediata, cultura, entretenimento diversificado, conteúdos destinados aos vários utilizadores, enfim, inúmeros segmentos. Nunca existiu meio de comunicação tão poderoso, versátil e omnipresente como a internet. Ela permite realizar, em segundos, tarefas que ainda há bem pouco tempo levavam horas ou dias, desempenhando um papel primordial na desburocratização e uma maior eficiência no âmbito de processos comerciais, administrativos, jurídicos e governativos, entre outros. Para confirmar esta evolução, apresentamos alguns dados sobre o número de utilizadores do computador por grupos etários em Portugal.

	Total	16-24	25-34	35-44	45-54	55-64	65-74
2002	27,4	55,2	40,2	27,6	19,5	8,1	2,6
2003	36,2	71,2	50,6	35,5	28,2	§	§
2004	37,2	72,7	53,9	38,1	29,2	12,6	4,0
2005	39,6	78,1	57,4	42,4	29,5	14,7	3,5
2006	42,5	82,7	63,2	44,4	32,1	16,7	4,4
2007	45,8	89,8	66,0	49,1	33,2	21,5	5,7
2008	45,9	89,6	74,0	53,3	34,8	23,2	6,1
2009	51,4	92,2	82,4	59,6	41,3	26,9	8,1
2010	55,4	94,0	82,1	66,9	46,7	32,0	12,7
2011	58,2	95,0	85,2	72,9	50,5	31,3	13,9
2012	62,4	97,1	91,0	76,8	55,5	35,5	17,0

**Figura 9** - Proporção em % de Utilização de computador por grupo etário (Fontes/Entidades: INE, PORDATA 2012)

Conforme podemos observar na Figura 9 a percentagem de utilizadores de computador nas pessoas entre os 65 e os 74 teve um aumento de 14.4% em relação ao ano de 2002 e 2012.

Quanto ao número de utilizadores da internet na mesma faixa etária houve um aumento de 15.1 % em relação aos anos de 2002 e 2012, como se pode verificar pela leitura da figura 10.

	Total	16-24	25-34	35-44	45-54	55-64	65-74
2002	19,4	42,8	30,2	17,8	11,7	4,3	1,3
2003	25,7	56,0	37,3	22,3	18,2	7,0	§
2004	29,3	63,7	42,5	29,5	20,3	8,3	§
2005	32,0	70,0	46,2	33,6	21,1	9,8	2,3
2006	35,6	75,2	53,9	36,3	24,0	12,1	3,0
2007	39,6	84,8	58,4	40,5	26,0	16,7	4,0
2008	41,9	87,4	69,5	47,3	30,5	18,7	5,2
2009	46,5	88,1	77,1	53,3	36,0	21,4	6,6
2010	51,1	89,3	79,2	62,4	40,6	27,7	10,4
2011	55,3	92,7	82,1	70,6	45,7	28,3	12,5
2012	60,3	96,8	89,6	74,3	52,2	32,7	16,4

**Figura 10** - - Proporção em % de Utilização de Internet por grupo etário  
(Fontes/Entidades: INE, PORDATA 2012)

Estes números são significativos e mostram-nos que, no cenário atual a utilização do computador e da internet é indispensável para a interação com a vida moderna, visto que estão em todos os setores da vida humana. Por isso é necessário continuar a contribuir e pensar em novas formas de incluir os idosos na sociedade da comunicação, para que não se sintam excluídos.

### 3.2 Políticas para a implementação das TIC

A velhice é assim uma construção social, para a qual contribui um conjunto de políticas voltadas especificamente para esta população. Nas sociedades atuais tais políticas, sejam de emprego, saúde, lazer ou no domínio das TIC, têm vindo a contribuir para a representação da pessoa idosa como uma categoria social ora dependente, ora tecnologicamente excluída (Dias, 2005: 249).

Para se inserir na sociedade digital o idoso precisa de ter acesso à linguagem da informática, dispondo dela para se libertar do estereótipo social que associa os idosos a indivíduos ultrapassados e fora do contexto do mundo atual. Para combater esta realidade, foram desenvolvidas políticas públicas comunitárias na última década que espelham a preocupação com este fenómeno. O senso comum admite a existência de uma série de crenças e estereótipos relativamente às capacidades das pessoas idosas. Comumente, assume-se que os idosos são mais resistentes à mudança, e têm atitudes negativas relativamente ao uso de novas tecnologias. No entanto, Czaja (1997), citado por Pew e Van Hemel (2003), realça que dados recolhidos destroem este estereótipo, mostrando que, de forma geral, os idosos são recetivos à utilização de tecnologia desde que a percebam como sendo útil e fácil de usar, e podendo usufruir de formação adequada.

Entre as diversas iniciativas, comunicações e planos de ações que são desenvolvidos pela Comissão das Comunidades Europeias destacamos, a realização em Riga da Conferência Ministerial 2006 com o tema "As TIC para uma sociedade inclusiva" para que todos os idosos consigam manter-se, socialmente independentes

no intuito de desencadear um processo de envelhecimento ativo, recorrendo às novas tecnologias.

Nesta reunião foi aprovada a Declaração Interministerial de Riga a qual apresenta um total de 46 pressupostos a implementar. Pretende-se aqui realçar apenas aqueles que têm uma relação mais estreita com a população idosa (UE, 2006):

- Pressuposto 8: relacionado com a iniciativa e-Inclusion onde se reporta aos grupos mais carenciados, onde os idosos estão incluídos.
- Pressuposto 9: a necessidade de desenvolver e explorar o potencial mercado das TIC e da Internet junto dos idosos.
- Pressuposto 10: uma atenção particular para os trabalhadores mais idosos de forma, a que melhorem as suas condições de empregabilidade através de uma melhoria das suas competências e literacia informática.
- Pressuposto 11: melhoria e facilitação das relações sociais através das TIC para um maior incremento da participação dos idosos.
- Pressuposto 12: promoção das tecnologias assistidas e de serviços baseados nas TIC ao nível da saúde, dos serviços sociais e dos serviços públicos em geral onde se incluem os cidadãos mais idosos.
- Pressuposto 20: promoção de iniciativas e de medidas que promovam a literacia digital através da educação formal e informal para grupos desfavorecidos onde os idosos estão incluídos.
- Pressuposto 41: obtenção de respostas para as necessidades dos idosos com consequentes melhorias nas suas condições de vida e em meio laboral, nos cuidados de saúde quer no domínio privado quer no domínio público.

Uma outra preocupação e recomendação inscrita nesta Declaração é a de que, cada país e cada Governo impulsionem iniciativas locais, regionais e nacionais de acordo com os contextos e necessidades das suas populações. Para o efeito e na sua sequência foi criada a iniciativa «*i2010 – a European information society for growth and employment*» que inclui linhas de atuação referente ao envelhecimento ativo, às questões relacionadas com a fratura digital associada aos aspetos geográficos tanto rural como urbano, à necessária literacia digital e competências associadas e, por último, aos aspetos ligados com as diversidades culturais.

A *Iniciativa i2010* surge como uma resposta da União Europeia (EU) na sequência dos pressupostos enunciados pela Declaração Interministerial de Riga que tem como principais objetivos a melhoria da qualidade de vida dos idosos ao nível dos cuidados de saúde, da assistência social na promoção de condições para a criação de uma base

industrial bem consolidada no domínio das TIC vocacionada para a problemática do envelhecimento dos cidadãos europeus (UE, 2007).

A Iniciativa i2010 “TIC e envelhecimento” visa atingir as seguintes áreas:

- Envelhecer bem no trabalho: este objetivo tem como principal preocupação criar condições para um envelhecimento ativo no trabalho que se venha a traduzir numa permanência mais prolongada dos cidadãos em atividade laboral com melhores condições com o auxílio das TIC na promoção de práticas inovadoras de trabalho mais flexíveis, com a aquisição de competências digitais e com uma aprendizagem assistida pelas TIC.
- Envelhecer bem na comunidade: uma outra valência que se procura atingir é que através das TIC os cidadãos possam permanecer socialmente ativos e criativos através das redes sociais digitais como forma de reduzir situações de isolamento e, em simultâneo, proporcionar o acesso aos serviços públicos e comerciais como forma de melhorar a sua qualidade de vida, especialmente, naqueles casos em que os idosos vivem em zonas rurais mas também para aqueles que vivem nas zonas urbanas cujo apoio familiar se apresenta mais limitado.
- Envelhecer bem em casa: nesta dimensão constitui principal objetivo a criação de condições para que seja aumentada a longevidade dos idosos num ambiente mais saudável e com uma melhor qualidade de vida através da utilização das tecnologias assistidas que lhes permitam graus adequados de independência, de autonomia e principalmente de dignidade.

É importante que os idosos estejam preparados e com condições para um crescimento pessoal, para lidar com os novos conhecimentos que as TIC trazem, capacitando-os assim para uma integral cidadania, para a sua emancipação e superação das desigualdades sociais (Teixeira, 2002).

### **3.3 Os desafios do envelhecimento: oportunidades oferecidas pelas TIC**

Apesar de existir um enorme desenvolvimento a nível das TIC e conseqüentemente uma crescente universalidade destas tecnologias, ainda assistimos atualmente a um estereótipo relativamente generalizado relativo à falta de recetividade e à inaptidão da população idosa relativamente à utilização destas tecnologias, Torres (2010). Se para o senso comum o envelhecimento é sinónimo de diminuição de qualidade de vida, por razões de diminuição das funções físicas e cognitivas, maior vulnerabilidade no estado geral de saúde, diminuição de rendimentos, enfraquecimento de participação em espaços de sociabilidade, desvalorização social, a par da perda de

entes queridos e amigos, a ciência tem demonstrado que a velhice pode ser um tempo de oportunidades.

Acompanhar a evolução das tecnologias digitais não é só uma atividade para jovens, mas sim para todos aqueles que se mantem com pensamento “jovem”, não importa a sua idade cronológica, mas sim uma vontade de procura do conhecimento e da aprendizagem. Vindo assim a possibilitar um novo olhar, aberto para o mundo, na procura de convivências externas, possibilitando trocas de vivências, conhecimento e atualização disponíveis nas comunidades virtuais e e-mail (Zimerman, 2000).

Em relação aos idosos e ao envelhecimento, longe de se pensar que as TIC são a solução para todos os problemas, está subjacente a constatação de que são instrumentais para a melhoria da qualidade de vida das pessoas em geral, e em particular das pessoas idosas, para a promoção da sua autonomia, independência e plena inserção e participação na sociedade moderna e igualmente ligado às situações graves de isolamento social e ou solidão.

Não obstante, vivemos num mundo cada vez mais sustentado em tecnologias, a solidão tem-se tornado num sentimento que é partilhado por cada vez mais indivíduos. É reconhecido que o uso das TIC pode aumentar a autonomia e o poder de cada um no exercício dos seus direitos e aspirações, em particular, dos mais vulneráveis da sociedade, como os idosos e que se tornam mais dependentes dos restantes concidadãos.

Se entendermos as TIC como os meios que, também podem ser facilitadores de ligação, de (re)construção de redes sociais para trocas e partilhas, independentemente da geografia, de forma sustentada em relações humanas assentes em valores de entre ajuda, poderemos usufruir deste novo instrumento de combate à solidão e, em última análise de promoção de qualidade de vida dos idosos. O exposto anteriormente é fundamentado pela proposta da Comissão Europeia (2010), na sua Estratégia para as TIC e o Envelhecimento, que considera que as TIC podem apoiar os idosos a melhorar a sua qualidade de vida, ficar mais saudáveis viver de forma independente por mais tempo e neutralizar capacidades reduzidas permitindo também, que se mantenham ativos no trabalho ou na sua comunidade.

Aqueles que ganham coragem e perdem o medo na utilização das tecnologias digitais, transformaram profundamente a sua forma de viver. Podem assim, efetuar transações financeiras, como por exemplo bancárias (consulta de saldos ou transferências), compras de bens ou serviços (livros, bilhetes de espetáculo). Comunicar, por exemplo através de correio eletrónico, mensagens instantâneas (*chats* e *Messenger*) e videoconferência, armazenar e publicar informação, quer pessoal, quer institucional, como por exemplo em *blogues* ou *sites*. Podem ainda pesquisar e aceder a informação *online*, através de jornais e revistas, horários de comboio ou viagens. À medida que o idoso se vai aperfeiçoando no uso da internet, vai apreendendo novas formas de linguagem, facilitando a comunicação com as gerações mais novas. Segundo Gil e Amaro (2011a), “(...) apesar de haver um

sentimento generalizado que os idosos não se sentem atraídos pelas TIC porque estas foram concebidas para outros fins, (...) há ainda muitos idosos que se sentem atraídos e motivados para aprender a utilizá-las.” O estereótipo de que os idosos são resistentes à utilização das TIC tem vindo a ser posto em questão desde os anos 80, com estudos como o de Ansley e Erber (1988) e McMellon e Schiffman (2002) citados em Torres (2010), têm vindo a verificar que esta população é recetiva à utilização destas tecnologias. Aspetos como o grau de acessibilidade e aceitação das novas tecnologias são cruciais para o aumento da procura e utilização das novas tecnologias por parte dos idosos.

Alm, Gregor e Newell (2002), destacam algumas formas de aplicação das TIC para benefício dos mais velhos na comunicação e conectividade social: a solidão e isolamento são, cada vez mais, aspetos vivenciados pelos mais velhos, impulsionados em grande parte pela rutura das redes familiares a que estávamos habituados. Tecnologias como o *e-mail*, videochamada, redes sociais podem ajudar a colmatar este fosso de comunicação entre idosos e seus familiares;

- Acesso à informação e serviços os idosos enfrentam por vezes, sérias dificuldades de movimentos e conseqüentemente em sair de casa. O acesso a informação e serviços, fazer compras, aceder a serviços públicos e comerciais (com dispositivos de ligação simples) sem ter de sair de casa, pode ter um papel fundamental no combate a tais limitações;
- Promoção da aprendizagem ao longo da vida: estimular a mente, e mantê-la ativa é fundamental para um envelhecimento também ativo do ser humano. Aprender a trabalhar com o computador, através de sistemas de educação e formação adequados, pode ajudar nesta atividade de estimulação mental, para além da componente direta de lazer e educação;
- Teleassistência e Telemedicina: o custo e encargos crescentes com os cuidados médicos para uma população envelhecida constituem uma preocupação atual. Desta forma, a disponibilização de sistemas eletrónicos e tecnologias de comunicação capazes de ajudar na manutenção de cuidados mesmo a longa distância, pode ser um importante contributo para este problema;
- Permanecer economicamente ativos e produtivos: As TIC podem contribuir para que isso aconteça através da criação de sistemas que permitam, por exemplo trabalhar a partir de casa.

Apesar destes dispositivos e sistemas tecnológicos estarem igualmente ao alcance e disposição dos idosos, facilitando a sua interação com o mundo exterior, principalmente quando existem limitações que os obrigam a estar fechados em casa

(Mollenkopf e Fozard, 2003), as gerações mais velhas estão ainda numa fase de adaptação gradual a esta era das TIC (Bouma, et al., 2007).

Se por um lado, as novas gerações estão familiarizadas com o uso das novas tecnologias as gerações mais velhas, sentem-se como que no meio de um “bombardeio tecnológico”. De acordo com Gil (2011), “(...) continuam a ser os cidadãos mais idosos aqueles que apresentam os índices mais baixos de literacia e de competências digitais o que faz com que se insista e se legitime uma intervenção na formação destes cidadãos no âmbito das TIC”.

Os idosos, ao contrário dos nativos digitais, não nasceram num mundo digital, pelo que têm que se adaptar à sociedade tecnológica e adquirir novas aprendizagens para que estejam mais bem informados, tenham uma maior participação social e possam manter ou reforçar os laços familiares com as gerações mais novas.

Sentem-se se analfabetos diante das novas tecnologias, demonstrando dificuldade em entender a nova linguagem e em lidar com os avanços tecnológicos, até mesmo em questões básicas como eletrodomésticos, telemóveis e caixas eletrónicas (Kachar, 2003). Ainda segundo Paulo e Tijiboy (2005) é necessária uma inclusão digital para a terceira idade, que deve agir sobre a exclusão digital que os membros desta faixa etária são submetidos. A inclusão digital de idosos possui enorme relevância e representa um desafio na atualidade pois ao começarem a usar as TIC e que estas podem proporcionar novas oportunidades de acesso a informação e serviços, ajudar os idosos a melhorar a sua qualidade de vida e saúde, a permanecer mais tempo ativos e produtivos, a viver de forma autónoma e independente, a participar ativamente na sociedade, diminuindo assim a solidão, o isolamento e a exclusão social. Baltes (1987) afirma também que a educação na velhice constitui uma importante estratégia para o envelhecimento saudável. Do que anteriormente foi exposto, sabemos, que os idosos possuem um saber acumulado decorrente da sua experiência de vida e as capacidades cognitivas necessárias ao processo de aprendizagem, de acordo com Gil e Amaro (2011b), “(...) o que importa é que se consigam conjugar e promover as condições necessárias e suficientes para que todo este *know-how* seja rentabilizado e ajustado às tecnologias/TIC.”

## Capítulo IV - Os *cartoons* e a comunicação

### 4.1 O que se entende por *cartoon*: definições

Na Grécia, há alguns milhares de anos atrás, Aristóteles delineava o início de uma “filosofia” do riso quando, afirmava ser o homem o único animal que ri (Xavier, 2001).

O humor é um dos temas que há mais tempo desperta a atenção de pensadores e pesquisadores, durante toda a História. Conceitualmente, podemos considerar o Humor Gráfico como uma linguagem especial: linguagem por trazer elementos comuns às outras linguagens conhecidas no contexto da comunicação; especial por trazer traços próprios e artísticos, como, por exemplo, a presença de imagens, distorções, ruturas discursivas. Baseado no uso da imagem, de forma intencionalmente estilizada e cómica, pode apresentar-se em forma de *charge*, *cartum*, *caricatura* e *tira cómica*, entre outras em países como o Brasil.

Por *charge* entenda-se uma ilustração que tem como objetivo principal dar opinião e, na maioria das vezes, criticar um determinado assunto. A palavra *charge* vem do francês e significa “atacar” ou “carregar”. A ilustração tem sentido em certa época com algum facto ocorrido na sociedade, é um trabalho temporal.

O *cartoon*, de certa forma, é um desenho descomprometido com humor ou carga política e social. A palavra vem do inglês “cartoon” que significa “cartão”, relata um assunto universal sem depender de contexto nenhum, apenas um tema a ser explorado, sendo assim, atemporal. O *cartoon* tem temas que podem ser entendidos em qualquer parte do mundo, pois não é um assunto de uma região particular que necessite do contexto para ser entendida. É um desenho geralmente cômico e universal.

A *caricatura*, por sua vez, tem um ar de exagero. No caso de caricatura pessoal, o artista escolhe as características mais salientes do indivíduo para exagerá-las. A palavra caricatura vem do italiano “caricare” que significa “exagerar”. A caricatura, dependendo do contexto, pode até transformar-se numa *charge* (caso tenha um sentido de atacar ou criticar alguma situação) ou pode transformar-se em *cartoon* (se simplesmente for um desenho descomprometido).

A tira cómica, por seu lado, estrutura-se em enunciados curtos, e traz um conteúdo em que predomina a crítica, com humor, a modos de comportamento, valores, sentimentos, destacando-se, portanto, nessa composição, códigos verbais e não-verbais.

Segundo Leal (2011:28), “(...) em Portugal, não há subdivisões do gênero *cartoon*”. Esse termo integra tanto a *charge*, como a *tira cómica*, como também a *caricatura*. Assim, a função comunicativa do *cartoon* na sociedade passa pela crítica humorística retratada como humor gráfico. Frisamos ainda que, no *cartoon*, sempre haverá imagem que pode estar aliada a textos verbais.

Para Riani (2002), o que diferencia o *cartoon* das outras formas de humor gráfico é o facto deste ser considerado atemporal. Isto é, a compreensão é possível em qualquer tempo. Assim, os temas são mais gerais, sem fazer referência a um conteúdo temático específico, e, também, sem haver presença de personagens conhecidos no meio social, político e cultural.

Das muitas definições que podemos encontrar de *cartoon* recorreremos à apresentada por Rabaça e Barbosa (2002:112), a qual se passa a apresentar: “(...) crítica mordaz, satírica, irónica e principalmente, humorística, do comportamento do ser humano, das suas fraquezas, dos seus hábitos e costumes”.

O significado original da palavra *cartoon* é estudo, ou esboço, e é, desde há muito, utilizada nas artes plásticas. *Cartoon*, *cartune* ou *cartum* é um desenho humorístico que pode ou não ser acompanhado de legenda ou texto, com carácter crítico, que procura retratar de forma sintetizada situações relacionadas com o quotidiano de uma sociedade.

A presença marcante do *cartoon* na cultura e na trajetória histórica das sociedades é destacada por Sousa (1995:1) que afirma: “(...) os cartoonistas estão sempre na frente. Eles apontam a verdade dos fatos ou dos personagens, sem véus e sem máscaras, são os que dizem: o Rei está nu!”. O sociólogo completa seu pensamento, afirmando: “Se você tem dúvida sobre um personagem, ou sobre um facto, olhe os cartoons e ficarás iluminado”.

## 4.2 Breve resenha histórica do *cartoon*

Segundo Saldenberg (2013), o primeiro desenho de humor que se conhece é Egípcio e está no Museu de Turin, representa animais assumindo papéis humanos e a comportarem-se, como se fossem pessoas.

Autores como Klava e Cohen (1977), identificam a origem do *cartoon* associada ao surgimento dos primeiros jornais semanários na Europa, no século XVII. O *cartoon* tem origem inglesa e está associado a um episódio ocorrido em meados do século XIX.

O termo, de origem inglesa, foi utilizado pela primeira vez em 1840, pela revista *Punch*, que publicou uma série de caricaturas que parodiavam estudos para os frescos do Palácio de Westminster e que foram adaptados para satirizar acontecimentos da política contemporânea. Este tipo de desenho é considerado uma forma de comédia e mantém o seu espaço na imprensa escrita atual e na Internet.

O *cartoon* é um género jornalístico que considera Sousa (2001:506), “(...) opinativo ou analítico”. Através do grafismo e do humor, expõe, critica, satiriza e caricatura situações e pessoas, visando sempre acontecimentos relacionados com a atualidade. Habitualmente veiculado por jornais e revistas e, também agora, pela internet, permite grande liberdade de opinião ao autor, que utiliza este meio para

expor o seu ponto de vista, permitindo, no entanto, liberdade de interpretação ao leitor.

### **4.3 A linguagem do *cartoon***

As diversas manifestações da linguagem multiplicam-se a cada dia. As necessidades de comunicação evoluem na medida em que se (re)formulam as formas de comunicação. As constantes reformulações acontecem devido às necessidades do ato de comunicar, que necessariamente se adapta à realidade do homem e da sociedade. A história da humanidade, da pré-história e da contemporaneidade, revela essas mudanças.

Sabemos, da história da evolução da espécie humana que, os homens comunicavam primordialmente através de sons e gestos. Entretanto, já na idade das cavernas, existiam recursos gráficos que podiam ser associados à linguagem oral. Naquela época, contavam as suas histórias fazendo desenhos nas paredes das cavernas (pinturas rupestres), que embora ainda não constituíssem linguagem escrita, tinham função mnemónica, ajudando a lembrar e narrar factos da vida em comunidade (Higounet, 2003).

Mais tarde, com a invenção da sintaxe, ou seja, com a invenção de diferentes elementos representativos que poderiam ser combinados para compor elementos maiores, tal como palavras complexas, frases e textos, o homem inventou a escrita. Para gravar as suas mensagens usou, então: pedra, argila e papiro. Seguidamente veio o papel, o telégrafo, o telefone e o computador, mostrando a procura por um suporte de escrita que atendesse às necessidades do homem à medida que este evoluía.

A implementação e a evolução das tecnologias de comunicação e da informação influenciam bastante o comportamento do homem. Na atualidade, o contexto social e económico exige rapidez e integração entre as pessoas, fazendo surgir suportes e formas de escrita cada vez mais dinâmicos. A escrita e a oralidade, associadas ao domínio virtual, cumprem cada vez mais o papel de mobilizar os atos comunicativos e a interligação entre as pessoas. Neste sentido, o computador trouxe inovações para a comunicação. Encurtou as distâncias e com celeridade conseguimos, através da utilização da internet, estabelecer e manter contacto com um número cada vez maior de pessoas. As redes sociais, que existem atualmente, espelham bem as mudanças que a tecnologia promoveu no comportamento das pessoas na medida em que permitem novas maneiras de interação. Ao mesmo tempo, novas opções em relação à escrita são moldadas pelas possibilidades oferecidas pelo universo virtual e pelo uso do computador.

Por conseguinte, a linguagem revela-se cada vez mais heterogénea tanto na forma como no conteúdo. Estamos envolvidos num contexto textual, que exige de nós a compreensão não apenas das frases, mas também de tudo que envolve a construção de textos, desde as estruturas linguísticas até às intenções do autor. As imagens fazem

parte de quase todos os textos que usamos diariamente, quer seja no campo pessoal, profissional ou académico. O computador, no atual contexto, permite uma maior e mais fácil circulação de imagens. Sobre isso Kress (2000:337), afirma: “(...) agora é impossível compreender os textos, até mesmo as suas partes linguísticas somente, sem ter uma ideia clara de como esses outros elementos -imagens- podem estar contribuindo para o significado do texto”.

São vários os géneros textuais que fazem parte da nossa língua, não é objetivo do presente estudo descrevê-los ou estudá-los, mas podemos perceber a presença da linguagem verbal e da imagem na sua constituição. Os *cartoons* exemplificam bem o que atrás foi exposto. Associando o verbal e o não-verbal, ou apenas utilizando a imagem, este género propõe abordar temas do cotidiano evidenciando a crítica social, através do uso de elementos que procuram provocar o humor.

Segundo o cartoonista Fernando Moretti (2001), citado por Bressanin (2007:505), o *cartoon* é definido “ (...) como uma crítica mordaz, irônica, satírica e humorística do comportamento humano, de seus hábitos e costumes.”

Nos *cartoons*, a materialidade não-verbal faz um convite à leitura rápida, pois as imagens são exageradas e as legendas que, eventualmente, as acompanha são constituídas por poucas palavras, forma que se adequa aos padrões modernos de transmissão de informação da imprensa escrita. Como refere Liebel (2005:1), “ (...) essa forma ágil, económica e aparentemente simplificada de inscrever sentidos atrai o público leitor, dado que não requer o tempo que o texto exige para a leitura, absorção e interpretação da informação. Trata-se de um discurso pictórico e, portanto, de quase imediata absorção.”

Por outro lado e segundo Romualdo (2000:53), “(...) os *cartoons* não têm a intenção de promover uma única leitura a sua força está justamente na ambivalência, na pluralidade de visões que apresentam para o leitor.” O humor tem a função simbólica de acordar a consciência social. Existem autores que propõem que o humor desconstrói os limites transformando-os num movimento de liberdade. Neste contexto e, tal como refere Eco (1989:19), “(...) así, la realización del humor funciona como una forma de crítica social. El humor siempre es, se no metalinguístico, sí metasemiótico: a través del lenguaje verbal o algún otro sistema de signos, pone en duda otros códigos culturales. Si hay una posibilidad de transgressión, está más bien en el humor que en lo cómico.

Por seu turno, o *cartoon* propõe-se ao humor estático, quer dizer, que é elaborado e resiste às mudanças do tempo e espaço, no que diz respeito ao seu contexto semântico. Pode ser elaborado num país da América do Sul no dia de hoje e ser apreciado sem perdas de cognição por um asiático no próximo ano. Isto porque esta expressão pictórica raramente traz texto escrito e procura trabalhar com elementos bastante genéricos do quotidiano. O cartoonista tem oportunidade de atuar num único plano de representação, mas deve mostrar perspicácia em materializar uma

subjetividade que deverá permanecer e servir à correta percepção a muitos, por muito tempo.

O *cartoon* pode então inserir-se no género opinião, no qual segundo Gradim (2000:95), “(...) o autor exprime pontos de vista subjetivos”, com a finalidade de afirmar determinadas posições pessoais e levar os outros a refletir e visa ainda lançar o debate e o esclarecimento do público.

#### 4.4 O *cartoon* na imprensa escrita

É comum subestimar o poder e a força de um *cartoon* pois, inconscientemente, ou de forma simplista, se vê neles, apenas, simples desenhos, muitas vezes pouco rigorosos do ponto de vista académico, que parodiam situações ou nos fazem sorrir. O cartoonista coloca a verdade na boca dos bonecos e põe a nu as fragilidades da sociedade. Em bom rigor, o *cartoon* está para além dos traços que o definem.

Deve-se avaliar o *cartoon* com a importância que ele merece e identificar nele a voz do inconformismo, da inconveniência política, da ironia, do pragmatismo, reconhecer nele a voz dos excluídos da sociedade, ou dos que procuram a liberdade, mas também o humor, mesmo que negro, mesmo que corrosivo.

Por tudo isto, na imprensa escrita atual, o *cartoon*, continua a ser publicado nos mais importantes jornais do mundo, como o “New York Times”, o “Washington Post”, o “Daily Mail”, o “Le Monde”, o “Corriere de La Sera”, o “Der Spiegel”, o “O Globo”, o “Die Welt”, o “El Pais”, ou o “Expresso”, de entre muitos outros, dando enfoque aos problemas das sociedades contemporâneas. A abordagem jornalística que o *cartoon* promove com o rasgo, humor, a simplicidade ou a profundidade de muitos *cartoons* dizem mais do que muitos editoriais, textos de análise ou opinião.

#### 4.5 O Cartoonismo em Portugal e seus principais protagonistas

Há que referir que os *Cartoons* em Portugal surgiram no século XVIII, o que se tratou de uma importação direta de gravuras satíricas, de uma adaptação do meio ibérico. A sua grande evolução deu-se no século XIX, após o triunfo do liberalismo e a proliferação da imprensa consequente. O insucesso do liberalismo tratou-se mesmo de um alvo privilegiado para os cartoonistas da época, satirizando-se através de alegorias, metamorfoses antropomórficas, realismo pictórico que evolui para o refinamento da crítica inteligente e para a exploração do pitoresco. Como o liberalismo não foi um regime pacífico nem trouxe a satisfação geral, a sátira desenvolveu-se numa oposição a todos os governantes (Sousa, 1988). O cabralismo viria a ser, inclusivamente, a primeira grande vítima do cartoonismo português.

A partir do meio do século, introduz-se o realismo pictórico, com Manuel Maria Bordalo Pinheiro e Manuel Macedo, autores que redirecionarão o cartoonismo para o refinamento da crítica inteligente e para a exploração do pitoresco, em substituição da agressividade que até aí o humor gráfico denotava.

Quando falamos de *cartoon* em português surge à cabeça, a figura de Rafael Bordalo Pinheiro e do seu “Zé Povinho”, representado no teatro da política portuguesa no dealbar do século. XX. Ele fundará uma escola que, embora inserível no naturalismo vigente, era marcada pelo exagero caricatural e pela profusão decorativa.



Imagem 1 - “Zé Povinho”

Lembremos o semanário burlesco e não político, que através dos desenhos satíricos de Francisco Augusto Nogueira da Silva, “Asmodeu”, que em 9 de Fevereiro de 1856, deu início à publicação da sátira ilustrada na imprensa nacional.



Imagem 2 - Semanário Asmodeu, Fevereiro de 1856

Em França, Charles Phillipon e em Inglaterra com John Leech, são os precursores do cartoonismo. Dai até aos nossos dias podemos encontrar milhares de páginas de jornais diários, semanários, revistas que são o registo da intensa atividade dos ilustradores portugueses do género que, manifestaram na expressão crítica das suas criações, a rebeldia contra o absolutismo, a corrupção e a má governação.

Os cartoonistas portugueses e cada um deles, à sua maneira, criam as suas obras testemunhando acontecimentos políticos, sociais e culturais sublinhando o grotesco, o ridículo, o ambíguo que julga encontrar no quotidiano experimentado que transmite a expressão contemporânea do comportamento e feição cultural de um povo, Rodrigues (1979).

Em 1868 é publicado “O Calcanhar de Aquiles”, de Rafael Bordalo Pinheiro. As caricaturas do jovem desenhador andavam, com sucesso, de mão-em-mão pelas tertúlias da época. “A Berlinda” – 1870, “Apontamentos sobre a Picaresca viagem do Imperador do Brasil pela Europa” – 1872, o jornal “O Binóculo” – 1873, publica ilustrações suas. De 1874 a 1907, fez uma série de publicações (“O Almanaque de Caricaturas”, “A Lanterna Mágica”, “António Maria”, “A Paródia”, “A Paródia – Comédia Portuguesa”). De forma caricatural, Bordalo Pinheiro, pretendeu que nos vissemos – nós portugueses – “tal e qual somos” e a ele cabem as honras do maior ilustrador satírico português.

Artistas como Cândido da Silva, Almada Negreiros, Jorge Barradas, Carlos Botelho, Bernardo Marques e outros dificilmente resistiam ao apelo sedutor da caricatura e da sátira, tínhamos entrado em pleno no século XX.

Durante o Estado Novo, a caricatura para ser publicada tinha que, necessariamente passar pelo crivo imposto pela censura e usar o conteúdo de forma subliminar.

Depois da Revolução de Abril, uma das figuras incontornáveis da caricatura como arma de arremesso é João Abel Manta. A ele são atribuídas algumas das mais singulares, elaboradas e históricas ilustrações ou desenhos caricaturais, MFA POVO, POVO MFA.



Imagem 3 - Caricatura MFA, POVO-POVO, MFA, de José Abel Manta

Do *cartoon* contemporâneo, fazem parte, entre outros autores, Augusto Cid que aos 71 anos, despede-se da colaboração de mais de 40 anos com a imprensa portuguesa. Um *cartoon* protagonizado pelos líderes da coligação que governa na atualidade Portugal, marca a sua despedida. Na sua obra soma várias distinções, entre as quais o Grande Prémio do Salão Nacional de Caricatura, o Prémio Nacional de Humor de Imprensa e o Prémio Stuart de Tira Cómica, além de mais de uma trintena de livros publicados.



Imagem 4 - Cartoon de José Cid

António Moreira Antunes, ou simplesmente António como é conhecido artisticamente, é um cartoonista e caricaturista português, nascido em Vila Franca de Xira a 12 de Abril de 1953. Formou-se em pintura na Escola António Arroio e posteriormente frequentou a Escola Superior de Belas Artes.

É do consenso geral que António é um dos melhores caricaturistas nacionais, considerado por muitos como o melhor caricaturista político português das últimas décadas.

Inicia a sua carreira de cartoonista no vespertino “República” em 1974, mais tarde António transfere-se para o “Expresso”, depois da passagem pelo “Diário de Notícias”, “A Capital”, “A Vida Mundial” e “O Jornal”. O cartoonista português arrecada um dos muitos prémios que iriam marcar a sua vida: o Grande Prémio no XX Salão Internacional de Cartoon em Montreal. Os seus trabalhos passam a ser divulgados pela agência internacional Cartoonists & Writers Syndicate no seu catálogo “Views of the World”.

Autor da animação plástica da Estação de Metro- Aeroporto de Lisboa “Figuras de Lisboa”, constituída por 50 caricaturas de personalidades relevantes da vida política, cultural e artística da cidade, realizadas em pedra encastrada.

O seu carácter de inconformismo vivo e crítica mordaz, uma enorme energia e um talento incontestado criaram aquele que é porventura o melhor caricaturista e cartoonista político nacional da atualidade que alia um humor subtil às suas criações.

No entanto é em 1993 que António Antunes se vê envolvido naquela que seria a maior polémica da sua carreira: o preservativo papal, representando João Paulo II com um preservativo pendendo do nariz.

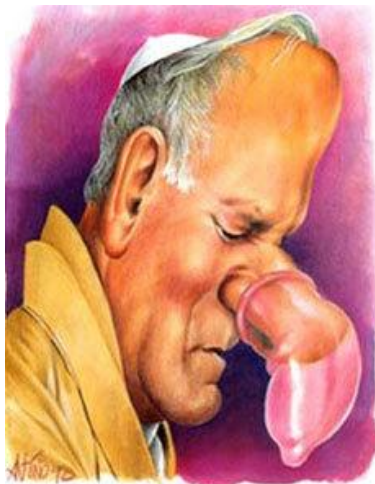


Imagem 5 - Cartoon de António Antunes

António Maia frequentou os cursos de Sociologia, Direito e História da Arte. Artista plástico e jornalista, a sua atividade divide-se entre o *cartoon* e a pintura. Começou a publicar *cartoons* em 1978 no semanário “Edição Especial”. A imensa obra é publicada em jornais como “Tempo”, “A Tribuna”, “Expresso”, “Semanário”, “A Capital”, “24 Horas” e em revistas “Fortuna”, “Vilas & Golfe” e “Golf Digest”. No presente publica *cartoons* nos jornais “Correio da Manhã”, “O Ribatejo” e “Jornal do Algarve”.

Na sua carreira conta com inúmeros prémios nacionais e internacionais. Entre os bastantes livros publicados, contam-se a série “Cartoons do Ano”, em parceria com outros cartoonistas e que se publicam desde 1999.

Como cartoonista, está representado nos museus Sammlung Karikaturen & Cartoons, Basileia, Suíça e Herausgeber-Haus der Bundesrepublik Deutschland, Bonn, Alemanha.



Imagem 6 - Cartoon de António Maia

Luís Afonso, cartoonista português nascido a 1965, formado em geografia. Colabora com o jornal português “Público” com a tira “Bartoon” e com o jornal “A Bola” com a tira diária “Barba e Cabelo”. Recebeu o Prémio Amadora Cartoon 2011, atribuído no Festival de Banda Desenhada da Amadora.



Imagem 7 - Cartoon de Luís Afonso

Igualmente dos mais importantes cartoonistas políticos da atualidade encontramos José Bandeira. A sua carreira iniciou-se em 1983 em jornais portugueses entre outros, os jornais “O Século”, “Tal e Qual”, “Diário Popular”, e “Diário de Notícias”, no qual se mantém desde então. Diariamente podemos ler a coluna Cravo e Ferradura, que já conta com dezasseis anos de atividade ininterrupta. Além disso, José Bandeira faz ainda ilustração e banda-desenhada, tendo publicado o livro Namoros, Casamentos E Outros Desencontros, com o qual arrecadou o prémio de Melhor Álbum de Tiras Humorísticas no certame da Amadora, em 2003. A este, juntou outros prémios e algumas exposições no estrangeiro. Está representado no Sammlung Karikaturen & Cartoons Basel, Suíça, e na antologia “Os melhores Cartoons Políticos da Actualidade”, edição de 1992.

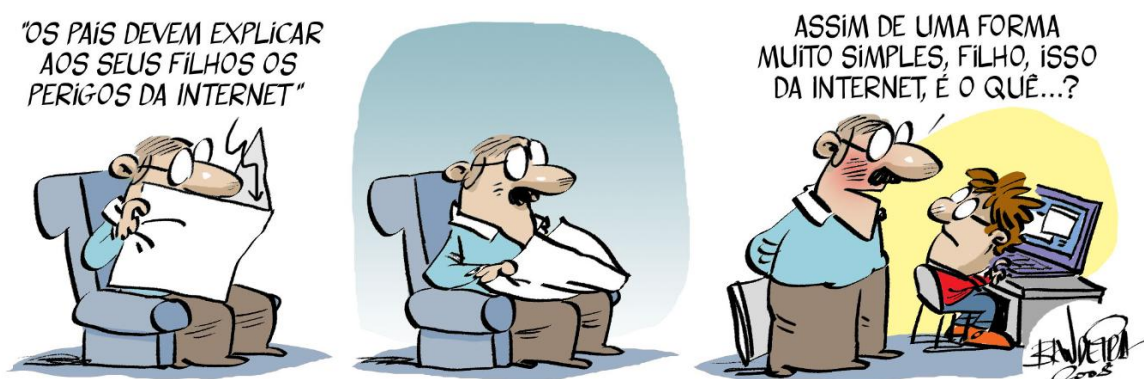


Imagem 8 - Cartoon de José Bandeira

Henrique Monteiro iniciou a sua carreira de Ilustrador no Jornal “Expresso” onde se manteve durante 9 anos. Entretanto colaborou com inúmeros jornais e revistas entre eles o “Diário de Notícias”, “Jornal de Negócios”, “Semanário Economico”, “Jornal i” e entre outras publicações como a Editora “Elo” e a “Península Press”.

Participou em inúmeras exposições coletivas nacionais e internacionais e individuais um pouco por todo o país. Foi premiado no Amadora Cartoon, em 2013, onde foi distinguido com o Prémio Carreira e premiado com o melhor álbum de Tiras, “Enorme, Brutal, Colossal 2012” lançado pela Asa, cujos trabalhos são um apanhado dos *cartoons* diários para o portal SAPO.



Imagem 9 - Cartoon de Henrique Monteiro

André Carrilho, outro grande nome do *cartoon* português da atualidade, trabalha desde 1992 como designer, ilustrador, cartoonista, animador e caricaturista, colaborando com alguns dos mais importantes jornais e revistas portuguesas. Ganhou vários prémios nacionais e internacionais e mostrou o seu trabalho em grupo ou individualmente em exposições em Portugal, Espanha, Brasil, França e Estados Unidos da América. Em 2002 o Gold Award for Illustrator's Portfolio da Society for News Design (EUA). Os seus mais recentes trabalhos incluem ilustrações para a New York Times, Harper's, The Independent On Sunday e Vanity Fair.



Imagem 10 - Cartoon de André Carrilho

Cristina Sampaio nasceu em Lisboa. Em 1985 licenciou-se em pintura na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa. Ilustra livros infantis desde 1987 e trabalha desde 1986 como ilustradora e cartunista para diversas revistas e jornais em Portugal e no estrangeiro (entre outros, Público, Expresso e Diário de Notícias, em Portugal; Courrier International, em França; Boston Globe, Wall Street Journal e New York Times, nos EUA.) Trabalhou em cenografia, multimédia e animação. As suas ilustrações foram apresentadas em várias exposições coletivas e individuais, em Portugal, no Brasil, na Alemanha, França, República Checa e Grécia. Em 2002 e em 2005 foi-lhe atribuído pela Society of News Design (EUA) o Award of Excellence. Em 2006 recebeu o Prémio Stuart de Desenho de Imprensa na categoria de Cartoon/Caricatura. Em 2007 foi-lhe atribuído o 1.º Prémio na categoria de *cartoon* editorial do World Press Cartoon.

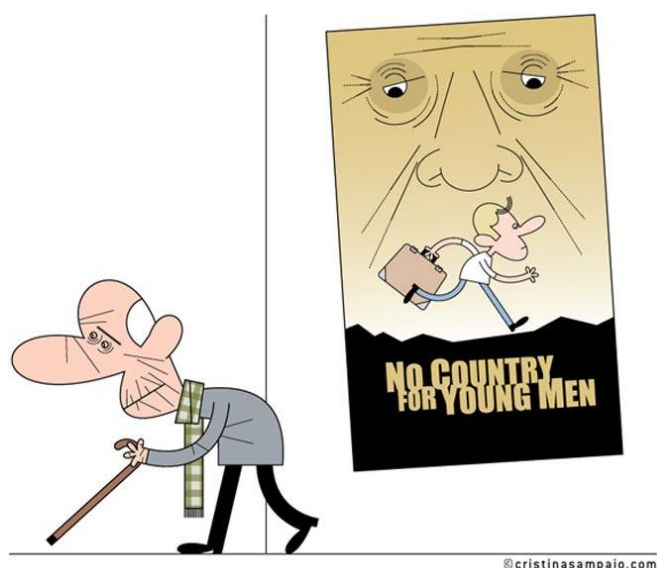


Imagem 11 - *Cartoon* de Cristina Sampaio

António Jorge Gonçalves licenciou-se em Design de Comunicação pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa e fez Mestrado em Theatre Design na Slade School of Fine Art em Londres. Leciona no mestrado em Artes Cénicas da Universidade Nova de Lisboa. Desenha semanalmente um *cartoon* editorial para “O Inimigo Público” no jorna “Público”. Publica banda desenhada em jornais e revistas, desde 1978, em Portugal, Espanha, França e Itália.



Imagem 12 - Cartoon de António Jorge Gonçalves

Carlos Alberto Brito Ferreira do Amaral participou em exposições coletivas em vários países da Europa, da América e da Ásia. Realizou algumas exposições individuais em França e Portugal. Recebeu vários prémios nacionais e internacionais, participou em júris internacionais na Grécia, Portugal, Alemanha Brasil e Dinamarca. Atualmente é vice-presidente geral da FECO, Federation of Cartoonists Organizations, que federa cerca de 2000 desenhadores de cerca de 30 países nos 5 continentes.

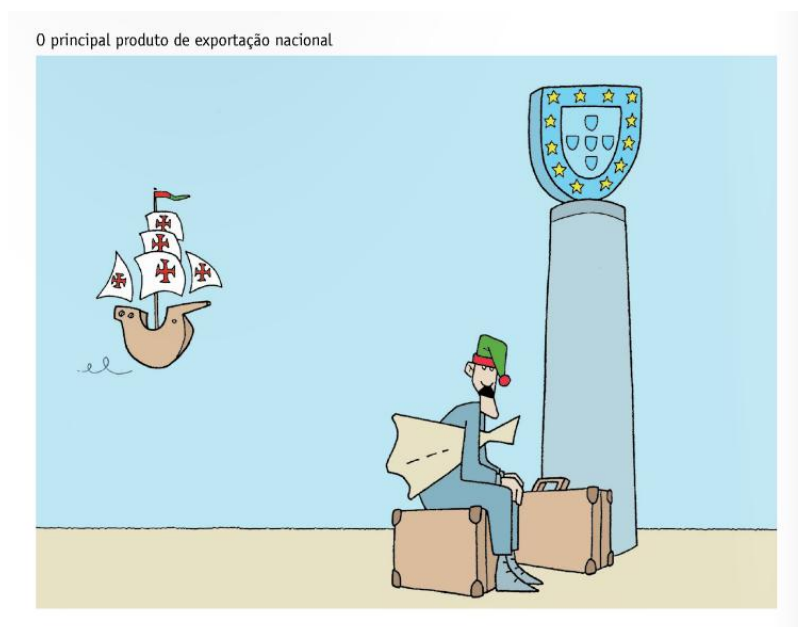


Imagem 13 - Cartoon de Carlos Brito

Após esta breve incursão pela atualidade do cartoonismo em Portugal não podemos deixar de destacar a importância que os certames “PortoCartoon” o “World Press Cartoon”, e “O World Press Cartoon Sintra” como as mais importantes exposições internacionais de desenho de imprensa em todo o mundo e do que isso representa na divulgação desta modalidade jornalística.

## Capítulo V - Metodologia da investigação

### 5.1 Natureza do estudo

Ao conhecer, caracterizar, analisar e elaborar sínteses sobre um objeto de estudo, o investigador dispõe atualmente de diversos instrumentos metodológicos. Sendo assim, o tipo de estudo que será feito dependerá de fatores como a natureza do objeto e o problema de investigação. Como refere Goldenberg (2002: 14), “(...) o que determina como trabalhar é o problema que se quer trabalhar: só se escolhe o caminho quando se sabe aonde se quer chegar”.

Dado que a escolha da metodologia se deve fazer em função da natureza do problema a estudar consideramos pertinente seguir uma metodologia de investigação qualitativa ou interpretativa, pois entendemos que seria a mais adequada para perceber os processos e os fenómenos inerentes à problemática deste estudo (Pacheco, 1995; Serrano, 2004; Denzin, Lincoln, e Col., 2006).

As investigações qualitativas privilegiam, essencialmente, a compreensão dos problemas a partir da perspetiva dos sujeitos da investigação. Neste contexto, Bogdan e Biklen (1994) consideram que esta abordagem permite descrever um fenómeno em profundidade através da apreensão de significados e dos estados subjetivos dos sujeitos pois, nestes estudos, há sempre uma tentativa de capturar e compreender, com pormenor, as perspetivas e os pontos de vista dos indivíduos sobre determinado assunto.

Poderemos dizer que o principal objetivo, destes estudos, não é efetuar generalizações, mas antes particularizar e compreender os sujeitos e os fenómenos na sua complexidade e singularidade. Os estudos qualitativos interessam-se mais pelos processos do que pelos produtos (Bogdan e Biklen, 1994; Ludke e André, 1986) e preocupam-se mais com a compreensão e a interpretação sobre como os factos e os fenómenos se manifestam do que em determinar causas para os mesmos (Serrano, 2004).

Os investigadores qualitativos abordam o mundo de forma minuciosa na tentativa de ilustrar, de forma mais completa possível, as situações e as experiências dos sujeitos. Nesta busca profunda de conhecimento da realidade todos os detalhes são importantes, deste modo, os dados recolhidos, neste tipo de investigação, são predominantemente descritivos, pois tal como referido por Bogdan e Biklen (1994: 49), “(...) descrição funciona bem como método de recolha de dados, quando se pretende que nenhum detalhe escape ao escrutínio.”

Escolher a pesquisa documental como método de recolha de dados implica trazer para a discussão uma metodologia que segundo Ludke e André (1986: 38), é “(...) pouco explorada nas áreas das ciências sociais.”

O uso de documentos em pesquisa deve ser apreciado e valorizado. A riqueza de informações que deles podemos extrair e resgatar justifica o seu uso em várias áreas das Ciências Humanas e Sociais porque possibilita ampliar o entendimento de objetos

cuja compreensão necessita de contextualização histórica e sociocultural.

O uso de documentos em pesquisa permite acrescentar a dimensão do tempo à compreensão do social. A análise documental favorece a observação do processo de maturação ou de evolução de indivíduos, grupos, conceitos, conhecimentos, comportamentos, mentalidades, práticas, entre outros, (Cellard, 2008).

De acordo com Ludke e André (1986:38), “(...)a análise documental busca identificar informações factuais nos documentos a partir de questões e hipóteses de interesse.”). Podemos ainda acrescentar que “(...) uma pessoa que deseja empreender uma pesquisa documental deve, com o objetivo de constituir um *corpus* satisfatório, esgotar todas as pistas capazes de lhe fornecer informações interessantes” (Cellard, 2008: 298).

Procurando ainda justificações que possibilitem compreender melhor o que aqui foi exposto sobre método, técnica, análise e pesquisa e relacionando esses conceitos ao campo da pesquisa documental, encontramos o posicionamento de Minayo (2008) que, ao discutir o conceito e o papel da metodologia nas pesquisas em ciências sociais, imprime um enfoque plural para a questão: “(...) a metodologia inclui as conceções teóricas de abordagem, o conjunto de técnicas que possibilitam a apreensão da realidade e também o potencial criativo do pesquisador” (Minayo, 2008: 22). Esta fundamentação aplica-se às pesquisas de um modo geral e no campo da utilização de documentos não é diferente. Portanto, pesquisa documental é um procedimento que se vale de métodos e técnicas para a apreensão, compreensão e análise de documentos dos mais variados tipos e ainda que “(...) a técnica documental vale-se de documentos originais, que ainda não receberam tratamento analítico por nenhum autor” (Helder, 2006:1-2).

Tendo em conta o que anteriormente foi exposto, é necessário, primeiramente, proceder à planificação da mesma para que sejam definidos rumos e sejam alcançados os resultados pretendidos. No processo de planificação de investigação a delimitação do objeto de estudo, o que se pretende investigar, e a definição de objetivos da pesquisa, ou seja, metas que se pretendem atingir, constituem duas fases importantes para que todo o processo de investigação seja conduzido da melhor forma. O presente estudo configura-se como um estudo exploratório com características descritivas dentro de uma investigação qualitativa. Esta perspectiva exploratória tem por objetivo, proceder ao reconhecimento de uma certa realidade e levantar hipóteses de entendimento dessa realidade, e por outro lado, no âmbito da investigação descritiva, visto estudar, compreender e explicar a situação atual do objeto de investigação (Carmo e Ferreira, 1998).

Deste modo, tendo em consideração o problema da investigação, ou seja, identificar o estereótipo (negativo *versus* positivo) veiculado pelos *cartoons* face ao uso e conhecimento das TIC por parte dos idosos. Neste sentido foi delineado o seguinte plano:

- a) Seleção dos *cartoons* para a constituição do *corpus* de análise;
- b) Construção do pré-questionário;
- c) Validação do pré-questionário e elaboração do questionário;
- d) Aplicação do questionário aos quatro grupos que constituem a amostra (alunos das licenciaturas de Belas Artes e Desenho; Ciências da Comunicação; Jornalismo e idosos);
- e) Recolha e tratamento dos dados resultantes do questionário;
- f) Realização de duas entrevistas semidiretivas procurando recolher informações de interesse para o estudo junto de um cartoonista e de um psicólogo da área da gerontologia conhecedores do problema em estudo;
- g) Tratamento, análise e interpretação dos dados recolhidos: triangulação de dados.

## 5.2 Seleção e caracterização do *corpus* de análise

O *corpus* de análise do presente estudo é constituído por imagens (*cartoons*) extraídas de inúmeros endereços eletrónicos. Assim, os exemplares a serem selecionados terão que apresentar os casos mais sugestivos e significativos para a pesquisa. Estes, por sua vez, serão agrupados em categorias distintas, de acordo com o tipo de estereótipo verificado, o que nos fornecerá uma visão mais ampla e esclarecedora acerca dos diferentes estereótipos envolvidos no processo da produção de sentido do texto do *cartoon*. Para o efeito, serão envolvidos no estudo especialistas/investigadores que colaborarão na seleção dos *cartoons* a serem utilizados nesta investigação.

O trabalho de análise dos dados da pesquisa irá ser realizado em duas fases distintas. Na primeira, preocupar-nos-emos em recolher através dos motores de busca da Internet e incidindo sobre a obra dos cartoonistas portugueses, os *cartoons*, que enfatizem a relação dos idosos com as TIC e, posteriormente, condensá-las num arquivo eletrónico. Na segunda fase, debruçar-nos-emos sobre o *corpus* ampliado constituído pelos *cartoons*. Os critérios de seleção dos *cartoons* nesta segunda fase passarão por uma leitura das imagens selecionadas que permite a identificação dos estereótipos explorados em cada um dos *cartoons*.

### 5.3 Amostra

A amostra é constituída por 24 indivíduos dos quais 18 são estudantes: 6 pertencem à licenciatura em Belas Artes e Desenho; 6 pertencem à licenciatura em Ciências da Comunicação e 6 pertencem à licenciatura em Jornalismo. Os restantes 6 indivíduos da amostra são idosos.

A seleção da amostra foi intencional uma vez que pretendíamos que a formação dos indivíduos estivesse relacionada com o objeto da investigação. São estudantes das licenciaturas de Desenho e Belas Artes, Ciências da Comunicação e Jornalismo que têm uma ligação muito estreita com o impacto e com os objetivos subjacentes aos *cartoons* que compreendem as técnicas relacionadas com o desenho e com o processo de comunicação que o *cartoon* possui. Também se incluiu idosos dado que são, eles próprios, pertencentes ao grupo alvo.

### 5.4 Processo de recolha de dados

O presente estudo tem como objetivo analisar a conotação do estereótipo das mensagens representadas nos *cartoons* em relação aos idosos face ao uso das TIC. Para a realização da pesquisa baseamo-nos nos seguintes instrumentos de recolha de dados:

1. Um questionário (validado por especialistas) aplicado a todos os inquiridos da amostra: alunos (das licenciaturas de: Desenho e Belas Artes; Ciências da Comunicação e de Jornalismo) e idosos, tendo por objetivo obter informação sobre a conotação do estereótipo das mensagens representadas nos *cartoons* em relação aos idosos face ao uso das TIC, (anexo 1).
2. Entrevistas semidiretivas a um cartoonista e a um psicólogo da área da gerontologia tendo em vista recolher opiniões sobre o *cartoon* e a utilização do humor em contexto social, (anexo 2 e 4).

#### 5.4.1 Inquérito por questionário

Podemos dizer que para Albarello (1997:85), “(...) o questionário é tanto um ponto de chegada de uma reflexão como o ponto de partida para análises ulteriores”. Segundo Tuckman (2000:100), é “(...) utilizado pelos investigadores para transformar em dados a informação recolhida mediante interrogação de pessoas (ou sujeitos) e não observando-as ou recolhendo amostras do seu comportamento”. Através deste processo, é possível medir o que uma pessoa sabe (informação ou conhecimento), o que gosta e não gosta (valores e preferências) e o que pensa (atitudes e crenças). Considera ainda Tuckman (2000:102), que “(...) esta informação pode ser transformada em números ou dados quantitativos, utilizando técnicas de escalas de

atitudes e escalas de avaliação, contando o número de sujeitos que deram determinada resposta, dando assim origem a dados de frequência”.

#### **5.4.1.1 Apresentação do questionário**

O questionário baseia-se na recolha de dados referentes às opiniões dos grupos que fazem parte da amostra acerca da conotação do estereótipo veiculado pelos *cartoons* face ao uso das TIC pelos idosos.

O questionário foi estruturado, em duas partes distintas (anexo 1). Uma parte onde é pedido a classificação do estereótipo em “negativo” ou “positivo” foi baseada numa Escala de Likert, onde os inquiridos devem assinalar com uma cruz o grau de intensidade da conotação que atribuem ao estereótipo representado, numa escala de sete níveis, em relação a cada *cartoon*. A escala de apreciação varia de acordo com o grau de intensidade da resposta e optou-se pelas seguintes classificações: 1- Muito Negativo; 2- Negativo; 3- Pouco Negativo; 4- Neutro; 5- Pouco Positivo; 6- Positivo; 7- Muito Positivo. Neste questionário é ainda pedida a justificação da escolha da conotação atribuída.

#### **5.4.1.2 Aplicação do questionário**

Inicialmente estabeleceu-se um contato informal com as três universidades onde são ministradas as licenciaturas dos alunos que compõem a amostra do estudo no sentido de informar dos objetivos do mesmo, bem como solicitar a necessária autorização e colaboração na definição da melhor estratégia de distribuição e recolha dos questionários. Ficou definido que a distribuição dos questionários seria feita pela investigadora que posteriormente faria a recolha dos mesmos.

#### **5.4.2 Entrevista semiestruturada**

A entrevista é uma técnica de recolha de dados, muito utilizada nas Ciências Sociais e Humanas, (Ander-Egg, 1985; Carmo e Ferreira, 1998; Quivy e Campenhoudt, 1998; Rosa e Arnoldi, 2008).

Das técnicas de recolha de informações disponíveis em metodologia qualitativa, Ludke e André (1986) consideram que a técnica de entrevista desempenha um papel importante na atividade científica. Como refere Patton (1990), citado por Tuckman (2000: 517), há três tipos de entrevistas que variam entre as que são totalmente informais ou de conversação e as que são altamente estruturadas e fechadas. As entrevistas qualitativas como refere Bogdan e Biklen (1994) variam quanto ao grau de estruturação, desde as entrevistas estruturadas até às entrevistas não estruturadas. No entanto, estes autores referem ainda que as entrevistas

semiestruturadas têm a vantagem de se ficar com a certeza de obter dados comparáveis entre os vários sujeitos.

Neste estudo, optou-se pelas entrevistas semiestruturadas por parecem mais adequadas neste contexto e por permitirem maior segurança à investigadora. Estas foram então conduzidas através de um guião onde se encontravam algumas questões gerais que foram sendo exploradas mediante as respostas dadas pelo cartoonista e pelo psicólogo.

Sendo a entrevista “(...) uma conversa entre o entrevistado e um entrevistador que tem o objetivo de extrair determinada informação do entrevistado” (Moser e Kalton, 1971 cit. Bell, 1997:118), permite captar a informação desejada de uma forma direta e imediata “(...) praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos” (Ludke e André, 1986: 34). A técnica de entrevista possibilita, também, ter acesso ao que as pessoas pensam sobre determinado assunto, aos seus pontos de vista, aos seus valores. No fundo permite aceder aos significados que as pessoas atribuem às coisas e às situações (Ludke e André, 1986), respeitando como refere Quivy e Campenhoudt (1992:195), “(...) os seus próprios quadros de referência – a sua linguagem e as suas categorias mentais . Deste modo, a entrevista possibilita um “(...) grau de profundidade dos elementos de análise recolhidos” que constituem uma das grandes vantagens desta técnica.

Os guiões das entrevistas foram utilizados apenas como referência e orientação para o entrevistador. Assim, o guião teve como função, por um lado, “(...) levantar uma série de tópicos” (Bogdan e Biklen, 1994:135) e não fugir, durante a entrevista, demasiado ao assunto em estudo. E, por outro lado, no desenrolar da entrevista, possibilitou ao entrevistado definir o seu conteúdo.

Foi neste quadro flexível que a investigadora se colocou quando escolheu o guião e realizou todas as entrevistas, desta investigação.

Nesta linha pode-se dizer que se tratou de uma amostra intencional na medida em que tal como ela é definida por Almeida e Freire (1997:105), “(...) determinado grupo de indivíduos ‘representa’ particularmente bem determinado fenómeno, opinião ou comportamento e, por esse facto, são escolhidos para o seu estudo”.

#### **5.4.2.1 Construção do guião da entrevista**

A entrevista ao cartoonista e ao psicólogo, anteriormente indicados, servirá para comparar e também complementar as diferentes opiniões emitidas pelos inquiridos dos quatro grupos que compõe a amostra de forma a se poder realizar a triangulação de dados.

As entrevistas foram flexivelmente orientadas por um guião contendo os pontos principais sobre a problemática desta investigação. Procurou-se aplicar todas as

questões contidas no guião, embora nem sempre pela ordem aí indicada, dependendo esta ordem do desenvolvimento da própria entrevista.

A organização do guião deve obedecer a uma estrutura principal em que o corpo da entrevista é planeado por objetivos. A cada objetivo correspondem vários itens necessários à orientação do discurso do entrevistado relativamente a cada questão (Afonso, 2005). No contexto da presente investigação, o guião abordou seis blocos temáticos. Sendo que o primeiro momento que antecede os blocos é a motivação e legitimação da entrevista; Bloco I- Identificação do psicólogo e do cartoonista; Bloco II- Introdução do tema do *cartoon*; Bloco III- Intencionalidade da utilização do *cartoon* em contexto social; Bloco IV- Potencialidade dos *cartoons* na consciencialização da sociedade para o envelhecimento da população; Bloco V- Potencialidade do uso do *cartoon* para retratar os estereótipos sociais em relação aos idosos e Bloco VI- Identificação dos estereótipos face ao uso e conhecimento das TIC presentes no *corpus* de análise e por fim dando a possibilidade para o entrevistado poder referir outros aspetos não contemplados na entrevista ou para poder comparar outras opiniões anteriormente apresentadas, através da apresentação de novas propostas e proceder aos agradecimentos por parte do entrevistador. O guião de entrevista concebido para cada um dos entrevistados encontra-se no anexo 2 e 4.

#### 5.4.2.2 O momento da entrevista

As duas entrevistas realizadas foram agendadas com antecedência e realizadas num espaço público com condições físicas para a gravação das mesmas, o que permitiu uma atmosfera descontraída. No decorrer das entrevistas procurou-se criar um clima de conforto, confiança, empatia, credibilidade e relação (Woods, 1987; Ludke e André, 1986; Bogdan em Biklen, 1994) para que o entrevistado se sentisse à vontade para falar e se expressar livremente.

Para criar este clima é importante que o entrevistador encoraje os entrevistados a falarem. Ambas as entrevistas se iniciaram com a preocupação de criar um clima de abertura e confiança com os entrevistados, dando-lhes a conhecer o tema e os objetivos do trabalho.

As informações sobre sigilo e anonimato foram sempre repetidas aos participantes no início de cada entrevista. E, após o pedido do investigador e o consentimento do entrevistado para gravar a conversa garantia-se aos informantes a possibilidade de corrigir alguma resposta após o final da entrevista ou depois da transcrição das mesmas (Woods, 1987). Dos dois entrevistados, deste estudo, nenhum manifestou a necessidade de requerer esse direito o que, nesta dimensão, contribui para a validade dos dados obtidos.

Finalmente, resta dizer que foram efetuadas duas entrevistas. Sendo uma a um reconhecido cartoonista português e outra a um psicólogo da área da gerontologia. As entrevistas oscilaram, em duração, entre cerca de 40 a 60 minutos. Todas as

entrevistas foram gravadas em áudio, pela vantagem de captar, de forma completa (Bogdan e Biklen, 1994), tudo o que os entrevistados referiam.

Após a realização de cada uma das entrevistas ia-se fazendo a sua transcrição literal. Este processo revelou-se extremamente moroso. Estima-se que, e segundo os autores, Bogdan e Biklen (1994:173), “uma entrevista de uma hora, quando dactilografada, fica em cerca de vinte a quarenta páginas de dados (...) isto significa centenas de horas do seu trabalho”. Mas, por outro lado, este processo permitiu ter um contato, atualizado e próximo dos dados que proporcionou um domínio geral e um conhecimento aprofundado de toda a informação obtida que se tornou extremamente útil na fase de categorização das informações.

De seguida, procedeu-se ao recorte do texto em unidades de registo e em unidades de contexto. As unidades de registo definem-se como “(...) o segmento mínimo de conteúdo que se considera necessário para poder proceder à análise, colocando-o numa dada categoria”, (Carmo e Ferreira, 1998:257). Podem ser unidades formais (palavra, frase, item) ou unidades semânticas (temas ou unidade de informação). As unidades de contexto definem-se como “(...)o segmento mais longo de conteúdo que o investigador considera quando caracteriza uma unidade de registo sendo a unidade de registo o mais curto ” (Carmo e Ferreira 1998:257).

## 5.5 Análise de conteúdo: análise e interpretação dos resultados

Considerando a natureza do material a explorar, a técnica de análise que nos pareceu ter potencialidades suficientes para tornar as mensagens e os conteúdos perceptíveis de acordo com os nossos objetivos de investigação foi a análise de conteúdo.

A análise de conteúdo é segundo a conhecida definição de Berelson (1952:18) “(...)uma técnica de investigação para a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação”.

Para Bardin (1979:42), a análise de conteúdo constitui: “(...) um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens”. Como afirma Chizzotti (2006:98), “(...) o objetivo da análise de conteúdo é compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas”. Com abordagem semelhante, Flick (2009:291), afirma que a análise de conteúdo “(...) é um dos procedimentos clássicos para analisar o material textual, não importando qual a origem desse material”. Para Minayo (2001:74), a análise de conteúdo é “(...) compreendida muito mais como um conjunto de técnicas”.

## Capítulo VI - Apresentação, análise e tratamento dos dados

### 6.1 Tratamento e análise dos dados: Inquérito por questionário

O tratamento dos questionários, após o seu preenchimento, irá ser feito com recurso à construção de tabelas nas quais serão apresentados os dados e posteriormente será feita a sua leitura e interpretação. O questionário utilizado (Anexo 1) foi organizado em diferentes blocos: Bloco A – Categorização da amostra, com 3 questões (questão 1- idade; questão 2- género e questão 3- situação profissional) e Bloco B – Análise dos *cartoons*. Para o efeito, a análise e tratamento dos dados irá ser feita Bloco a Bloco.

#### Bloco A – Categorização da amostra

De acordo com a tabela 1, referente às idades dos 24 inquiridos, a faixa etária mais representada é a dos 18-25 anos com 18 inquiridos, os restantes 6 pertencem à faixa etária  $\geq 65$  anos.

Tabela 1 - Frequência das idades dos inquiridos

Idade	Frequência
18 - 25	18
$\geq 65$	6
<b>TOTAL</b>	<b>24</b>

Pela observação da tabela 2, podemos concluir que a amostra é constituída maioritariamente por indivíduos do sexo feminino, com 20 indivíduos, sendo apenas 4 do sexo masculino. No presente estudo não tivemos a preocupação de manter a igualdade do número de inquiridos quanto ao género por não considerarmos que este influencie as respostas. E também pelo facto da variável género não constituir um dos objetivos da presente investigação.

Tabela 2 - Frequência de género

Género	Frequência
Feminino	20
Masculino	4
<b>TOTAL</b>	<b>24</b>

Na tabela 3, referente à situação profissional, dos 24 inquiridos 18 são estudantes e 6 são reformados. Os estudantes dividem-se em número igual, 6 alunos, distribuídos pelas licenciaturas de Belas Artes, Ciências da Comunicação e Jornalismo.

Tabela 3 - Situação Profissional

Situação Profissional			Frequência
Estudante	Belas Artes	6	18
	Ciências da Comunicação	6	
	Jornalismo	6	
Reformado			6
<b>TOTAL</b>			<b>24</b>

Relativamente a esta dimensão, a profissão foi escolhida de forma deliberada. Como é possível verificar-se, as profissões estão todas relacionadas com o objeto da investigação. São estudantes das licenciaturas de Desenho e Belas Artes, Ciências da Comunicação e Jornalismo que têm uma ligação muito estreita com o impacto e com os objetivos subjacentes aos *cartoons* que compreendem as técnicas relacionadas com o desenho e com o processo de comunicação que o *cartoon* possui.

### Bloco B – Análise dos *Cartoons*

1. Identificação do estereótipo (negativo/positivo) face ao uso e conhecimento das TIC por parte dos idosos presente em cada *cartoon*.
2. Atribuição do grau de intensidade da conotação do estereótipo

Seguidamente, vão apresentar-se as análises dos diferentes *cartoons*. Para o efeito, é apresentada uma tabela por *cartoon*. Na tabela encontram-se os diversos grupos que compõe a amostra, grupo D - alunos da licenciatura em Desenho e Belas Artes (com os indivíduos codificados de D1 a D6); grupo C - alunos da licenciatura de Ciências da Comunicação (com os indivíduos codificados de C1 a C6); grupo J - alunos da licenciatura de Jornalismo (com os indivíduos codificados de J1 a J6) e grupo I - idosos (com os indivíduos codificados de I1 a I6).

Para a análise do ponto 1- identificação do estereótipo (negativo/positivo) face ao uso e conhecimento das TIC por parte dos idosos presente em cada *cartoon* usaremos as observações recolhidas do preenchimento dos questionários por parte de cada inquirido.

Relativamente ao ponto 2- atribuição do grau de intensidade da conotação do estereótipo, usaremos uma escala de Likert que varia de 1- muito negativo; 2- negativo; 3- pouco negativo; 4- neutro; 5- pouco positivo; 6- positivo e 7- muito positivo.

O agrupamento e numeração dos *cartoons* de 1 a 9 foi aleatória por forma a que a sua apreciação fosse discreta sem o respondente se aperceber da existência de afinidades por área relacionadas com as TIC, nomeadamente:

- Literacia digital: urbano *versus* rural – *cartoons* 2 e 8
- Intergeracionalidade – *cartoon* 3
- Literacia digital – *cartoons* 1, 4, 5 e 9
- Crime e burla informática – *cartoon* 6
- Redes sociais – *cartoon* 7

A análise será feita *cartoon a cartoon* (de 1 ao 9) sendo elaborada uma tabela para cada um onde constam os grupos da amostra, como já foi referido anteriormente, composta por quatro grupos com 6 elementos cada: grupo D – alunos da Licenciatura de Desenho e Belas Artes; grupo C – alunos da Licenciatura de Ciências da Comunicação; grupo J – alunos da Licenciatura de Jornalismo e grupo I – Idosos. Nesta tabela é feito o registo da atribuição da conotação do estereótipo (negativo/positivo) por grupo e a cada *cartoon*, assim como, registadas as notas de campo recolhidas a partir das justificações dadas por cada elemento de cada grupo.

A análise feita será qualitativa com o objetivo de identificar potenciais *clusters* de opinião e respetivas categorias. De seguida, irá ser feita uma análise grupo a grupo (grupo D, grupo C, grupo J e grupo I). Posteriormente, é realizado uma análise de cada *cartoon* onde se fará a triangulação dos dados obtidos dos grupos com os dois entrevistados. Para finalizar, faremos uma análise dentro das categorias de afinidade de áreas relacionadas com as TIC (Literacia digital: urbano *versus* rural; Intergeracionalidade; Literacia digital; Crime e burla informática e Redes sociais).

## Análise dos Cartoons

### Cartoon 1



Imagem 14 - Cartoon 1

#### Enquadramento do *cartoon* 1

O *cartoon* tem o nome de Certaíra Idade. Nos elementos não verbais da imagem podemos observar dois indivíduos sentados num banco, de cor verde, que pode supõe-se ser de jardim.

Um dos indivíduos é calvo o outro tem o cabelo muito claro, provavelmente branco. Ambos usam óculos, têm uma figura curvada, queixo pronunciado, boca com alguns vincos e recolhida que sugestiona a provável falta de peças dentárias. A roupa limita-se a camisa e calça de modelo tradicional para ambos. Um dos indivíduos tem no colo uma imagem que se assemelha à de um computador portátil.

Nos elementos verbais da imagem podem ler-se as seguintes frases:

“GOSTEI DOS DISCURSOS DE 25 DE ABRIL DOS EX-PRESIDENTES EANES, SOARES E SAMPAIO. EU TAMBÉM. E DO CAVACO, NÃO GOSTASTE? ESSE NÃO OUVI. VOU LER NO FACEBOOK!”

Tabela 4 - Análise do *cartoon* 1

Grupo	Grau de intensidade da conotação do estereótipo							Observações
	1	2	3	4	5	6	7	
<b>D</b>								Alunos da Licenciatura em Desenho e Belas Artes
D1						X		(...) acesso às redes sociais (...); (...) conhecimento (...)
D2							X	(...) aproximação dos idosos à tecnologia (...)
D3						X		(...) certa ligação do idoso com a tecnologia (...)
D4						X		(...) ligados às redes sociais e às novas tecnologias (...)
D5						X		(...) idoso mais perto das redes sociais (...)
D6							X	(...) proximidade com as redes sociais (...)
<b>C</b>								Alunos da Licenciatura de Ciências da Comunicação
C1						X		(...) utilização das TIC (...)
C2						X		(...) vontade em atualizar-se (...)
C3						X		(...) acesso e aprendizagem das TIC melhora o estado de solidão (...)
C4						X		(...) conhecimento das redes sociais (...)
C5						X		(...) idosos capazes de acompanhar as redes sociais (...)
C6						X		(...) interesse pelas TIC (...)
<b>J</b>								Alunos da Licenciatura em Jornalismo
J1						X		(...) TIC presentes no quotidiano dos idosos (...)
J2						X		(...) idosos à vontade com as TIC (...)
J3						X		(...) conhecimento das redes sociais (...)
J4						X		(...) conhecimento das TIC (...)
J5						X		(...) redes sociais como ferramenta dinâmica para os idosos (...)
J6						X		(...) acesso às TIC (...)
<b>I</b>								Idosos
I1						X		(...) acesso às redes sociais (...)
I2							X	(...) assinalável familiarização com as TIC (...)
I3							X	(...) acesso à informação através da utilização da plataforma Facebook.
I4							X	(...) utilização do facebook para obtenção de informação (...)
I5						X		(...) facebook como fonte de informação (...)
I6							X	(...) utilização da tecnologia de forma adequada (...)

Da análise da tabela 4 referente ao *cartoon* 1 retira-se que dos 24 inquiridos:

- 6 atribuem 7 (muito positivo) ao grau de intensidade do estereótipo sendo que 2 pertencem ao grupo D e 4 ao grupo I;
- 18 atribuem 6 (positivo) ao grau de intensidade do estereótipo sendo que 4 pertencem ao grupo D; 6 ao grupo C; 6 ao grupo J e 2 ao grupo I.

Podemos assim concluir que o estereótipo veiculado pelo *cartoon* 1 têm uma conotação positiva.

### **Análise de *Clusters* por grupos da amostra:**

#### **Grupo D**

- ✓ Redes sociais
- ✓ TIC e Idosos

#### **Grupo C**

- ✓ Redes sociais
- ✓ Utilização das TIC
- ✓ Acesso às TIC
- ✓ Solidão

#### **Grupo J**

- ✓ TIC nas rotinas diárias
- ✓ Redes sociais

#### **Grupo I**

- ✓ Redes sociais/facebook
- ✓ Utilização das TIC
- ✓ TIC nas rotinas

A interpretação dos *clusters* sugere que a mensagem veiculada pelo *cartoon* possa ser: “a importância das redes sociais para os idosos e a incorporação destas nas rotinas diárias”.

A categoria “redes sociais” consta em todos os grupos (D, C, J, I) e a categoria “TIC nas rotinas” está presente nos grupos J e I.

## Cartoon 2



Imagem 15 - Cartoon 2

### Enquadramento do *cartoon 2*

Nos elementos não verbais da imagem é feita uma sugestão ao ambiente rural com a representação de uma árvore, dois animais que pelas características físicas um se pode identificar como uma vaca e outro com um cão. Uma casa rústica de traço que se assemelha ao usado no Alentejo (chaminé; cor branca e configuração das portadas). Na imagem podemos ainda observar dois indivíduos que aparentemente saem de um carro preto e estão vestidos de fato escuro com camisa e gravata que se presume um poder ser membro do governo e o outro com um chapéu na mão fazer alusão à profissão de motorista. O outro indivíduo fisicamente está retratado em posição mais curvada, calças, colete e chapéu de cor escura. Esta personagem poderá ser associada a um indivíduo (não jovem), residente em ambiente rural e que pelo discurso linguístico desconhecedor dos termos relacionados com as TIC.

Nos elementos verbais da imagem pode ler-se :

“EFIGÊNIA!! ESTÁ AQUI UM TIPO DO GOVERNO QUE QUER SABER SE TEMOS INTERPRET OU INTREMET.. PARA PAGAR O SELO DO CARRO!”

Tabela 5 -Análise do *cartoon* 2

Grupo	Grau de intensidade da conotação do estereótipo							Observações
	1	2	3	4	5	6	7	
<b>D</b>								Alunos da Licenciatura em Desenho e Belas Artes
D1		X						(...) idosos rurais com pouca sabedoria da internet (...)
D2		X						(...) velho ignorante nas tecnologias (...)
D3		X						(...) desconhecimento dos termos relacionados com as TIC (...)
D4			X					(...) nem todos os idosos estão associados às TIC (...)
D5		X						(...) idosos rurais ignorantes nas TIC(...)
D6		X						(...) desconhecimento da internet por parte dos idosos do campo (...)
<b>C</b>								Alunos da Licenciatura de Ciências da Comunicação
C1		X						(...) idosos rurais sem acesso às TIC (...)
C2		X						(...) exagero quanto à ignorância dos idosos face às TIC (...)
C3		X						(...) necessidade de formação para utilizar a internet (...)
C4	X							(...) desconhecimento dos termos informáticos (...)
C5		X						(...) idosos rurais não conseguem lidar com as TIC (...)
C6	X							(...) analfabetismos em relação às TIC (...); (...)idoso rural(...)
<b>J</b>								Alunos da Licenciatura em Jornalismo
J1		X						(...)generalização do analfabetismo tecnológico da população idosa(...)
J2		X						(...) desconhecimento dos termos informáticos (...)
J3		X						(...) falta de literacia tecnológica por parte dos idosos rurais (...)
J4		X						(...) idoso rural ignorante (...)
J5		X						(...) dificuldade no uso da internet (...); (...) idoso rural(...)
J6		X						(...) idosos rurais sem conhecimento das TIC (...)
<b>I</b>								Idosos
I1	X							(...) desconhecimento da existência da internet (...)
I2	X							(...) desconhecimento total das TIC (...)
I3	X							(...) ignorância da existência da internet pelo idoso do campo (...)
I4		X						(...) idoso rural desconhecedor das TIC (...)
I5		X						(...) desconhece a palavra correta (...); (...)idoso do campo(...)
I6	X							(...) idosos rurais sem acesso às TIC (...)

Da análise da tabela 5 referente ao *cartoon* 2 retira-se que dos 24 inquiridos:

- 1 atribuiu 3 (pouco negativo) ao grau de intensidade do estereótipo sendo que pertence ao grupo D;
- 17 atribuem 2 (negativo) ao grau de intensidade do estereótipo sendo que 5 pertencem ao grupo D; 4 ao grupo C; 6 ao grupo J e 2 ao grupo I;
- 6 atribuem 1 (muito negativo) ao grau de intensidade do estereótipo sendo que 2 pertencem ao grupo C e 4 ao grupo I.

Podemos assim concluir que o estereótipo veiculado pelo *cartoon* tem uma conotação negativa.

### **Análise de *Clusters* por grupos da amostra:**

#### Grupo D

- ✓ Idosos rurais
- ✓ Iliteracia digital

#### Grupo C

- ✓ Iliteracia digital
- ✓ Idosos rurais

#### Grupo J

- ✓ Iliteracia digital
- ✓ Idosos rurais

#### Grupo I

- ✓ Iliteracia digital
- ✓ Idosos rurais

A interpretação dos *clusters* sugere que a mensagem veiculada pelo *cartoon* possa ser: “os idosos rurais têm dificuldade no acesso às TIC e por isso possuem iliteracia digital”.

A categoria “idosos rurais” consta em todos os grupos (D, C, J e I) assim como a categoria “iliteracia digital”.

### Cartoon 3



Imagem 16 - Cartoon 3

#### Enquadramento do cartoon 3

Nos elementos não verbais da imagem estão representadas três figuras com características humanas. Um dos indivíduos é calvo, usa óculos, tem a perna direita curvada com o joelho curvado, queixo pronunciado, boca recolhida que sugestiona a provável falta de peças dentárias, o bigode é branco e cinza. A indumentária é composta por calça, casaco, camisa e gravata em modelos tradicionais. Outro dos indivíduos tem na mão uma imagem que se assemelha à de um computador portátil (que sugestiona, pela cor e desenho, o computador *Magalhães*). Esta representação do indivíduo sugestiona as *Aventuras de Tintim* e do seu cão *Milu* da Banda Desenhada. A personagem mais jovem da figura tem características de uma criança.

Nos elementos verbais da imagem pode ler-se:

“ É DOS 7 AOS 77! É PRÓ NETINHO E PRÓ VOVÓ! O BALÃO ASSOCIADO À FIGURA DO CÃO PODE LER-SE “ FAZ-ME PASSAR CADA VERGONHA.”

Tabela 6 - Análise do *cartoon* 3

Grupo	Grau de intensidade da conotação do estereótipo							Observações
	1	2	3	4	5	6	7	
<b>D</b>								Alunos da Licenciatura em Desenho e Belas Artes
D1						X		(...) não há distinção de idades (...)
D2							X	(...) aprendizagem intergeracional (...)
D3							X	(...) não há distinção de idades para as TIC (...)
D4						X		(...) todas as idades podem usar o computador (...)
D5						X		(...) não há distinção de idades para o uso do computador (...)
D6						X		(...) aprendizagem intergeracional (...)
<b>C</b>								Alunos da Licenciatura de Ciências da Comunicação
C1						X		(...) idoso com capacidade para o uso do computador (...)
C2						X		(...) apelo à utilização do computador pelos idosos (...)
C3						X		(...) idosos preparados para usar as TIC (...)
C4						X		(...) idoso com capacidade para o uso do computador (...)
C5							X	(...) idosos não excluídos das TIC (...)
C6							X	(...) idosos devem usar o computador (...)
<b>J</b>								Alunos da Licenciatura em Jornalismo
J1						X		(...) jovens e idosos pelo mesmo interesse (...)
J2						X		(...) jovens e idosos com capacidade para usar o computador(...)
J3						X		(...) idoso com igual possibilidade de acesso (...)
J4						X		(...) jovens e idosos juntos no uso do computador (...)
J5						X		(...) jovens podem ajudar os idosos no computador (...)
J6							X	(...) todas as idades com igual possibilidade de acesso (...)
<b>I</b>								Idosos
I1						X		(...) capacidade do idoso aprender(...)
I2							X	(...) idoso e neto podem aprender (...)
I3							X	(...) avós e netos a aprenderem juntos as TIC (...)
I4							X	(...) possibilidade de aprendizagem com os netos (...)
I5						X		(...) computador serve para os avós e netos (...)
I6							X	(...) promove o acesso às TIC para todas as idades (...)

Da análise da tabela 6 referente ao *cartoon* 3 retira-se que dos 24 inquiridos:

- 9 atribuem 7 (muito positivo) ao grau de intensidade do estereótipo sendo que 2 pertencem ao grupo D; 2 pertencem ao grupo C; 1 ao grupo J e 4 ao grupo I;
- 15 atribuem 6 (positivo) ao grau de intensidade do estereótipo sendo que 4 pertencem ao grupo D; 4 ao grupo C; 5 ao grupo J e 2 ao grupo I.

Podemos assim concluir que o estereótipo veiculado pelo *cartoon* tem uma conotação positiva.

### **Análise de *Clusters* por grupos da amostra:**

#### **Grupo D**

- ✓ Intergeracionalidade
- ✓ Acesso às TIC

#### **Grupo C**

- ✓ Infoinclusão
- ✓ Acesso às TIC

#### **Grupo J**

- ✓ Intergeracionalidade
- ✓ Acesso às TIC

#### **Grupo I**

- ✓ Intergeracionalidade

A interpretação dos *clusters* sugere que a mensagem veiculada pelo *cartoon* possa ser: “existe a possibilidade de aprendizagem intergeracional das TIC”.

A categoria “acesso às TIC” consta nos grupos (D, C e J) enquanto que encontramos a categoria “intergeracionalidade” em todos os grupos (D, C, J e I).

## Cartoon 4



Imagem 17 - Cartoon 4

### Enquadramento do cartoon 4

Nos elementos não verbais da imagem estão representadas duas figuras com características humanas. Um dos indivíduos é do género feminino, usa óculos, queixo pronunciado, boca recolhida que sugestiona a provável falta de peças dentárias, o cabelo é cinza. A indumentária é composta por vestido de cor preta com uma gola branca de modelo tradicional e tem na mão uma mala. A outra figura de aspeto masculino, veste calça preta e camisa vermelha de aspeto físico mais jovem.

Nos elementos verbais da imagem pode ler-se:

“ OH DONA PIEDADE, A SENHORA QUE PASSA LÁ O DIA, SABE SE POSSO MARCAR UMA CONSULTA NO CENTRO DE SAÚDE POR TELEFONE? QUAL TELEFONE QUAL CARAPUÇA, MEU RAPAZ. NÃO SE MARCAM CONSULTAS POR TELEFONE. ESTAMOS NA SOCIEDADE DO CONHECIMENTO. CONHECE LÁ ALGUÉM?”

Tabela 7 - Análise do *cartoon* 4

Grupo	Grau de intensidade da conotação do estereótipo							Observações
	1	2	3	4	5	6	7	
<b>D</b>								<b>Alunos da Licenciatura em Desenho e Belas Artes</b>
D1		X						(...) desconhecimento (...)
D2	X							(...) velha ingénua e inocente (...)
D3		X						(...) iliteracia digital (...)
D4		X						(...) desconhecimento (...); (...) confusão nos termos das TIC (...)
D5	X							(...) desconhecimento das TIC (...)
D6		X						(...) ignorância em relação ao mundo digital (...)
<b>C</b>								<b>Alunos da Licenciatura de Ciências da Comunicação</b>
C1		X						(...) ignorância nos termos relacionados com as novas tecnologias (...)
C2		X						(...) dificuldade no uso das TIC (...)
C3		X						(...) desconhecimento dos termos das TIC (...)
C4	X							(...) desconhecimento (...)
C5	X							(...) desconhecimento das TIC (...)
C6		X						(...) iliteracia digital (...)
<b>J</b>								<b>Alunos da Licenciatura em Jornalismo</b>
J1		X						(...) ignorância dos termos das TIC (...)
J2		X						(...) desconhecimento dos termos relacionados com as TIC(...)
J3		X						(...) desconhecimento dos termos (...)
J4	X							(...) ignorância (...)
J5		X						(...) iliteracia dos termos do mundo digital (...)
J6		X						(...) confusão no uso da linguagem das TIC (...)
<b>I</b>								<b>Idosos</b>
I1		X						(...) falta de conhecimento das TIC(...)
I2	X							(...) idosa desconhece a linguagem (...)
I3	X							(...) ignorância digital(...)
I4	X							(...) desconhecimento dos nomes associados às TIC (...)
I5	X							(...) ignorância informática (...)
I6	X							(...) ignorância da linguagem utilizada nas TIC(...)

Da análise da tabela 7 referente ao *cartoon* 4 retira-se que dos 24 inquiridos:

- 14 atribuem 2 (negativo) ao grau de intensidade do estereótipo sendo que 4 pertencem ao grupo D; 4 pertencem ao grupo C; 5 ao grupo J e 1 ao grupo I;
- 10 atribuem 1 (muito negativo) ao grau de intensidade do estereótipo sendo que 2 pertencem ao grupo D; 2 pertencem ao grupo C; 1 pertence ao grupo J e 5 ao grupo I.

Podemos assim concluir que o estereótipo veiculado pelo *cartoon* tem uma conotação negativa.

### **Análise de *Clusters* por grupos da amostra:**

#### Grupo D

- ✓ Iliteracia digital e idosos
- ✓ Desconhecimento dos termos usados nas TIC

#### Grupo C

- ✓ Iliteracia digital e idosos
- ✓ Desconhecimento dos termos usados nas TIC

#### Grupo J

- ✓ Iliteracia digital e idosos
- ✓ Desconhecimento dos termos usados nas TIC

#### Grupo I

- ✓ Desconhecimento dos termos usados nas TIC
- ✓ Idosos

A interpretação dos *clusters* sugere que a mensagem veiculada pelo *cartoon* possa ser: “os idosos possuem ignorância digital, nomeadamente nos termos utilizados nas TIC”.

A categoria “iliteracia digital e idosos” está presente nos grupos (D, C e J). A categoria “desconhecimento dos termos usados nas TIC” consta em todos os grupos (D, C, J e I).

## Cartoon 5



Imagem 18 -Cartoon 5

### Enquadramento do cartoon 5

Nos elementos não verbais da imagem estão representadas duas figuras com características humanas. Um dos indivíduos tem pouco cabelo, queixo pronunciado, boca recolhida que sugestiona a provável falta de peças dentárias. A indumentária é composta por camisa de modelo tradicional. Este personagem está a utilizar um computador portátil. Do outro indivíduo representado na imagem apenas nos é dado a observar a cabeça, com nariz bastante exagerado e com pouco cabelo.

Nos elementos verbais da imagem pode ler-se:

“QUE FAZES? CULTIVAS-TE NA NET? BOM...MAIS OU MENOS. ESTOU A TENTAR VER UM JOGO DE FUTEBOL. MAS NÃO SE VÊ NADA, ESTÁ TUDO PRETO. HÁ GENTE A MAIS NO SISTEMA. NÃO DEVIAM TER DADO AQUELES MAGALHÃES TODOS AOS MIÚDOS: AGORA ESTÁ TUDO ENTUPIDO. GOLO? ISTO FOI GOLO? “

Tabela 8 - Análise do *cartoon* 5

Grupo	Grau de intensidade da conotação do estereótipo							Observações
	1	2	3	4	5	6	7	
<b>D</b>								Alunos da Licenciatura em Desenho e Belas Artes
D1						X		(...) usa o computador mas domina pouco as TIC (...)
D2						X		(...) usa as TIC (...)
D3					X			(...) utiliza as TIC mas pouco (...)
D4					X			(...) pouco conhecimento do funcionamento das novas tecnologias (...)
D5					X			(...) necessidade de aprender mais (...)
D6					X			(...) com capacidade de adaptação ao uso das TIC (...)
<b>C</b>								Alunos da Licenciatura de Ciências da Comunicação
C1						X		(...) ignorância quanto ao uso do computador (...)
C2						X		(...) usa o computador (...)
C3						X		(...) sabe utilizar as TIC (...)
C4						X		(...) conhecimento de website para ver jogos (...)
C5					X			(...) alguma dificuldade mas usa o computador (...)
C6						X		(...) tentativa de uso do computador (...)
<b>J</b>								Alunos da Licenciatura em Jornalismo
J1						X		(...) usa o computador(...)
J2							X	(...) idoso a par das TIC (...)
J3							X	(...) conhecimento do uso das TIC (...)
J4						X		(...) sabe utilizar as TIC (...)
J5						X		(...) utiliza o computador no dia a dia(...)
J6							X	(...) sabe usar a internet (...)
<b>I</b>								Idosos
I1						X		(...) utiliza a net naturalmente (...)
I2							X	(...) utilização das TIC diariamente (...)
I3							X	(...) conhecimento e utilização das TIC (...)
I4							X	(...) uso normal do computador (...)
I5							X	(...) utiliza o computador (...)
I6							X	(...) conhecimento e utilização das TIC (...)

Da análise da tabela 8 referente ao *cartoon* 5 retira-se que dos 24 inquiridos:

- 8 atribuem 7 (muito positivo) ao grau de intensidade do estereótipo sendo que 3 pertencem ao grupo J e 5 ao grupo I;
- 11 atribuem 6 (positivo) ao grau de intensidade do estereótipo sendo que 2 pertencem ao grupo D, 5 pertencem ao grupo C; 3 ao grupo J e 1 ao grupo I;
- 5 atribuiu 5 (pouco positivo) ao grau de intensidade do estereótipo sendo que 4 pertencem ao D e 1 ao grupo C;

Podemos assim concluir que o estereótipo veiculado pelo *cartoon* tem uma conotação positiva.

### **Análise de *Clusters* por grupos da amostra:**

#### Grupo D

- ✓ Uso das TIC
- ✓ Iliteracia digital
- ✓ Formação em TIC

#### Grupo C

- ✓ Uso das TIC
- ✓ Iliteracia digital

#### Grupo J

- ✓ TIC nas rotinas diárias
- ✓ Idosos

#### Grupo I

- ✓ Utilização das TIC
- ✓ TIC nas rotinas

A interpretação dos *clusters* sugere que a mensagem veiculada pelo *cartoon* possa ser: “o uso do computador está nas rotinas diárias dos idosos mas ainda subsistem algumas dificuldades no seu uso”.

A categoria “uso das TIC” consta em todos os grupos (D, C, J e I) enquanto que a categoria “TIC nas rotinas diárias” encontra-se nos grupos J e I.

### Cartoon 6



Imagem 19 -Cartoon 6

#### Enquadramento do *cartoon 6*

Nos elementos não verbais da imagem está representado um indivíduo sentado numa cadeira a usar um computador que se encontra em cima de uma secretária. O indivíduo é calvo, usa óculos, tem as costas numa posição curvada. A indumentária é composta por calça e camisa em modelos tradicionais. No ecrã do computador aparece refletida uma imagem de um indivíduo que nos faz associar a um ladrão, pois tem os olhos com uma máscara e a camisola de riscas sugere a imagem de farda prisional. O seu braço longo sai do computador e entra no bolso das calças do indivíduo que está a usar o computador retirando-lhe a carteira.

Neste *cartoon* não existem elementos verbais associados à imagem.

Tabela 9 - Análise do *cartoon* 6

Grupo	Grau de intensidade da conotação do estereótipo							Observações
	1	2	3	4	5	6	7	
<b>D</b>								Alunos da Licenciatura em Desenho e Belas Artes
D1		X						(...) idosos enganados na internet (...)
D2		X						(...) perigos da internet (...)
D3	X							(...) idoso enganado através da internet (...)
D4		X						(...) internet perigosa para os idosos (...)
D5	X							(...) idosos enganados na internet (...)
D6	X							(...)insegurança e ignorância(...); (...) perigos da internet (...)
<b>C</b>								Alunos da Licenciatura de Ciências da Comunicação
C1						X		(...) alerta para fraude e roubo através da internet(...)
C2						X		(...) alerta para os perigos da internet (...)
C3			X					(...) burla (...)
C4						X		(...) sensibilização para os perigos da internet (...)
C5			X					(...) fragilidade do idoso leva a que seja enganado (...)
C6						X		(...)alerta para os idosos dos perigos da internet (...)
<b>J</b>								Alunos da Licenciatura em Jornalismo
J1	X							(...) idosos vitimas dos perigos da internet (...)
J2	X							(...) vulnerável aos perigos da internet (...)
J3		X						(...) perigos da internet(...); (...) idoso vítima de engano e fraude (...)
J4		X						(...) desconhecimento dos perigos da internet (...)
J5	X							(...) perigos da internet (...)
J6	X							(...) idoso vitima de burla (...)
<b>I</b>								Idosos
I1		X						(...) perigo no uso da internet(...)
I2	X							(...) idoso enganado na internet (...)
I3	X							(...) burla (...); (...) roubo(...)
I4		X						(...) idosos ludibriados (...); (...) roubo (...)
I5	X							(...) perigo de fraude no uso da internet (...)
I6	X							(...) perigo no uso das TIC (...)

Da análise da tabela 9 referente ao *cartoon* 6 retira-se que dos 24 inquiridos:

- 4 atribuem 6 (positivo) ao grau de intensidade do estereótipo sendo que pertencem ao grupo C;
- 7 atribuem 2 (negativo) ao grau de intensidade do estereótipo sendo que 3 pertencem ao grupo D; 2 pertencem ao grupo J e 2 ao grupo I;
- 2 atribuem 3 (pouco negativo) ao grau de intensidade do estereótipo e pertencem ao grupo C
- 11 atribuem 1 (muito negativo) ao grau de intensidade do estereótipo sendo que 3 pertencem ao grupo D; 4 ao grupo J e 4 ao grupo I.

Podemos assim concluir que o estereótipo veiculado pelo *cartoon* tem uma conotação negativa.

### **Análise de *Clusters* por grupos da amostra:**

#### Grupo D

- ✓ Insegurança na internet
- ✓ Perigos na internet
- ✓ Iliteracia digital

#### Grupo C

- ✓ Sensibilização para os perigos da internet
- ✓ Iliteracia digital

#### Grupo J

- ✓ Perigos da internet
- ✓ Iliteracia digital

#### Grupo I

- ✓ Insegurança na internet
- ✓ Iliteracia digital

A interpretação dos *clusters* sugere que a mensagem veiculada pelo *cartoon* possa ser: “existem muitos perigos na internet para os idosos”.

A categoria “insegurança na internet” consta nos grupos D e I; a categoria “iliteracia digital” consta em todos os grupos (D, C, J e I), a categoria “perigos na internet existe para os grupos D e J.

### Cartoon 7

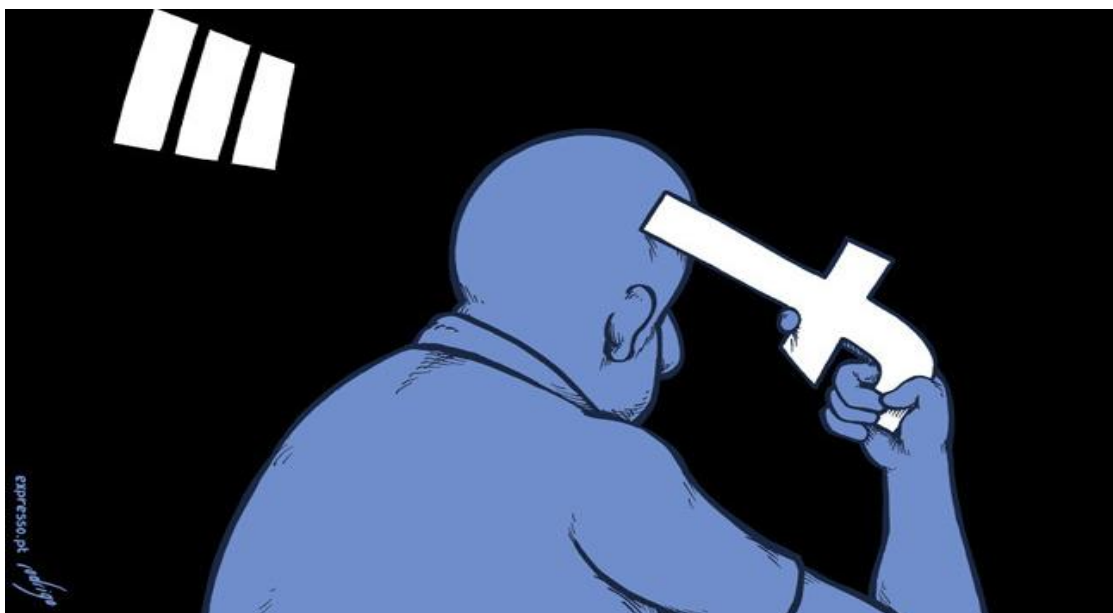


Imagem 20 - Cartoon 7

#### Enquadramento do *cartoon 7*

Nos elementos não verbais da imagem está representada uma figura com características humanas. O indivíduo é calvo e tem uma postura corporal curvada. A indumentária é composta por camisa. Na mão direita exibe o símbolo da rede social *facebook* que encosta à cabeça fazendo alusão a uma arma. No fundo da imagem que é completamente de cor preta estão três tiras brancas ao alto sugerindo uma janela de cela de prisão.

Não existem elementos verbais no *cartoon*.

Tabela 10 - Análise do *cartoon* 7

Grupo	Grau de intensidade da conotação do estereótipo							Observações
	1	2	3	4	5	6	7	
<b>D</b>								Alunos da Licenciatura em Desenho e Belas Artes
D1		X						(...) uso das redes sociais (...)
D2	X							(...) solidão e uso excessivo das redes sociais (...)
D3	X							(...) não saber usar as redes sociais (...)
D4		X						(...) não se enquadra nas redes sociais (...)
D5	X							(...) preso nas redes sociais (...)
D6	X							(...) idoso deslocado do mundo tecnológico (...)
<b>C</b>								Alunos da Licenciatura de Ciências da Comunicação
C1	X							(...) pressão das redes sociais (...)
C2	X							(...) solidão do idoso (...)
C3		X						(...) facebook é prejudicial (...)
C4		X						(...) redes sociais igual a pessimismo (...)
C5		X						(...) desvantagens do facebook, leva à solidão (...)
C6	X							(...) desespero e pressão das redes sociais (...)
<b>J</b>								Alunos da Licenciatura em Jornalismo
J1	X							(...) rede social prisão no quotidiano (...)
J2	X							(...) facebook não aconselhado para os idosos (...)
J3	X							(...) facebook nocivo por incentivar o isolamento (...)
J4	X							(...) idosos em solidão (...)
J5		X						(...) uso exagerado das redes sociais (...)
J6	X							(...) facebook como prisão, isolamento da sociedade (...)
<b>I</b>								Idosos
I1	X							(...) não se identifica com o facebook (...)
I2	X							(...) uso excessivo das redes sociais leva ao isolamento social (...)
I3		X						(...) não se identifica com o facebook (...)
I4	X							(...) não usa o facebook (...)
I5	X							(...) não sabe usar as redes sociais (...)
I6	X							(...) facebook promove o isolamento (...)

Da análise da tabela 10 referente ao *cartoon* 7 retira-se que dos 24:

- 7 atribuem 2 (negativo) ao grau de intensidade do estereótipo sendo que 2 pertencem ao grupo D; 3 ao grupo C; 1 ao grupo J e 1 ao grupo I;
- 17 atribuem 1 (muito negativo) ao grau de intensidade do estereótipo sendo que 4 pertencem ao grupo D; 3 ao grupo C; 5 ao grupo J e 5 ao grupo I.

Podemos assim concluir que o estereótipo veiculado pelo *cartoon* tem uma conotação negativa.

### **Análise de *Clusters* por grupos da amostra:**

#### Grupo D

- ✓ Desvantagens das redes sociais
- ✓ Iliteracia digital

#### Grupo C

- ✓ Desvantagens das redes sociais

#### Grupo J

- ✓ Redes sociais: desvantagens; perigos

#### Grupo I

- ✓ Não usam as redes sociais/facebook

A interpretação dos *clusters* sugere que a mensagem veiculada pelo *cartoon* possa ser: “os idosos vivem em solidão e não sabem usar a rede social *facebook*”.

As categorias “desvantagens das redes sociais” aparece nos grupos (D, C, e J).

## Cartoon 8



Imagem 21 - Cartoon 8

### Enquadramento do cartoon 8

Nos elementos não verbais da imagem estão representadas três figuras, duas delas com características humanas e uma delas representa um animal – vaca. O indivíduo que está sentado na vaca está a usar um computador portátil. Usa calça, camisa e botas de estilo mais campestre. Das características físicas denota-se o nariz exagerado e vermelho aludindo à embriaguez. A mulher representada na imagem está com um objeto na mão que se assemelha a uma foice e percebe-se que ceifa algo. Usa lenço na cabeça amarrado de forma típica do campo. Usa saia e camisola de cor verde. A paisagem sugere um cenário rural. Ainda temos uma representação de uma cesta tipo cabaz que faz alusão à merenda e a um pipo de madeira onde provavelmente se encontra bebida. Ao lado temos um papel onde se pode ler “RSI – REND. SOCIAL DE INSERÇÃO”.

Nos elementos verbais da imagem pode ler-se:

“ ... E NÃO ESQUEÇAS DE FAZER DOWNLOAD DO BROWSER ATRAVÉS DA PROXY PARA FAZERES CONNECT AO GATEWAY DO PORTAL ...!!”

Tabela 11 - Análise do *cartoon* 8

Grupo	Grau de intensidade da conotação do estereótipo							Observações
	1	2	3	4	5	6	7	
<b>D</b>								Alunos da Licenciatura em Desenho e Belas Artes
D1			X					(...) sátira e ironia pelo desconhecimento (...)
D2			X					(...) exagero nos termos técnicos usados por um idoso rural (...)
D3		X						(...) idosos rurais deslocados face ao uso das TIC (...)
D4			X					(...) mundo rural esquecido da formação em TIC (...)
D5		X						(...) idoso rural ridicularizado no uso das TIC (...)
D6			X					(...) idoso rural satirizado em relação à literacia digital(...)
<b>C</b>								Alunos da Licenciatura de Ciências da Comunicação
C1		X						(...) idosos rurais sem acesso às TIC (...)
C2	X							(...) ofensivo ao mundo rural (...)
C3		X						(...) idosos rurais sem acesso às TIC (...)
C4	X							(...) estereótipo, contrapõe campo e cidade(...)
C5		X						(...) idoso rural sem acesso às TIC (...)
C6	X							(...) idoso rural não percebe os termos (...)
<b>J</b>								Alunos da Licenciatura em Jornalismo
J1		X						(...) idoso rural sem acesso às TIC (...)
J2		X						(...) idoso rural inculto (ironia) nos conceitos usados em TIC (...)
J3		X						(...) idoso rural sem conhecimento dos conceitos das TIC(...)
J4	X							(...) ironia quanto aos conhecimentos do idoso (...)
J5		X						(...) exagero do uso dos conceitos por um idoso rural (...)
J6		X						(...) incompatibilidade (rural/urbano)de conhecimentos (...)
<b>I</b>								Idosos
I1	X							(...) exagero no conhecimento dos termos, sátira (...)
I2	X							(...) ironia no exagero do uso dos termos (...)
I3		X						(...) idosa rural utiliza linguagem especializada que a ridiculariza (...)
I4	X							(...) incompatibilidade de linguagem com a ruralidade (...)
I5	X							(...) idoso rural sem acesso às TIC (...)
I6		X						(...) exagero no uso da linguagem, sátira (...)

Da análise da tabela 11 referente ao *cartoon* 8 retira-se que dos 24 inquiridos:

- 4 atribuem 3 (pouco negativo) ao grau de intensidade do estereótipo sendo que pertencem ao grupo D;
- 12 atribuem 2 (negativo) ao grau de intensidade do estereótipo sendo que 2 pertencem ao grupo D; 3 ao grupo C; 5 ao grupo J e 2 ao grupo I;
- 8 atribuem 1 (muito negativo) ao grau de intensidade do estereótipo sendo que 3 pertencem ao grupo C; 1 ao grupo J e 4 ao grupo I.

Podemos assim concluir que o estereótipo veiculado pelo *cartoon* tem uma conotação negativa.

### **Análise de *Clusters* por grupos da amostra:**

#### Grupo D

- ✓ Iliteracia digital
- ✓ Idosos rurais sem acesso às TIC

#### Grupo C

- ✓ Idosos rurais sem acesso às TIC
- ✓ Iliteracia digital
- ✓ Rural/urbano

#### Grupo J

- ✓ Idosos rurais sem acesso às TIC
- ✓ Rural /Urbano

#### Grupo I

- ✓ Iliteracia digital
- ✓ Idosos rurais sem acesso às TIC

A interpretação dos *clusters* sugere que a mensagem veiculada pelo *cartoon* possa ser: “existe uma grande discrepância entre o acesso às TIC por parte dos idosos que residem nas zonas rurais e aqueles que habitam nas zonas urbanas”.

A categoria “iliteracia digital” consta nos grupos (D, C e I), a categoria “idosos rurais sem acesso às TIC” está nos presente em todos os grupos, a categoria “rural versus urbano” encontra-se nos grupos C e J.

### Cartoon 9



Imagem 22 - Cartoon 9

#### Enquadramento do *cartoon 9*

Nos elementos não verbais da imagem estão representadas duas figuras com características humanas. O indivíduo do sexo masculino está sentado numa cadeira a usar um computador portátil que se encontra sobre uma mesa ou secretária. Tem uma postura curvada, é calvo apenas com cabelo branco nas partes laterais da cabeça, usa óculos, tem a boca recolhida o que sugestiona a provável falta de peças dentárias, tem vincos na cara que sugerem rugas. A indumentária é composta por camisa de modelo tradicional, tem na mão esquerda um cigarro e sobre a mesa existe ainda o que leva a crer ser um cinzeiro. A outra personagem do sexo feminino usa óculos, tem o cabelo apanhado, queixo pronunciado e boca recolhida que sugestiona a provável falta de peças dentárias, usa uma capa pelos ombros que tradicionalmente se associa às mulheres idosas, ventre volumoso e postura curvada.

Nos elementos verbais da imagem pode ler-se:

“ UM CONTRIBUINTE QUE DETESTE ESTE GOVERNO E ESTA AUSTERIDADE NÃO PODE SER TOTALMENTE MAU....”

Tabela 12 - Análise do *cartoon* 9

Grupo	Grau de intensidade da conotação do estereótipo							Observações
	1	2	3	4	5	6	7	
<b>D</b>								Alunos da Licenciatura em Desenho e Belas Artes
D1							X	(...) interesse pelas TIC (...)
D2							X	(...) idoso saudável a usar as TIC (...)
D3							X	(...) uso das TIC (...)
D4							X	(...) uso normal das TIC (...)
D5							X	(...) idosos à vontade a usar as TIC (...)
D6							X	(...) idosos usam as TIC(...)
<b>C</b>								Alunos da Licenciatura de Ciências da Comunicação
C1							X	(...) uso das TIC (...)
C2							X	(...) idoso a usar as TIC (...)
C3							X	(...) uso das TIC (...)
C4							X	(...) acesso às TIC (...)
C5							X	(...) acesso às TIC (...)
C6							X	(...) idosos usam as TIC(...)
<b>J</b>								Alunos da Licenciatura em Jornalismo
J1							X	(...) uso das TIC (...)
J2							X	(...) conhecimento das TIC (...)
J3							X	(...)rotina no uso das TIC (...)
J4							X	(...) uso normal das TIC no dia a dia(...)
J5							X	(...) idosos à vontade a usar as TIC no dia a dia (...)
J6							X	(...) idosos usam as TIC(...)
<b>I</b>								Idosos
I1							X	(...) interesse pelas TIC (...)
I2							X	(...) idoso sabe usar as TIC (...)
I3							X	(...) uso das TIC pelos idosos (...)
I4							X	(...)quotidiano com as TIC (...)
I5							X	(...) idosos à vontade a usar as TIC (...)
I6							X	(...) idosos usam as TIC nas suas rotinas diárias(...)

Da análise da tabela 12 referente ao *cartoon* 9 retira-se que dos 24:

- 13 atribuem 7 (muito positivo) ao grau de intensidade do estereótipo sendo que 2 pertence ao grupo D, 3 ao grupo C, 3 ao grupo J e 5 ao grupo I;
- 11 atribuem 6 (positivo) ao grau de intensidade do estereótipo sendo que 4 pertencem ao grupo D, 3 ao grupo C, 3 ao grupo J e 1 ao grupo I;

Podemos assim concluir que o estereótipo veiculado pelo *cartoon* tem uma conotação positiva.

### **Análise de *Clusters* por grupos da amostra:**

#### Grupo D

- ✓ Uso das TIC nas rotinas
- ✓ Literacia digital

#### Grupo C

- ✓ Uso das TIC nas rotinas
- ✓ Literacia digital

#### Grupo J

- ✓ TIC nas rotinas
- ✓ Literacia digital







#### Grupo I

- ✓ TIC nas rotinas
- ✓ Literacia digital

A interpretação dos clusters sugere que a mensagem veiculada pelo *cartoon* possa ser: “a importância das TIC para os idosos e a incorporação destas nas rotinas diárias”.

A categoria “uso das TIC nas rotinas” consta em todos os grupos (D, C, J e I); a categoria “literacia digital” é referida igualmente em todos os grupos (D, C, J e I).

**Tabela 13** - Resumo dos resultados da análise da conotação do estereótipo presente em cada *cartoon* no total da amostra e valor médio total e por grupo (4 grupos - D; C; J e I)

Conotação do estereótipo			Valor médio total	Valor médio por grupo			
Cartoon	Estereótipo			D	C	J	I
	negativo	positivo					
1 		X	6,3	6,3	6	6	6,6
2 	X		1,8	2,2	1,6	2	1,3
3 		X	6,4	6,3	6,3	6,2	6,6
4 	X		1,6	1,6	1,6	1,8	1,2
5 		X	6,2	5,3	5,8	6,5	6,8
6 	X		2,3	1,5	5	1,3	1,3
7 	X		1,3	1,3	1,5	1,2	1,2
8 	X		1,8	2,6	1,5	1,8	1,3
9 		X	6,5	6,3	6,5	6,5	6,8










Conclui-se da leitura da tabela 13 que os *cartoons* que veiculam estereótipos negativos dos idosos face ao uso das tecnologias são os 2, 4, 6, 7 e 8.

Os *cartoon* que veiculam estereótipos positivos dos idosos face ao uso das tecnologias são os 1, 3, 5 e 9.

O *cartoon* com a conotação mais negativa atribuída ao estereótipo é o *cartoon* 7 tendo o valor médio mais baixo no total dos grupos da amostra (1,3) e apresenta igualmente o valor médio mais baixo por grupo variando entre 1,2 e 1,5.

O *cartoon* com a conotação mais positiva atribuída ao estereótipo é o *cartoon* 9 tendo o valor médio mais alto no total dos grupos da amostra (6,5) e apresenta igualmente o valor médio mais alto por grupo variando entre 6,3 e 6,8.

Tabela 14 - Grupo D - Conotação do estereótipo

Negativo 2, 4, 6 7, 8	Positivo 1, 3, 5 9
    	   



Da análise da tabela 14, o grupo D considera que dos 9 *cartoons* apresentados 5 deles apresentam estereótipos aos quais atribuem uma conotação negativa e 4 com conotação positiva.

Os inquiridos pertencentes ao **grupo D**, alunos da licenciatura de Desenho e Belas Artes considera com:

- ✓ **Conotação positiva** os estereótipos presentes nos seguintes *cartoons*: 1, 3, 5 e 9.
- ✓ O *cartoon* 1 e 3 têm de valor médio 6,3 ; o *cartoon* 5 tem um valor médio de 5,3 e o *cartoon* 9 tem valor médio de 6,3.
- ✓ **Conotação negativa** os estereótipos presentes nos seguintes *cartoons*: 2, 4, 6, 7 e 8.
- ✓ Os valores médios dos *cartoons* com conotação negativa situam-se entre 1,3 e 2,6.
- ✓ O *cartoon* com conotação mais negativa para este grupo é o 7.
- ✓ Os *cartoons* com conotação mais positiva para este grupo são os 1, 3 e 9, com o mesmo valor médio.



Tabela 16 - Grupo J - Conotação do estereótipo

Negativo 2, 4, 6 7,8	Positivo 1, 3, 5 9
	

Da análise da tabela 16 o grupo J considera que dos 9 *cartoons* apresentados 5 deles apresentam estereótipos aos quais atribuem uma conotação negativa e 4 com conotação positiva.

Os inquiridos pertencentes ao **grupo J**, alunos da licenciatura de Jornalismo consideram:

- ✓ **Conotação positiva** os estereótipos presentes nos seguintes *cartoons*: 1, 3, 5 e 9.
- ✓ Os valores médios para estes *cartoons* situam-se entre 6 e 6,5.
- ✓ **Conotação negativa** os estereótipos presentes nos seguintes *cartoons*: 2, 4, 6, 7 e 8.
- ✓ Os valores médios atribuídos por este grupo aos *cartoons* negativos situam-se nos valores entre 1,2 e 2.
- ✓ O *cartoon* com conotação mais negativa para este grupo é o 7 com valor médio de 1,2.
- ✓ Os *cartoons* com conotação mais positiva para este grupo são o 5 e o 9 com valor médio de 6,5.

Tabela 17 - Grupo I- Conotação do estereótipo

<p>Negativo</p> <p>2, 4, 6</p> <p>7, 8</p>	<p>Positivo</p> <p>1, 3, 5</p> <p>9</p>
    	   

Da análise da tabela 17, o grupo I considera que dos 9 *cartoons* apresentados 5 deles apresentam estereótipos aos quais atribuem uma conotação negativa e 4 apresentam uma conotação positiva.

O grupo dos inquiridos pertencentes ao **grupo I**, idosos considera:

- ✓ **Conotação positiva** os estereótipos presentes nos seguintes *cartoons*: 1, 3, 5 e 9.
- ✓ Os valores médios para estes *cartoons* situam-se entre 6,6 e 6,8.
- ✓ **Conotação negativa** os estereótipos presentes nos seguintes *cartoons*: 2, 4, 6, 7 e 8.
- ✓ Os valores médios para estes *cartoons* situam-se entre 1,2 e 1,3.
- ✓ Os *cartoons* com conotação mais negativa para este grupo são o 4 e o 7 com valor médio de 1,2.
- ✓ Os *cartoons* com conotação mais positiva para este grupo são o 5 e o 9 com valor médio de 6,8

### Resumo da análise dos resultados

Existe unanimidade dos grupos que compõem a amostra (D, C, J e I) na atribuição de:

- Conotação positiva do estereótipo presente nos *cartoons* 1, 3, 5, e 9.
- Conotação negativa do estereótipo presente nos *cartoons* 2, 4, 7, 8.

Existe discrepância dos grupos que compõem a amostra (D, C, J e I) na atribuição da conotação ao *cartoon* 6, sendo que, a conotação positiva a este *cartoon* é atribuída apenas pelo grupo C (alunos da licenciatura em Ciências da Comunicação). Esta

classificação é justificada por considerarem que o *cartoon* difunde uma mensagem de alerta e prevenção para a (in)segurança na internet.

No que diz respeito às áreas de afinidade relacionadas com as TIC nas quais distribuimos os *cartoons* do *corpus* de análise, concluímos que na categoria:

- Literacia digital: urbano *versus* rural – representada pelos *cartoons* 2 e 8, existe unanimidade na atribuição da conotação negativa ao estereótipo presente nos *cartoons* por todos os grupos que compõe a amostra (D, C, J e I).
- Intergeracionalidade – representada pelo *cartoon* 3, existe também unanimidade por parte de todos os grupos que compõe a amostra (D, C, J e I) na atribuição da conotação positiva ao estereótipo presente no *cartoon*.
- Literacia digital – representada pelos *cartoons* 4, 5 e 9, mantém-se a unanimidade, no entanto, é atribuída uma conotação positiva ao estereótipo presente nos *cartoons* 5 e 9 enquanto que para o *cartoon* 4 é atribuída uma conotação negativa ao estereótipo nele presente.
- Crime e burla informática – representado pelo *cartoon* 6 não existe unanimidade na atribuição da conotação ao estereótipo presente no *cartoon*. Nos grupos D, J e I existe consenso e é atribuída a conotação negativa ao estereótipo presente no *cartoon*. O grupo C, classifica como positiva a conotação do estereótipo presente no *cartoon*. Justificam a classificação positiva pelo facto da mensagem veiculada pelo *cartoon* se apresentar como um alerta e possa ter como finalidade a prevenção para a (in)segurança na internet.
- Redes sociais – representadas pelos *cartoons* 1 e 7, subsiste a unanimidade na atribuição da classificação por todos os grupos que compõe a amostra (D, C, J e I), no entanto, para o *cartoon* 1 a conotação para o estereótipo presente no *cartoon* é positiva enquanto que para o *cartoon* 7 a conotação atribuída ao estereótipo presente no *cartoon* é negativa.

Podemos ainda constatar que o grupo C (alunos da licenciatura em Ciências da Comunicação) apresenta uma atitude mais positiva em relação à classificação da conotação presente nos *cartoons* que compõe o *corpus* de análise deste estudo, pois, atribuem a cinco dos nove *cartoons* uma conotação positiva. Tal facto pode estar relacionado com a formação dos indivíduos do grupo uma vez que estes estudam Ciências da Comunicação e desta forma a sua análise possa estar mais focalizada para a mensagem transmitida por cada *cartoon*.

## 6.2 Tratamento e análise dos dados: entrevistas semiestruturadas

Como anteriormente já foi já dito, a análise das entrevistas foi feita com recurso à análise de conteúdo, tendo sido definidas, *à posteriori* as categorias de análise. Tendo em conta os objetivos do estudo, após a transcrição e leitura exaustiva das mesmas, estabelecemos as categorias, as subcategorias e procedemos à sua análise.

A análise de conteúdo das entrevistas assentou nas seguintes etapas:

- Audição da gravação;
- Anotação de cada intervenção;
- Leitura fluente e integral das intervenções de modo a compreender a globalidade e a especificidade de cada entrevista;
- Recorte do texto em unidades de registo e em unidades de contexto;
- Criação de subcategorias e categorias.

Em síntese, o objetivo fundamental da análise de conteúdo é a identificação de categorias e de subcategorias. Por outras palavras, face aos objetivos das entrevistas semidiretivas, no âmbito deste estudo, preferiu-se apresentar apenas a informação enunciada no quadro relativamente à criação de categorias e subcategorias (tabela 18) por julgar-se que esta é suficientemente elucidativa. Da análise de conteúdo da entrevista foi possível identificarem-se as seguintes categorias:

1. Identificação do cartoonista;
2. Exploração de conceitos relacionados com o *cartoon*;
3. Intencionalidade da utilização do *cartoon* em contexto social;
4. Potencialidade dos *cartoons* para a sensibilização da sociedade para o tema do envelhecimento humano;
5. Aferir a opinião do cartoonista em relação ao uso das TIC pelos idosos;
6. Opinião do cartoonista relativamente à conotação dos estereótipos presentes no *corpus* de análise.

Como já foi referido anteriormente, a transcrição das entrevistas foram feitas através da audição das gravações no programa Media Player sendo posteriormente transcritas na íntegra, recorrendo ao Programa Word (anexo 3 e 5). Após o processo de transcrição foi realizada a leitura global dando-se início à análise de conteúdo.

Na tabela 18 que se passa a apresentar, torna explícitas as categorias e respetivas subcategorias que foram apuradas no processo de análise de conteúdo.

### 6.2.1 Entrevista semiestruturada ao cartoonista

Tabela 18 - Análise de conteúdo da entrevista ao cartoonista

Categorias	Subcategorias
1. Identificação do cartoonista	1.1 Área de formação académica 1.2 Relacionar a formação académica com a área do desenho/ <i>cartoon</i> 1.3 Área de intervenção profissional 1.4 Ligação do <i>cartoon</i> ao humor
2. Exploração de conceitos relacionados com o <i>cartoon</i>	2.1 Identificação das características inerentes ao <i>cartoon</i> 2.2 Técnicas gráficas, para a criação do <i>cartoon</i> 2.3 Perceber com que finalidade é criada um <i>cartoon</i>
3. Intencionalidade da utilização do <i>cartoon</i> em contexto social	3.1 Perceção do <i>cartoon</i> como consciência social 3.2 Aferição do benefício do uso do <i>cartoon</i> em contexto social 3.3 Temas retratados nos <i>cartoons</i>
4. Potencialidade dos <i>cartoons</i> para a sensibilização da sociedade para o tema do envelhecimento humano	4.1 Envelhecimento da sociedade portuguesa 4.2 Razões que justifiquem o pouco uso do tema do envelhecimento nos <i>cartoons</i> 4.3 Estereótipos físicos associados a um indivíduo idoso 4.4 A questão do género no envelhecimento
5. Aferir a opinião do cartoonista em relação ao uso das TIC pelos idosos	5.1 Identificação dos estereótipos relacionados com o uso das novas tecnologias pelos idosos
6. Opinião do cartoonista relativamente aos estereótipos presentes no <i>corpus</i> de análise	6.1 Observação do <i>corpus</i> de análise pelo cartoonista

De seguida apresenta-se, pormenorizadamente as categorias e respetivas subcategorias.

Tabela 19 - 1. Categoria: Identificação do cartoonista

Subcategoria	Unidades de registo/indicadores
1.1. Área de formação académica	“(…) frequência universitária em Antropologia (…)”
1.2. Relacionar a formação académica com a área do desenho/ <i>cartoon</i>	“(…) tem, de uma forma muito indireta tem (…)” “(…) não terá tanto a ver com o desenho, mas tem a ver com o <i>cartoon</i> (…)” “(…) tem a ver com o interesse pelo ser humano (…)”
1.3. Área de intervenção profissional	“Depende. Para as finanças sou artista plástico. Não têm <i>cartunista</i> . “
1.4. Ligação do <i>cartoon</i> ao humor	“(…) eu diria humorista. “

Da leitura da tabela 19 podemos inferir que o entrevistado assume-se profissionalmente como humorista, não tendo formação específica na área de jornalismo nem em desenho e ou artes gráficas.

Tabela 20 - 2. Categoria: Exploração de conceitos relacionados com o *cartoon*

Subcategoria	Unidades de registo/indicadores
2.1. Identificação das características inerentes ao <i>cartoon</i>	“Poder de síntese (…)” “(…) capacidade de surpreender (…)” “(…) linguagem facilmente perceptível(…)” “(…) imediatamente perceptível (…)” “(…) sinestesia que existe no humor (…)”
2.2. Técnicas gráficas para a criação do <i>cartoon</i>	“Não (…)” “(…) existem técnicas que não se utilizam (…)” “(…) a palavra chave aqui é a criatividade (…)” “(…) capacidade de criar para além do que existe nos factos (…)”
2.3. Perceber com que finalidade é criado um <i>cartoon</i>	“(…) capacidade de intervenção na sociedade (…)” “(…) crónica (…)” “(…) texto jornalístico (…)” “Pode ser a expressão de uma opinião.” “(…) tem que ter eficácia (…)” “Humor não implica forçosamente graça.”

Da análise da tabela 20, o *cartoon* é apresentado sem características próprias em termos de composição gráfica, no entanto é exigido que tenha particularidades das quais se destacam: o poder de síntese; a capacidade de surpreender; linguagem imediatamente perceptível mas com capacidade de criar sinestesia na opinião do leitor.

**Tabela 21 - 3. Categoria: Intencionalidade da utilização do *cartoon* em contexto social**

<b>Subcategoria</b>	<b>Unidades de registo/indicadores</b>
3.1. Perceção do <i>cartoon</i> como consciência social	“(...) o <i>cartoon</i> tem um ego (...)” “(...) disparar uma bala contra qualquer coisa que se quer atingir (...)” “(...) que se quer abater (...)” “(...) dificuldade em ser tão objetivo (...)”
3.2. Aferição do benefício do uso do <i>cartoon</i> em contexto social	“ (...) penso que sim.” “(...) o conceito de mensagem perdeu importância do ponto de vista ontológico (...)” “(...) ensinar alguma coisa a alguém (...)” “(...) mensagem voraz (...)” “(...) estou-lhes a dar protagonismo (...)” “(...) comecei a perceber que havia potencial na forma de estar e de ser do idoso na nossa sociedade (...)” “(...) dava-me capacidade para falar através de uma tira cómica ou de um <i>cartoon</i> (...)”
3.3. Temas retratados nos <i>cartoons</i>	“(...) disparamos para todos os lados (...)” “(...) milhões de assuntos (...)” “(...) querela partidária (...)” “(...) <i>cartoon</i> político (...)” “(...) focados no dia a dia da política (...)”

Da leitura da tabela 21 retiramos que o *cartoon* pretende, com a sua mensagem, chamar a atenção do leitor para o assunto que se retrata. Sendo que, nos dias de hoje, existe dificuldade em tornar a mensagem objetiva, ou seja, “ensinar” alguma coisa. Os temas mais retratados pelos *cartoons* são a política e os seus protagonistas.

**Tabela 22 - 4.** Categoria: Potencialidade dos *cartoons* para a sensibilização da sociedade para o envelhecimento humano

<b>Subcategoria</b>	<b>Unidades de registo/indicadores</b>
4.1. Envelhecimento da sociedade portuguesa	<p>“ É assustador”</p> <p>“(…) o velho não é valorizado (…)”</p> <p>“(…) os idosos como personagens(…)”</p> <p>“(…) e como protagonistas (…)”</p>
4.2. Razões que justifiquem o pouco uso do tema do envelhecimento nos <i>cartoons</i>	<p>“(…) não sei se será (…)”</p> <p>“(…) não tenho informação (…)”</p> <p>“(…) de vez em quando é (…)”</p> <p>“(…) com alguma frequência (…)”</p>
4.3. Estereótipos físicos associados a um indivíduo idoso	<p>“(…) marrequinha (…)”</p> <p>“(…) veste de preto (…)”</p> <p>“(…) características que são transversais às nossas velhas (…)”</p> <p>“(…) vão à igreja (…)”</p> <p>“(…) falam com Deus (…)”</p> <p>“(…) golas fora de moda (…)”</p> <p>“(…) usa bengalinha (…)”</p> <p>“(…) anda quase sempre com pochete (…)”</p> <p>“(…) cabelo cinzento grisalho (…)”</p> <p>“(…) tem vincos na boca (…)”</p> <p>“(…) falta de dentes (…)”</p> <p>“(…) boca cavada (…)”</p> <p>“(…) boca recolhida (…)”</p> <p>“(…) comportam-se como crianças (…)”</p> <p>“(…) é uma questão de semiótica (…)”</p>
4.4. A questão do género no envelhecimento	<p>“(…) viúva (…)”</p> <p>“(…) fragilidade (…)”</p> <p>“(…) velha (…)”</p>

Da leitura da tabela 22 retiramos que o *cartoon* usa de forma exagerada os símbolos e conotações de imagem associadas às características físicas dos idosos retratando-os com excessos para que seja fácil a perceção da mensagem que se quer transmitir, tais como a postura corporal (marrecos), a cor das roupas (escuras, sóbrias ou pretas), o uso de ajudas técnicas para o auxílio da marcha (bengala), possuir cabelo ou não e a cor (branco ou cinzento), rugas, falta de peças dentárias.

Refere ainda que o envelhecimento se faz no feminino e por essa razão as suas personagens idosas são na maioria mulheres, usam roupa preta com a intenção de fazer referência ao luto (viúvas) com uma conotação muito religiosa, pois muitas destas personagens (dependendo do *cartoon* e do tema) estabelecem diálogo com “Deus”.

Tabela 23 - 5. Categoria: Aferir a opinião do cartoonista em relação ao uso das TIC pelos idosos







Subcategoria	Unidades de registo/indicadores
5.1. Identificação dos estereótipos relacionados com o uso das novas tecnologias pelos idosos	<p>“(…) é natural que uma pessoa de 80 anos não tenha acesso às novas tecnologias (…)”</p> <p>“(…) é terrível se levarmos isto para as zonas rurais (…)”</p> <p>“(…) não vamos exigir a pessoas de 75 anos que vão agora aprender a usar as novas tecnologias (…)”</p> <p>“(…) parece uma utopia (…)”</p> <p>“(…) não faz muito sentido (…)”</p> <p>“(…) pessoas com 70 ou 75 anos precisam de descansar, divertir-se, fazer o que lhe apetece (…)”</p> <p>“(…) empurrar-lhes isso (TIC) pela boca abaixo não me parece muito aceitável (…)”</p> <p>“(…) se o fizerem é porque querem e sentem curiosidade (…)”</p>


Da leitura da tabela 23 retiramos que os *cartoon* podem e devem veicular as mensagens presentes na sociedade. Existe o estereótipo de que os idosos não dominam as tecnologias digitais, por conseguinte serão retratados dessa forma.

6. Categoria: Opinião do cartoonista relativamente à conotação dos estereótipos presentes no *corpus* de análise

Tabela 24 - Análise da Categoria 6. Opinião do cartoonista relativamente à conotação dos estereótipos presentes no *corpus* de análise

Análise feita tendo por base a entrevista do Cartoonista		
Cartoon	Estereótipos	
	físicos e/ou sociais	relacionados com uso das TIC
<p><b>1</b></p>	<p>“(…) penso que os dois são idosos (…)”</p> <p>“(…) um tem mesmo ar de idoso (…)”</p> <p>“(…) uma careca (…)” “(…) o outro não parece tanto (…)” “(…) vincos no lábio superior (…)” “(…) atitude e o cabelo grisalho (…)” “(…) há problemas de visão, de mobilidade, de segurança dos movimentos dos dedos... associados à terceira idade (…)”</p>	<p>“(…) há aqui uma incongruência que é a idade do homem e o uso de um computador.”</p>
Conotação do estereótipo presente no <i>cartoon</i> - positiva		
<p><b>2</b></p>	<p>“(…) é uma coisa mesmo rural (…)”</p> <p>“(…) aldeia nas berças... casa de turismo de habitação (…)”</p>	<p>“(…) o dono tenha aprendido a usar a internet para ver as reservas (…)” “(…) utilização muito limitada (…)” “(…) wi-fi para os clientes (…)” “não quer dizer que sejam info-excluídas (…)”</p>
Conotação do estereótipo presente no <i>cartoon</i> - negativa		

<p>3</p> 	<p>“(...) um velhote... grande nariz (...)”</p>	<p>“(...) não penso que a ideia do Magalhães fosse orientada para a terceira idade (...)” “(...) computador com ar muito infantil (...)” “(...) dos 7 aos 77 e o Magalhães é uma forma de velhos e novos usarem internet às mil maravilhas (...)” “(...) tem botões grandes ... cor garrida... é simples (...)” “(...) versão simplificada abrutalhada de um computador normal (...)” “(...) reduz as capacidades de quem os usa (...)” “(...) o idoso pode usar (...)” “(...) um idoso pode usar qualquer computador (...)” “(...) é possível usar computadores para a terceira idade que não sejam diminuídos (...)”</p>
<p><b>Conotação do estereótipo presente no <i>cartoon</i> - positiva</b></p>		
<p>4</p> 	<p>“(...) velhota muito esperta (...)”</p>	<p>“(...) não interessa nada se usa computadores ou não (...)”</p>
<p><b>Conotação do estereótipo presente no <i>cartoon</i> - negativa</b></p>		
<p>5</p> 	<p>“(...) podiam ser velhos (...)”</p>	<p>“(...) não percebem bem o que fazem”</p>
<p><b>Conotação do estereótipo presente no <i>cartoon</i> - positiva</b></p>		
<p>6</p> 	<p>“(...) seguramente um velho na imagem (...)” “(...) os idosos tem boa fé (...)” “(...) acreditam que o que estão a ler é verdade (...)”</p>	<p>“(...) vulnerabilidade dos idosos face a uma tecnologia que está completamente desadequada (...)” “(...) não pode ser utilizada sem grandes precauções (...)” “(...) não pode ser utilizada como uma rede aberta (...)”</p>
<p><b>Conotação do estereótipo presente no <i>cartoon</i> - negativa</b></p>		
<p>7</p> 	<p>“(...) temos aqui um velho por ser careca (...)”</p>	<p>“(...) suicídio social no facebook (...)”</p>
<p><b>Conotação do estereótipo presente no <i>cartoon</i> - negativa</b></p>		
<p>8</p> 	<p>“(...) são rurais (...)”</p>	<p>“(...) linguagem tecnológica desadequada ao contexto (...)” “(...) ironia... sátira (...)”</p>
<p><b>Conotação do estereótipo presente no <i>cartoon</i> - negativa</b></p>		

<p>9</p> 	“ (...) são velhos, os dois (...)”	“ (...) inofensivos (...)”
Conotação do estereótipo presente no <i>cartoon</i> - positiva		

Da leitura da tabela 24, que tem por base a entrevista do cartoonista em relação à conotação dos estereótipos presentes nos *cartoons* retira-se que:

- O cartoonista atribui com conotação negativa os estereótipos presentes nos *cartoons* 2, 4, 6, 7 e 8.
- O cartoonista atribui com conotação positiva os estereótipos presentes nos *cartoons* os 1, 3, 5 e 9.

### 6.2.2 Entrevista semiestruturada ao psicólogo

Tabela 25 - Análise de conteúdo da entrevista ao psicólogo

Categorias	Subcategorias
1. Identificação do psicólogo	1.1 Área de formação académica 1.2 Área de intervenção profissional
2. Exploração do conhecimento do <i>cartoon</i>	2.1 Familiaridade com o <i>cartoon</i> 2.2 Perceber a finalidade do <i>cartoon</i>
3. Intencionalidade da utilização do <i>cartoon</i> em contexto social	3.1 Aferição do benefício do uso do <i>cartoon</i> em contexto social 3.2 Temas retratados nos <i>cartoons</i>
4. Potencialidade dos <i>cartoons</i> para a sensibilização da sociedade para o tema do envelhecimento humano	4.1 Envelhecimento da sociedade portuguesa 4.2 Estereótipos associados a um indivíduo idoso 4.3 A questão do género no envelhecimento
5. Opinião do psicólogo em relação ao uso das TIC pelos idosos	5.1 Identificação dos estereótipos relacionados com o uso das novas tecnologias pelos idosos
6. Opinião do psicólogo relativamente aos estereótipos presentes no <i>corpus</i> de análise	6.1 Observação do <i>corpus</i> de análise pelo psicólogo

**Tabela 26** - Análise de conteúdo da categoria 1. Identificação do psicólogo

<b>Subcategoria</b>	<b>Unidades de registo/indicadores</b>
1.1. Área de formação académica	“(…) formado em psicologia (…)” “(…) pós graduação em terapia familiar (…)” “(…) psicogerontologia (…)”
1.2. Área de intervenção profissional	“(…) universidade sénior (…)” “(…)já trabalho com centenas de séniores (…)”

Da leitura da tabela 26 podemos inferir que o entrevistado assume-se profissionalmente como psicólogo, com formação específica na área e experiência profissional no domínio da psicogerontologia.

**Tabela 27** - Análise de conteúdo da categoria 2. Exploração do conhecimento do *cartoon*

<b>Subcategoria</b>	<b>Unidades de registo/indicadores</b>
2.1. Familiaridade com o <i>cartoon</i>	“(…) vou lendo esporadicamente” “(…) não presto muita atenção (…)” “(…) gosto e aprecio (…)”
2.2. Perceber a finalidade do <i>cartoon</i>	“(…) chamar a atenção (…)” “(…) inquieta (…)” “(…) cativa o leitor (…)” “(…) estética (…)” “(…) o desenho (…)” “(…) mensagem (…)” “(…) humor (…)” “(…) ironia (…)”

Da leitura da tabela 27 podemos inferir que o entrevistado não tem o hábito de ler os *cartoon* publicados em jornais ou revistas.

Identifica claramente a intencionalidade de um *cartoon* e identifica-as como: chamar a atenção através da crítica ou ironia de um assunto particular inquietando e cativando o leitor. Refere ainda que aliada à intencionalidade da mensagem não pode ser descurada a parte estética do desenho.

**Tabela 28** - Análise de conteúdo da categoria 3. Intencionalidade da utilização do *cartoon* em contexto social

<b>Subcategoria</b>	<b>Unidades de registo/indicadores</b>
3.1. Aferição do benefício do uso do <i>cartoon</i> em contexto social	“(...) válida e tem impacto (...)” “(...) comunicação muito positiva (...)” “(...) através do humor e da imagem conseguimos captar sentimentos (...)” “(...) despertar pensamentos nas pessoas (...)” “(...) a imagem tem muita força (...)” “(...) a imagem mental pode ficar registada (...)” “(...) forma de comunicar (...)”
3.2. Temas retratados nos <i>cartoons</i>	“(...) abordar temas sérios (...)” “(...) despertar a atenção das pessoas (...)” “(...) questionar (...)” “(...) o humor é uma de forma saudável de abordar as coisas mesmo as mais difíceis (...)”

Da leitura da tabela 28 podemos inferir que o entrevistado entende que o uso do *cartoon* em contexto social é válida e tem impacto pois promove uma comunicação positiva justificando que através do humor e do poder da imagem se podem captar sentimentos e despertar a crítica abordando muitas vezes temas delicados.

**Tabela 29** - Análise de conteúdo da categoria 4. Potencialidade dos *cartoons* para a sensibilização da sociedade para o tema do envelhecimento humano

<b>Subcategoria</b>	<b>Unidades de registo/indicadores</b>
4.1. Envelhecimento da sociedade portuguesa	“(...) a nossa população está cada vez mais envelhecida (...)” “(...) disparidade cada vez maior entre gerações (...)” “(...) um fenómeno social, cultural e económico bastante acentuado (...)” “(...) falta de preparação das estruturas do país (...)” “(...) isto já era esperado (...)” “(...) projeções para o futuro ainda mais complicadas” “(...) mais grandes idosos (...)” “(...) desafio muito grande (...)” “(...) não vejo como um problema (...)” “(...) perspectiva do envelhecimento ativo saudável e digno (...)” “(...) ajustar a sociedade às necessidades do sénior (...)”
4.2. Estereótipos associados a um indivíduo idoso	“(...) carácter mais acentuado (...)” “(...) teimoso (...)” “(...) não tem nada para dar à sociedade (...)” “(...) questão dos gostos (...)” “(...) da roupa (...)” “(...) atividade sexual (...)”

	“(...) participação (...)” “(...) acomodado (...)” “(...) roupa mais escura (...)”
4.3.A questão do género no envelhecimento	“(...) seguramente no feminino (...)”

Da leitura da tabela 29 podemos inferir que a população portuguesa está envelhecida e que este envelhecimento se faz no feminino. O cenário tende a agravar-se nos próximos tempos o que se configura não num problema mas sim num desafio.

Salienta ainda a necessidade de ajustamento da sociedade às necessidades dos idosos com o objetivo de se promover um envelhecimento saudável e digno.

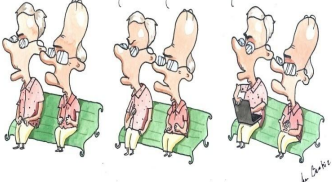


Refere ainda os estereótipos associados a um idoso salientado o acentuar do carácter, a teimosia, a roupa escura e a inexistência de atividade sexual.





**Tabela 30** - Análise de conteúdo da categoria 5. Opinião do psicólogo em relação ao uso das TIC pelos idosos



<b>Subcategoria</b>	<b>Unidades de registo/indicadores</b>
5.1. Identificação dos estereótipos relacionados com o uso das novas tecnologias pelos idosos	“(...) procuram as universidades seniores para aprenderem TIC (...)” “(...) estão desatualizados (...)” “(...) vê-se muitas mudanças a acontecer nesta área (...)” “(...) já há muitos idosos que usam muito as TIC (...)”

Da leitura da tabela 30 podemos inferir que o entrevistado identifica a existência do estereótipo conotado com a iliteracia digital dos idosos mas, e, dada a sua experiência profissional de formador numa universidade sénior, é testemunha de uma mudança de paradigma uma vez que assiste à procura cada vez maior por parte dos idosos de formação para a utilização das TIC.

**Tabela 31** - Análise da Categoria 6. Opinião do psicólogo relativamente aos estereótipos presentes no *corpus* de análise

<b>Análise feita tendo por base a entrevista do Psicólogo</b>		
<b>Cartoon</b>	<b>Estereótipos</b>	
	<b>físicos e/ou sociais</b>	<b>relacionados com uso das TIC</b>
<p><b>1</b></p> <p><b>CERTEIRA IDADE</b></p> <p>GOSTEI DOS RECURSOS DE 25 DE ABRIL, DOS EX-PRESIDENTES EANEZ, SOARES E SAMPAIO. ESSE NÃO DUVI.</p> <p>EU TAMBÉM, E DO CAVACO, NÃO GOSTASTE?</p> <p>VOU LER NO FACEBOOK!</p> 	<p>“(...) neste caso são dois idosos (...)”</p> <p>“(...) ou um idoso e uma idosa (...)”</p> <p>“(...) sentados num banco de jardim (...)”</p> <p>“(...) associarmos o banco de jardim ao idoso (...)”</p> <p>“(...) a própria roupa (...)”</p> <p>“(...) a postura corporal”</p> <p>“(...) interessados e atentos à realidade (...)”</p> <p>“(...) curioso (...)”</p>	<p>“(...) recurso à novas tecnologias (...)”</p> <p>“(...) ter acesso (...)”</p>
<b>Conotação do estereótipo presente no <i>cartoon</i> - positiva</b>		
<p><b>2</b></p> <p>EFIGÊNIA!! ESTÁ AQUI UM TIPO DO GOVERNO QUE QUER SABER SE TEMOS INTEPRET OU INIREMET... PARA PAGAR O SELO DO CARRO!</p> 	<p>“(...) envelhecimento urbano e o envelhecimento rural (...)”</p> <p>“(...) falta de habilitações, escolaridade (...)”</p> <p>“(...) menos sabedoras, mais ignorantes (...)”</p> <p>“(...) idoso rural com maiores dificuldades económicas e financeiras (pela casa) (...)”</p>	<p>“(...) menos acesso às novas tecnologias (...)”</p> <p>“(...) sem preparar as pessoas para ter acesso (...)”</p>
<b>Conotação do estereótipo presente no <i>cartoon</i> - negativa</b>		
<p><b>3</b></p> <p>É DOS 7 AOS 77! É PPOO NETINHO E PPOO VOVO!</p> <p>FAZ-ME PAGAR COM RESENA!</p> 	<p>“(...) estereótipo na figura do avô (...)”</p> <p>“(...) senhor de óculos (...)”</p> <p>“(...) com bigode (...)”</p> <p>“(...) a própria roupa (...)”</p> <p>“(...) um bocado curvado”</p> <p>“(...) o avô não tem que ser necessariamente assim”</p> <p>“(...) imagem estereotipada do avô e do neto (...)”</p> <p>“(...) transição entre uma velha velhice e uma nova velhice (...)”</p>	<p>“(...) novas tecnologias como ponte de diálogo entre gerações (...)”</p> <p>“(...) possibilidade de acesso de uns e de outros (...)”</p> <p>“(...) possibilidade de o avô aprender com o neto (...)”</p> <p>“(...) o neto aprender com o avô (...)”</p>
<b>Conotação do estereótipo presente no <i>cartoon</i> - positiva</b>		

<p><b>4</b></p>  <p>OH DONA PEDRDE, A SENHORA QUE PASSA LÁ O DIA SABE SE POSSO MARCAR UMA CONSULTA NO CENTRO DE SAÚDE POR TELEFONE?</p> <p>QUAL TELEFONE QUAL CARAPUCA, MEU RAFAZ, NÃO SE MARCAM CONSULTAS POR TELEFONE, ESTAMOS NA SOCIEDADE DO CONHECIMENTO</p> <p>CONHECE LÁ ALGUÉM?</p>	<p>“Os velhos (...)”                  “(...) imagem da senhora de óculos (...)”                  “(...) queixo acentuado (...)”                  “(...) cabelo grisalho (...)”                  “(...) vestida de preto (...)”                  “(...) a carteirinha (...)”</p>	<p>“(...) dificuldade em adaptar-se a esta sociedade (...)”                  “(...) não se prepara para o envelhecimento (...)”                  “(...) criamos estruturas maioritariamente para os jovens (...)”                  “(...) modos de acesso maioritariamente para os jovens do que propriamente para os séniores (...)”</p>
<p>Conotação do estereótipo presente no <i>cartoon</i> - negativa</p>		
<p><b>5</b></p>  <p>QUE FAZES? CULTIVAS-TE NA NET?</p> <p>BOM... MAIS OU MENOS ESTOU A TENTAR VER UM JOGO DE FUTEBOL...</p> <p>MAS NÃO SE VÊ NADA, ESTÁ TUDO PRETO?</p> <p>NÃO DEVIAM TER DADO AQUELES MAGALHÃES TODOS AOS ANOS... AGORA ESTÁ TUDO ENTUPIADO.</p> <p>HÁ GENTE A MAIS NO SISTEMA.</p> <p>GÓLO? ISTO FOI GÓLO?</p>	<p>“Aqui um idoso (...)”</p>	<p>“(...) não saber como utilizar (...)”                  “(...) não saber como lidar (...)”                  “(...) necessidade de adequar as novas tecnologias (...)”                  “(...) formar para terem acesso às novas tecnologias (...)”</p>
<p>Conotação do estereótipo presente no <i>cartoon</i> - positiva</p>		
<p><b>6</b></p> 	<p>“(...) vulnerabilidade do idoso (...)”                  “(...) vulnerável à burla (...)”</p>	<p>“(...) não sabe como se proteger (...)”                  “(...) não saber utilizar as novas tecnologias (...)”                  “(...) usa as novas tecnologias mas sem noção dos perigos (...)”                  “(...) prevenção”</p>
<p>Conotação do estereótipo presente no <i>cartoon</i> - positiva</p>		
<p><b>7</b></p> 	<p>“(...) idoso isolado (...)”                  “(...) fechado (...)”                  “(...) solidão (...)”</p>	<p>“(...) novas tecnologias como forma das pessoas se relacionarem (...)”                  “(...) o símbolo do facebook como dificuldade de ter acesso, de se relacionar (...)”                  “(...) dificuldade de entrar na rede (...)”</p>
<p>Conotação do estereótipo presente no <i>cartoon</i> - negativa</p>		

8		<p>“(...) idoso rural (...)”  “(...) pela vestimenta (...)”  “(...) o senhor claramente exagerado (...)”  “(...) nariz vermelho um pouco alcoolizado (...)”</p>	<p>“(...) utilizar as novas tecnologias no meio rural (...)”  “(...) senhora a usar uma linguagem completamente contraditória com o quadro (...)”</p>
Conotação do estereótipo presente no <i>cartoon</i> - negativa			
9		<p>“(...) transmite o envelhecimento da população (...)”  “(...) a senhora também ela uma idosa (...)”  “(...) sociedade envelhecida que terá que reajustar (...)”</p>	
Conotação do estereótipo presente no <i>cartoon</i> - positiva			

Da leitura da tabela 31, que tem por base a entrevista do psicólogo em relação à conotação dos estereótipos presentes nos *cartoons* retira-se que:

- O psicólogo atribui com conotação negativa os estereótipos presentes nos *cartoons* 2, 4, 5, 6, 7 e 8.
- O psicólogo atribui com conotação positiva dos estereótipos presentes nos *cartoons* temos os 1, 3 e 9.

### 6.3 Triangulação dos dados

Numa investigação é fundamental que todo o investigador se preocupe com as questões da fiabilidade e viabilidade dos métodos a que recorre. A fase correspondente à análise e interpretação dos dados recolhidos exige do investigador o respeito por determinados procedimentos analíticos que asseguram que as perceções, as observações, os questionários e as entrevistas se enquadram dentro de alguns limites de correspondência.

Os questionários utilizados foram validados por um especialista, tendo inicialmente sido construído um pré questionário que foi posteriormente revisto e alterado com as sugestões e melhorias indicadas pelo especialista.

A razão da utilização de técnicas de recolha de dados diferenciados permite o cruzamento das informações obtidas dos vários métodos e através dos diversos instrumentos, para assegurar a validade do estudo.

A triangulação é uma combinação de várias metodologias de investigação num estudo do mesmo fenómeno. O conceito de triangulação entendido como uma

combinação de pontos de vista, métodos e materiais empíricos diversificados suscetíveis de “(...) constituírem uma estratégia capaz de acrescentar rigor, amplitude e profundidade à investigação” Denzin e Lincoln (2000: 5). Coutinho (2013) refere que a triangulação consiste em combinar dois ou mais pontos de vista, fontes de dados, abordagens teóricas ou métodos de recolha de dados numa mesma pesquisa para que possamos obter como resultados final um retrato mais fidedigno da realidade ou uma compreensão mais completa do fenómeno a analisar.

Assim, no caso concreto deste estudo, procedemos à triangulação das fontes de dados, através do confronto de dados obtidos pelas diversas técnicas: notas de campo, entrevista semiestruturada ao cartoonista e ao psicólogo e os questionários feitos aos grupos que constituem a amostra nomeadamente alunos das licenciaturas de Desenho e Belas Artes, alunos da licenciatura de Ciências da Comunicação, alunos da licenciatura em Jornalismo e ao grupo de idosos.

**Tabela 32** - Triangulação dos dados - Opinião do cartoonista, psicólogo e grupos da amostra relativamente á conotação dos estereótipos presentes no *corpus* de análise.

<i>cartoons</i>									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9
<u>Cartoonista</u>									
Atribuição da conotação do estereótipo a cada <i>cartoon</i>	+	-	+	-	+	-	-	-	+
<u>Psicólogo</u>									
Atribuição da conotação do estereótipo a cada <i>cartoon</i>	+	-	+	-	+	+	-	-	+
<b>Grupos da amostra</b>	D	+	-	+	-	+	-	-	+
	C	+	-	+	-	+	+	-	+
	J	+	-	+	-	+	-	-	+
	I	+	-	+	-	+	-	-	+

Da análise da tabela 32 retiramos que os *cartoons* 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8 e 9 independentemente do grupo da amostra – alunos de Belas Artes e Desenho, alunos de Ciências da Comunicação, alunos de Jornalismo ou Idosos mantêm a mesma conotação do estereótipo (negativa ou positiva), mesmo quando os dados são cruzados com as opiniões do cartoonista e do psicólogo, nomeadamente a conotação negativa para os *cartoons* 2, 4, 7 e 8 e positiva para os *cartoons* 1, 3, 5 e 9.

O *cartoon* 6 diverge na classificação do estereótipo presente no *cartoon* entre o grupo C (alunos da licenciatura de Ciências da Comunicação) que atribui uma conotação positiva e os restantes grupos (D, J e I) que classificam como negativa. A atribuição da conotação positiva do grupo C pode dever-se ao facto de analisarem a imagem tendo em linha de conta a sua formação, pois justificam que a mensagem que é transmitida é um alerta para os perigos, crimes e burlas informáticas e como tal é preventivo, logo positiva. Fazendo a triangulação desta análise com os dados recolhidos das entrevistas feitas ao psicólogo e ao cartoonista verificamos que a conotação do *cartoon* 6 também é divergente, sendo positiva para o psicólogo e negativa para o cartunista. O psicólogo justifica a sua posição alegando que vê o *cartoon* como um alerta para a prevenção dos perigos da internet que não é exclusiva da faixa etária dos idosos mas transversal a todos os grupos etários.

A análise aos resultados obtidos no presente estudo pode ainda ser feita por afinidades das áreas relacionadas com as TIC, nomeadamente:

- Literacia digital: urbano *versus* rural – *cartoons* 2 e 8
- Intergeracionalidade – *cartoon* 3
- Literacia digital – *cartoons* 4, 5 e 9
- Crime e burla informática – *cartoon* 6
- Redes sociais – *cartoons* 1 e 7

Retiramos que os *cartoons* pertencentes à área da literacia digital: urbano *versus* rural (*cartoon* 2 e 8) tem uma conotação negativa para todos os grupos da amostra (D, C, J e I) incluindo na opinião do cartoonista e do psicólogo. Leva-nos a concluir que existe a perceção negativa do estereótipo associado aos idosos rurais no acesso e uso das TIC.

Na área da literacia digital (*cartoons* 4, 5 e 9) existem *cartoons* que evidenciam uma conotação positiva do estereótipo associado à mensagem presente nos *cartoons* (5 e 9). Enquanto que o *cartoon* 4 apresenta uma conotação negativa para todos os grupos para o cartoonista e psicólogo. O *cartoon* 4 evidencia uma conotação negativa do estereótipo veiculado pelo *cartoon* na área da literacia digital.

Na área do crime e burla informática ao *cartoon 6* é atribuída uma conotação negativa pelos grupos da amostra (D, J e I) e pelo cartoonista. O grupo C e o psicólogo atribuem conotação positiva com a justificação de entenderem a mensagem como um alerta ou uma forma de prevenção (como anteriormente já mencionamos).

Na área das redes sociais os *cartoons 1* e *7* têm conotações opostas. Enquanto o *cartoon 1* tem uma conotação positiva que evidência os esforços que os idosos têm levado a cabo no sentido de se formarem e informarem quanto ao uso das TIC, nomeadamente na participação nas redes sociais, *facebook*. Por sua vez o *cartoon 7* evidência uma conotação negativa quanto ao uso das redes sociais pelos idosos por fazer crer que o idoso ao usá-las ficará mais dependente e promoverá a solidão deste em relação à sociedade.

## Capítulo VII - Conclusão

### 7.1 - Conclusões do estudo

Os resultados que esperamos obter visam dar resposta ao problema levantado e à concretização dos objetivos delineados no início da investigação.

Neste sentido, as conclusões deste estudo no que concerne às opiniões dos grupos que constituem a amostra (cartoonista, psicólogo, estudantes das licenciaturas de Desenho e Belas Artes, Ciências da Comunicação, Jornalismo e idosos) apresentam-se unânimes na atribuição da conotação positiva ao estereótipo presente nos *cartoons* (1, 3, 5 e 9) que evidenciam, por um lado, a iliteracia digital dos idosos e, por outro lado, a necessidade de terem acesso às TIC e às redes sociais como forma de inclusão social e incrementação das relações interpessoais, assim como, a possibilidade da aprendizagem intergeracional poder configurar-se como uma mais-valia.

Apresentam-se também consensuais as opiniões dos grupos que constituem a amostra na atribuição da conotação negativa ao estereótipo presente nos *cartoons* (2, 4, 7 e 8) que evidenciam, por um lado, a iliteracia digital dos idosos associada à dificuldade de acesso às tecnologias digitais no meio rural e, por outro lado, a participação não responsável nas redes sociais que poderá ser um fator que fomente ainda mais a solidão das pessoas idosas.

As opiniões dos grupos que constituem a amostra são divergentes quanto à atribuição da conotação ao estereótipo presente no *cartoon* 6. A conotação positiva é atribuída pelo grupo C (alunos da licenciatura em Ciências da Comunicação) e pelo psicólogo. Ambos justificam a atribuição pelo facto de considerarem a mensagem veiculada pelo *cartoon* como um alerta para a prevenção do crime e burla informática que afeta especialmente as pessoas idosas pela sua iliteracia digital. Ao mesmo é-lhe conferida uma atribuição da conotação negativa pelos grupos D e J (dos alunos das licenciaturas de Desenho e Belas Artes e Jornalismo), idosos e cartoonista que é justificada pela associação que fazem do problema da insegurança na internet, nomeadamente o crime e burla informática, estar associada e ser incentivada pela iliteracia digital das pessoas idosas. Neste sentido, pode-se inferir e reforçar a necessidade de uma formação específica que alerte e fomente uma utilização segura da internet.

Os aspetos identificados neste estudo que derivam da análise dos resultados como determinantes para uma melhor literacia digital das pessoas idosas estão relacionados com a melhoria do acesso às tecnologias digitais principalmente no mundo rural bem como a formação diferenciada tendo em conta as necessidades específicas e próprias das pessoas idosas, enquanto grupo social que se caracteriza pela sua enorme heterogeneidade. Esta aprendizagem pode ainda ser apoiada pelas relações intergeracionais promovendo, em simultâneo, a solidariedade entre as gerações.

Concluímos ainda que o estudo pode contribuir para a expansão da importância dos *cartoons* como instrumentos, dentro da comunicação humana, que possam ser portadores de mensagens potenciadoras do acesso, da inclusão e promoção da literacia digital das pessoas idosas.

A análise feita à conotação do estereótipo presente nos *cartoons* que constituem o presente estudo revelou que a estrutura do *cartoon* é mais do que o traço do desenho. É uma construção de um mundo discursivo em que estão presentes valores do mundo físico, social e subjetivo que compõe a ação comunicativa. Se o objetivo do *cartoon* é alcançado e se podemos reconhecê-lo é porque reúne parâmetros que compõem o ato de comunicar.

Quando observamos um *cartoon*, mais que partilharmos o ponto de vista do autor, ou, decodificar a mensagem subjacente, existe a procura do divertimento puro. O humor trás consigo a forma de um alerta e de denúncia. Do estudo realizado, sente-se que o *cartoon* pode ser um meio potencializador de novas abordagens e de novas formas que possam consciencializar os decisores políticos para que as TIC venham a fazer parte das rotinas das pessoas idosas e, desta forma, ao se promover a sua inclusão digital está a promover-se a sua inclusão social, numa sociedade cada vez mais digital. Porque a rir se dizem verdades. Porque a sorrir se apontam maldades. Mas é nessa procura do divertimento que se estabelece uma cumplicidade entre o autor e o leitor. O traço do autor leva-nos a partilhar o mundo - o nosso e o seu - as suas ideias, crenças e valores, e pelo Humor se devem juntar todas as idades, e em conjunto podermos rir disso tudo!

## 7.2 - Limitações do estudo

No que se refere à constituição do *corpus* de análise, a existência de um número bastante reduzido de *cartoons* portugueses que retratem como tema o envelhecimento humano e a literacia digital das pessoas idosas.

O local da aplicação do instrumento de avaliação, o questionário, aos grupos de alunos que constituem a amostra, ou seja, o facto de o seu preenchimento ter ocorrido durante o intervalo entre as aulas, implicou pouca disponibilidade por parte dos indivíduos convidados a participar. Como tal, os estudantes poderiam ter tido a possibilidade de uma maior disponibilidade poder, eventualmente, proporcionar opiniões mais completas e mais reflexivas.

A falta de investigações com o mesmo objetivo deste estudo e com o *corpus* de análise composto por *cartoons* relacionados com o envelhecimento e a literacia digital das pessoas idosas. O carácter exploratório do estudo limitou fortemente em termos de revisão de literatura e de comparação de resultados com outros estudos realizados.

### 7.3 Proposta para estudos futuros

- Aplicar o questionário a um maior número de estudantes universitários, na tentativa de obter resultados mais conclusivos. Poder-se-ia aumentar a representatividade da amostra, aplicando o instrumento de avaliação aos estudantes de outros Institutos Superiores Politécnicos e Universidades a nível nacional (região centro, norte e sul), ao invés de nos termos restringido à região de Lisboa.
- Seria interessante verificar se existem diferenças significativas entre grupos de estudantes do ensino superior de diferentes licenciaturas tendo por base a localização geográfica e a dicotomia rural *versus* urbano.
- Num estudo posterior poder-se-iam também envolver uma amostra maior de pessoas idosas onde se pudesse averiguar a existência de potenciais diferenças de opinião de acordo com o sexo, habilitações académicas, experiências profissionais anteriores e local de residência (urbano – rural).
  - Tendo em consideração a importância das relações intergeracionais, uma outra proposta poderia ainda vir a incluir, jovens no sentido de se puder averiguar quais as opiniões dos designados «nativos digitais» relativamente a outros cidadãos que não nasceram no seio das tecnologias digitais.

## Bibliografia

- Afonso, N. (2005). *Investigação naturalista em educação. Um guia prático e crítico*. Porto: Edições Asa.
- Albarello, L. (1997). *Práticas e métodos de investigação em ciências sociais - trajectos*. Lisboa: Gradiva.
- Alm, N., Gregor, P., & Newell, A. (2002). Older people and information technology are ideal partners. *International conference for universal design*, (pp. 1-7). Japan.
- Almeida, L., & Freire, T. (1997). *Metodologia da investigação em psicologia e educação*. Coimbra: Apport.
- Almeida, M. (2000). *Informática e formação de professores*. Brasília: Ministério da educação.
- Almeida, M. (2006). *A idade não perdoa*. Lisboa: Gradiva.
- Allport, G. (1954). *The Nature of Prejudice*. Massachusetts: Addison-Wesley Publishing Company. .
- Ander-Egg, E. (1985). *Metodologia del trabajo social*. México: Ateneo.
- António, S. (2012). Vivendo mais, trabalhando mais. *Cadernos de ecónomia. Ano XXV, nº98*, pp. 9-12.
- Azul, A. (1998). *Introdução às tecnologias da informação 1*. Porto: Porto Editora.
- Baltes, P. (1987). *Theoretical propositions of life-span developmental psychology: On the dynamics between growth and decline. Developmental Psychology*. Obtido em 18 de abril de 2014, de <https://www.mpib-berlin.mpg.de/volltexte/institut/dok/full/Baltes/onthein/index.htm>
- Bardin, L. (1979). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bell, J. (1997). *Como realizar um projecto de investigação*. Lisboa: Gradiva.
- Berelson, B. (1952). *Content analysis in communication reseach*. Glence: Free Press.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e os métodos*. Porto: Porto Editora.
- Bouma, H. e. (2007). Gerontechnology in perspective. *Review gerontechnology. Vol. 6, N. 4, , pp. 190-216*.
- Bressanin, A. (2007). Gênero charge na sala de aula: o sabor do texto . *4º Simpósio Internacional de Estudos de Géneros Textuais*. Santa Catarina.
- Cachioni, M. (2002). *Quem Educa os Idosos? Um estudo sobre Professores de* . Campinas: Átomo e Alínea.
- Cancela, D. (2007). *O processo de envelhecimento in Psicologia.com.pt*. Obtido em 15 de março de 2013, de <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0097.pdf>
- Carmo, H., & Ferreira, M. (1998). *Metodologia da investigação - guia para auto aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Castells, M. (2001). *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Castro, F. (1999). *Construcción psicológica da la identidad regional: tópicos y estereótipos en el proceso de socialización el referente a Extremadura*. Badajoz: Gráfica Disputación Providencial de Badajoz.

- Cellard, A. (2008). *A análise documental*. in: Poupart, J. et al. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis: Vozes.
- Chizzoti, A. (2006). *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez.
- Coutinho, C. (2013). *Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas: teoria e prática*. Coimbra: Edições Almedina.
- Denzin, N., & Lincoln, Y. (2000). *The discipline and practice of qualitative*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- Denzin, N., Lincoln, Y., & Col. (2006). *O planeamento da pesquisa qualitativa - teoria e abordagens*. Porto Alegre: Editora Artmed.
- Dias, I. (2005). Envelhecimento e violência contra idosos. *Sociologia*, 15, pp. 249-273.
- Dias, I. (2005). Envelhecimento e violência contra os idosos. *Sociologia* 15, pp. 249-273.
- Diniz, C. (1997). *Envelhecimento e qualidade de vida no concelho de Faro*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Duran, M. (2003). *Internet addiction disorder all psych journal*. Obtido em 2 de maio de 2013, de <http://www.alpsych.com/journal/internetaddiction.html>
- Eco, U. (1989). *Los marcos de la libertad cómica*. . México: Fondo de Cultura Económica.
- Europeia, C. (2010). *Overview of the european strategy in ICT for Ageing Well*. Bruxelas.
- Featherstone, M., & Hepworth, M. (1995). *Images of aging: cultural representations of later life*. london: Routledge.
- Flinck, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Artmed.
- Fonseca, A. (2004). *O envelhecimento: uma abordagem psicológica*. Lisboa: Universidade Católica Editora.
- Galinha, S., & Canez, C. (2010). *Psicologia e educação multimédia: inovação e conhecimento na formação e aprendizagem com recursos tecnológicos*. Obtido em 26 de abril de 2013, de Portal dos psicólogos: <http://www.psicologia.com.pt>
- Gil, H. (2011). *A formação dos idosos em TIC: uma «emergência» da sociedade da informação*. Obtido em 22 de março de 2014, de <http://comunidade.ese.ipb.pt/ieTIC/index.php/ieTIC/ietic2013>
- Gil, H., & Amaro, F. (2011). e-Inclusão: «dos 7 aos 77». In *the 61st internacional Council for Educacional Media and the XIII Internacional Simposium on computers in Education (ICEM&SII'2011), joint conference*, (pp. 60-65). Aveiro.
- Gil, H., & Amaro, F. (2011). Geronto-Formação: formação nas idades avançadas para a info-inclusão. In *6ª conferencia ibérica de sistemas e tecnologias de informação, Vol.II*, pp. 15-18. Chaves.
- Goldenbergm, M. (2002). *A arte de pesquisar*. Rio de Janeiro: Editora Record.
- Gradim, A. (2000). *Manual de jornalismo*. Covilhã: Universidade da Beira Interior.
- Helder, R. (2006). *Como fazer análise documental*. Porto: Universidade do Algarve.
- Higounet, C. (2003). *História concisa da escrita*. São Paulo: Parábola Editorial.

- INE. (2012). *Censos 2001 e 2011*. Obtido em 20 de março de 2013, de <http://at.nielsen.com/site/documents/GlobalReportonAging.pdf>
- INE. (2012). *Estatísticas demográficas*. Obtido em maio de 24 de 2014, de INE: [www.ine.pt/ngt\\_server/attachfileu.jsp?look\\_parentBoui...att](http://www.ine.pt/ngt_server/attachfileu.jsp?look_parentBoui...att).
- Jacob, L. (2008). *Animação de idosos*. Porto: Editora Âmbar.
- Kachar, V. (2003). *terceira idade e informática: aprender revelando potencialidades*. São Paulo: Cortez.
- Katz, S. (1996). *Disciplining old age: the formation of gerontological knowledge*. Charlottesville: University Press of Virginia.
- Klava, I., & Cohen, H. (1977). *Os quadradinhos e a comunicação de massas*. São Paulo: Editora Perpectiva.
- Kress, G., & Leeuwen, T. (1996). *Van reading images: the grammar of visual design*. London: Routledge.
- Leal, A. (s.d.). *Tese de doutoramento - a organização textual do género cartoon: aspectos linguísticos e condicionamentos não linguísticos*. Obtido em 22 de maio de 2014, de <file:///C:/Users/utilizador/Downloads/Tese%20final%20com%20capa.pdf>
- Liebel, V. (2005). *Humor gráfico - apontamentos sobre a análise das charges na história*. Obtido em 27 de maio de 2014, de [http://anpuh.org/anais/wp\\_content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.1596.pdf](http://anpuh.org/anais/wp_content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.1596.pdf).
- Lima, M. (2010). *Envelhecimento-Estado da arte*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Lopes, E., & Park, M. (2007). *Representação social de crianças acerca do velho e do envelhecimento* 141-148. Obtido em 21 de abril de 2014, de Estudos de Psicologia 12(2): <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v12n2/a06v12n2>
- Ludke, M., & André, M. (1986). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária.
- Macedo, A. (2010). *Envelhecer com arte, longevidade e saúde*. São Paulo: Atheneu.
- Martins, M., & Rodrigues, M. (2004). Estereótipos sobre idosos: uma representação social gerontofóbica. *Millenium Revista do ISPV*, 29, pp. p. 249-254.
- Minayo, M. (2001). *(org.) Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Minayo, M. (2008). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec.
- Mollenkopf, H., & Fozard, J. (2003). Technology and the good life: challenges for current and future generations of aging people (in: Wahl, H.; Scheidt, R.; Windley, P.; (Ed.). *Annual Review of Gerontology and Geriatrics. Focuse on Aging in Context: Socio-Physical Environments, New York, Vol.23*, pp. 250-280.
- Nazareth, J. (1988). *Portugal os próximos 20 anos: unidade e diversidade da demografia portuguesa no final do séc. XX*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Oliveira, B. (2010). *Psicologia do envelhecimento e do idoso*. Porto: Legis Editora.
- Osório, A., & Pinto, F. (2007). *As pessoas idosas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Pacheco, J. (1995). *Formação de professores: teoria e praxis*. Braga: Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.
- Paul, M. (1997). *Lá Para O Fim Da Vida. Idosos, Família e Meio Ambiente*. Coimbra: Livraria Almedina.

Paulo, C., & Tijiboy, A. (2005). *Inclusão digital de pessoas da terceira idade através da educação à distância*. Obtido em 13 de maio de 2014, de <http://guaiba.ulbra.tche.br/pesquisa/2009/artigos/sistemas/salao/524.pd>

Pew, R., & Van Hemel, S. (2003). *Technology for adaptive aging. Committee for the Workshop on Technology for Adaptive Aging. Board on Behavioral, Cognitive, and Sensory Sciences Division of Behavioral and Social Sciences and Education*. Washington D.C: The National Academies Press.

Pimentel, M. (2001). *O lugar do idoso na família: contexto e trajetórias*. Coimbra: Quarteto.

Pinto, A. (. (2001). *Envelhecer vivendo*. Coimbra: Quarteto Editora.

Quivy, R., & Camenhoudt, L. (1992). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.

Quivy, R., & Campenhoudt, L. (1998). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.

Rabaça, C., & Barbosa, G. (2002). *Dicionário de comunicação*. Rio de Janeiro: Campus.

Riani, C. (2002). *Linguagem & cartum... Tá rindo do quê? Um mergulho nos salões de humor de Piracicaba*. Piracicaba: Unimep.

Rodrigues, P. (1979). *Tesouros da caricatura portuguesa 1856/1928*. Lisboa: Circulo de Leitores.

Romualdo, E. (2000). *Charge jornalística: intertextualidade e polifonia - um estudo de charges da folha de S. Paulo*. Maringá: Eduem.

Rosa, M. (1993). O desafio social do envelhecimento demográfico. *Análise Social, XXVIII*, pp. 679-689.

Rosa, M., & Arnoldi, M. (2008). *A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para a validação dos resultados*. Belo Horizonte: Autêntica.

Saidenberg, I. (2013). *A história dos quadradinhos no Brasil*. Brasil: Editora Mursupial.

Serrano, G. (2004). *Investigación cualitativa. Retos e interrogantes - 1. Métodos*. Madrid: La Muralla.

Sousa, H. (1995). *Rio da violência: armado de humor*. Rio de Janeiro: AC/Primyl.

Sousa, J. (2001). *Elementos de jornalismo impresso*. Obtido em 19 de maio de 2013, de [www.bocc.ubi.pt](http://www.bocc.ubi.pt).

Sousa, M. (2003). *Tecnologias de informação*. Lisboa: FCA Editora.

Souza, J. (2008). *Sexualidade na terceira na terceira idade: uma discussão da aids, envelhecimento e medicamentos para disfunção erétil*. Pernambuco, p. 59 – 64. Obtido em 15 de dezembro de 2013, de DST –Doenças Sexualmente Transmissíveis v. 20, n. 1.; <http://www.dst.uff.br/revista20-1-2008/9.pdf>

Squire, A. (2005). *Saúde e bem-estar para pessoas idosas*. Loures: Lusociência.

Teixeira, A. (2002). *Internet e democratização do conhecimento: repensando o processo de exclusão social*. Passo Fundo: UPF.

Tuckman, B. (2000). *Manual de investigação em educação: como conceber e realizar o processo de investigação em educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

UE. (2006). *Riga ministerial declaration - ICT for an inclusive society*. Brussels: Europa Comission.

UE. (2007). *Envelhecer bem na sociedade da informação: uma iniciativa i2010*. Bruxelas: Comissão das Comunidades Europeias.

UN. (2009). *World population prospects: the 2008 revision*. (U. Nations, Ed.) Obtido em 22 de março de 2013, de Economic e social affairs: [http://www.un.org/esa/population/publications/wpp2008/wpp2008\\_highlights.pdf](http://www.un.org/esa/population/publications/wpp2008/wpp2008_highlights.pdf)

Woods, P. (1987). *La escuela por dentro: la etnografía en la investigación educativa*. Buenos Aires: Editorial Paidós.

Xavier, C. (2001). Aids é coisa séria - humor e saúde: análise dos cartuns inscritos na I Bienal Internacional de Humor, 1997. *História Ciência e Saúde, Vol. 8, nº 1 ISSN 0104-5970*.

Zimerman, G. (2000). *Velhice: aspectos biopsicossociais*. Porto Alegre: Artmed.

## Anexos

## Anexo 1 - Questionário

O presente questionário é parte integrante do estudo “Analfabetismo digital das pessoas idosas: uma análise através de *cartoons*.”, a ser desenvolvido pela aluna Teresa Ramos Lima, no âmbito da sua tese de Mestrado em Gerontologia Social da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco. Com este estudo pretende-se analisar e classificar os estereótipos retratados no cartoon, que compõe o *corpus* de análise, no que diz respeito aos idosos face ao uso das novas tecnologias.

Toda a informação é anónima e confidencial, sendo utilizada apenas para fins associados ao referido estudo.

A sua colaboração é fundamental. Por favor responda com toda a sinceridade, sempre de acordo com o que, sente ou pensa, não deixando respostas em branco.

Obrigado.

### Bloco A - Categorização da amostra

1. Idade \_\_\_\_\_

2. Género                      Feminino                     

                                         Masculino                     

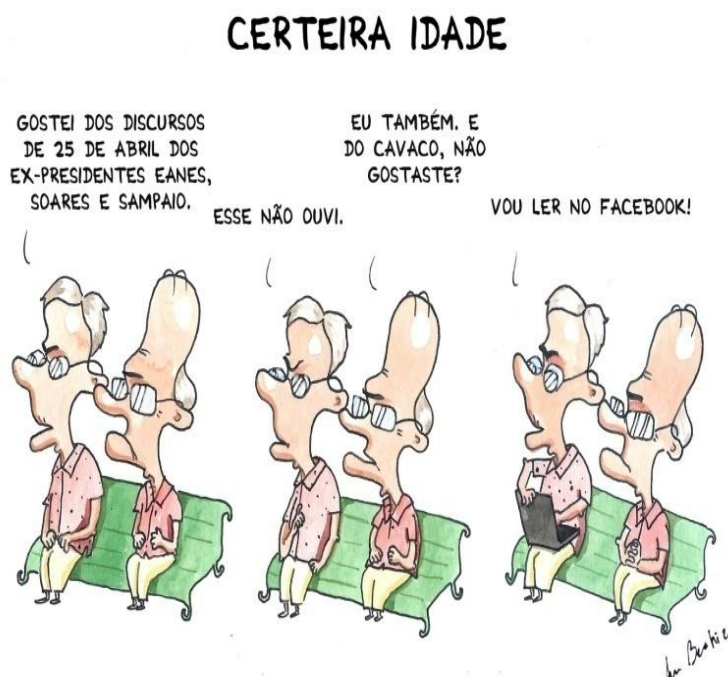
3. Situação Profissional                      Reformado                     

                                         Estudante                      Ciências da Comunicação                     

                                                                              Jornalismo                     

                                                                              Belas Artes

## Cartoon 1



### Bloco B - Análise do *cartoon*

1 - Identificação do estereótipo (negativo/positivo) face ao uso e conhecimento das TIC por parte dos idosos no presente *cartoon*.

Justificação:

---

---

---

---

---

---

---

2 - Atribuição do grau de intensidade da conotação do estereótipo

1 Muito Negativo	2 Negativo	3 Pouco Negativo	4 Neutro	5 Pouco Positivo	6 Positivo	7 Muito Positivo

## Cartoon 2



### Bloco B - Análise do cartoon

1 - Identificação do estereótipo (negativo/positivo) face ao uso e conhecimento das TIC por parte dos idosos no presente cartoon.

Justificação:

---



---



---



---



---



---

2 - Atribuição do grau de intensidade da conotação do estereótipo

1 Muito Negativo	2 Negativo	3 Pouco Negativo	4 Neutro	5 Pouco Positivo	6 Positivo	7 Muito Positivo

### Cartoon 3



#### Bloco B - Análise do cartoon

1 - Identificação do estereótipo (negativo/positivo) face ao uso e conhecimento das TIC por parte dos idosos no presente cartoon.

Justificação:

---



---



---



---



---



---

2 - Atribuição do grau de intensidade da conotação do estereótipo

1 Muito Negativo	2 Negativo	3 Pouco Negativo	4 Neutro	5 Pouco Positivo	6 Positivo	7 Muito Positivo

### Cartoon 4



#### Bloco B - Análise do *cartoon*

1 - Identificação do estereótipo (negativo/positivo) face ao uso e conhecimento das TIC por parte dos idosos no presente *cartoon*.

Justificação:

---



---



---



---



---

2 - Atribuição do grau de intensidade da conotação do estereótipo

1 Muito Negativo	2 Negativo	3 Pouco Negativo	4 Neutro	5 Pouco Positivo	6 Positivo	7 Muito Positivo

## Cartoon 5



### Bloco B - Análise do cartoon

1 - Identificação do estereótipo (negativo/positivo) face ao uso e conhecimento das TIC por parte dos idosos no presente cartoon.

Justificação:

---



---



---



---



---



---

2 - Atribuição do grau de intensidade da conotação do estereótipo

1 Muito Negativo	2 Negativo	3 Pouco Negativo	4 Neutro	5 Pouco Positivo	6 Positivo	7 Muito Positivo

### Cartoon 6



#### Bloco B - Análise do *cartoon*

1 - Identificação do estereótipo (negativo/positivo) face ao uso e conhecimento das TIC por parte dos idosos no presente *cartoon*.

Justificação:

---



---



---



---



---

2 - Atribuição do grau de intensidade da conotação do estereótipo

1 Muito Negativo	2 Negativo	3 Pouco Negativo	4 Neutro	5 Pouco Positivo	6 Positivo	7 Muito Positivo

**Cartoon 7**



**Bloco B - Análise do *cartoon***

1 - Identificação do estereótipo (negativo/positivo) face ao uso e conhecimento das TIC por parte dos idosos no presente *cartoon*.

Justificação:

---



---



---



---



---

2 - Atribuição do grau de intensidade da conotação do estereótipo

1 Muito Negativo	2 Negativo	3 Pouco Negativo	4 Neutro	5 Pouco Positivo	6 Positivo	7 Muito Positivo

### Cartoon 8



#### Bloco B - Análise do cartoon

1 - Identificação do estereótipo (negativo/positivo) face ao uso e conhecimento das TIC por parte dos idosos no presente cartoon.

Justificação:

---



---



---



---



---



---

2 - Atribuição do grau de intensidade da conotação do estereótipo

1 Muito Negativo	2 Negativo	3 Pouco Negativo	4 Neutro	5 Pouco Positivo	6 Positivo	7 Muito Positivo

## Cartoon 9



### Bloco B - Análise do cartoon

1 - Identificação do estereótipo (negativo/positivo) face ao uso e conhecimento das TIC por parte dos idosos no presente cartoon.

Justificação:

---



---



---



---



---



---

2 - Atribuição do grau de intensidade da conotação do estereótipo

1 Muito Negativo	2 Negativo	3 Pouco Negativo	4 Neutro	5 Pouco Positivo	6 Positivo	7 Muito Positivo

## **Anexo 2 - Guião de entrevista para o Cartoonista**

- 1.Nome; Faculdade; Formação
- 2.Explicitar a necessidade da realização deste estudo
- 3.Explicar porque é importante a colaboração do cartunista para recolher dados
- 4.Assegurar o carácter de confidencialidade de todos os dados recolhidos
- 5.Autorização para a gravação da entrevista
- 6.Qual é a sua formação académica?
  - 6.1. Belas artes?
  - 6.2. Desenho?
- 7.Qual é a sua profissão?
  - 7.1. Cartoonista?
  - 7.2. Humorista?
- 8.Que características são inerentes ao *cartoon*?
- 9.Existem técnicas gráficas para desenhar o *cartoon*?
- 10.Concorda com esta afirmação “O *cartoon* é um texto que traz uma opinião de forma humorística, ou com base no humor”
- 11.O *cartoon* é uma “arma” para combater o torpor social?
  - 11.1 Pode ser considerado um contrapoder?
  - 11.2 É uma arma contra a apatia política?
- 12.É útil utilizar o humor em contexto social?
- 13.A sociedade portuguesa está envelhecida, os Censos de 2011 apontam um índice de envelhecimento de 129. Que leitura faz deste número?
  - 13.1 Estamos velhos?
- 14.Porque razão este tema do envelhecimento é tão pouco trabalhado nos *cartoons* em Portugal?
- 15.Quais são as características que evidência quando desenha um idoso?
- 16.Essas características simbolizam os estereótipos sociais que existem em relação ao idoso?
- 17.O envelhecimento em Portugal faz-se no feminino. Concorda?
  - 17.1Por essa razão uma das suas personagens é uma idosa?
- 18.Vivemos numa sociedade do conhecimento e do uso das novas tecnologias. Os idosos têm acesso e usam essas novas tecnologias?

19. Iria agora pedir-lhe que observe cada *cartoon* e que identifique os estereótipos veiculados dos idosos, face ao uso e conhecimento das TIC.

20. Gostou de falar da sua experiência?

21. Há algum ponto de vista que gostasse de acrescentar?

22. Tem alguma sugestão a fazer?

### **Anexo 3 - Entrevista Semiestruturada transcrita feita ao cartoonista.**

1.Qual é a sua formação académica?

R: A frequência universitária em antropologia. Não acabei o curso.

1.1. Belas artes?

1.2. Não tem nada a ver com desenho?

R: Tem (risos) de uma forma muito indireta tem, eu acho que sim. Mas tem a ver com, não terá tanto a ver com o desenho, mas tem a ver com o *cartoon*, não é, tem a ver com o interesse pelo ser humano, não é.

7.Qual é a sua profissão?

R: (pausa)

7.1. Cartoonista?

R: Depende. Para as finanças sou artista plástico, assim. Não têm cartoonista... eu diria que humorista.

7.2. Humorista?

R: Sim, sim.

8. Que características são inerentes ao *cartoon*?

R: (pausa) Poder de síntese... capacidade de surpreender... (pausa) poder de sintetizar com uma linguagem facilmente perceptível, imediatamente perceptível, por quem está a ver uma situação complexa, ou que exigiria uma explicação detalhada. É essencialmente isso. Uma capacidade de intervenção na sociedade.

9. Existem técnicas gráficas para desenhar o *cartoon*?

R: Não creio. Existem técnicas baseadas na história do *cartoon*... existem técnicas que... enfim há certo tipo de *cartoon* que já não se utiliza... ou pelo menos já não se utiliza não teria o mesmo impacto, porque era feito numa altura em que não existiam fotografias.

10. Concorda com esta afirmação "O *cartoon* é um texto que traz uma opinião de forma humorística, ou com base no humor"

R: Pode ser a expressão de uma opinião... mas, mais uma vez existem ... formas diferentes de *cartoon*, assim como existem formas diferentes de expressar a opinião por texto.

Uma crónica (pausa) pode ser humorística e estar muito aparentada ao *cartoon* pela via do humor. A crónica apesar de ser escrita com um texto, se for humorística pode estar mais aparentada ao *cartoon*. Porque se expressa de uma forma criativa e penso que a palavra-chave aqui é a criatividade, é capacidade de criar qualquer coisa para além do que existe nos factos, que seria idealmente expresso na forma jornalística (nem sempre o é como nós sabemos). Emite-se opinião através de um texto aparentemente jornalístico. Há artistas, há cartoonistas que preferem vincar o lado gráfico do seu trabalho (o António Antunes), que têm um trabalho muito gráfico, que não utilizam texto nos seus trabalhos e portanto, têm uma visão mais compartimentada do lado das belas artes do que deve ser um *cartoon* e penso que do lado deles é até mais militante, do que da minha parte, que tenho uma... sou um pouco mais relaxado vá (risos) em relação a essa questão.

Eu vejo, é uma espécie de sinestesia da opinião. Vejo o texto, o gráfico, a fotografia como expressões.

Portanto, esta espécie de sinestesia, penso que existe no humor mais do que noutras formas de expressão criativa.

11.O *cartoon* é uma “arma” para combater o torpor social?

R: Dizer uma coisa dessas, é quase uma pequena provocação (risos).

11.1 Pode ser considerado um contrapoder?

R: ... digamos que ... (pausa) sim tornou-se um pouco comum, é comum dizer isso, não é, penso que sim, na medida que podemos apontar que um *cartoon* tem um ego, é como enfim ... disparar uma bala contra qualquer coisa que se quer atingir, que se quer abater.

... eu não sei se hoje em dia, existe um pouco mais de dificuldade da parte de qualquer humorista, cartoonista, cronista, ser tão objetivo como se era por exemplo no século XIX, em que se tinha a certeza de que o alvo era aquele... penso que há uma certa dificuldade hoje em dia. Se falarmos em situações, obviamente que sim.

11.2 É uma arma contra a apatia política?

R: A pergunta é uma arma contra a apatia política? É. Eu não sei se me estou a fazer entender. Mas, é tudo tão confuso hoje em dia que é exatamente isso que eu queria dizer. Tornou-se tudo tão confuso, a linguagem, o discurso político... enfim... disparamos para todos os lados e às vezes, não é, não acertamos em lado nenhum. Mas... bom não sei se respondi.

12.É útil utilizar o humor em contexto social?

R: Eu penso que sim. É evidente que, que, uma arma é apenas uma arma tomada neste sentido, é apenas tão eficaz quanto o meio em que funciona e portanto, se os meios de comunicação não forem eficazes a fazer comunicação...

... não sei se o meio será a mensagem, mas o meio confunde-se com a mensagem pelo menos e hoje em dia o meio começa a parecer mais importante do que a mensagem, do que veicula. E a mensagem, a própria mensagem, o conceito de mensagem perdeu importância do ponto de vista ... ontológico.

Portanto, o conceito de mensagem... passar uma mensagem tornou-se até uma coisa um bocadinho bizona não é... prosaica... uma coisa não tem que ter mensagem e quando tem, enfim parece que está a fazer... que está a ensinar alguma coisa a alguém. Existe já um pouco isso.

13.A sociedade portuguesa está envelhecida, os Censos de 2011 apontam um índice de envelhecimento de 129. Que leitura faz deste número?

R: Tento não fazer (risos)! ...

13.1 Estamos velhos?

C: Não. Quer dizer, se tivermos em conta o aumento da esperança de vida, se calhar até estamos novos ainda, não é, mas, o que posso dizer?

É assustador. Se bem que torna-se mais assustador porque o idoso, o velho... e até o não tão velho assim, não é valorizado, e cada vez está a ser menos... há duas formas, penso eu, de se lidar com... (pausa) a voragem de mensagem disparada para todos os

sentidos que hoje em dia se passa e que não é mensagem nenhuma. É apenas um... é um meio, não é, são meios.

São cliques de vídeo, são *bags*, são coisas que se dizem e que se escrevem, que viajam a uma velocidade estonteante e que não é possível reter.

Os mais velhos não estão habituados a isso.

Os não tão velhos estão mais ou menos (dependendo também do percurso que viveram, da profissão que têm, etc).

Os mais novos não conhecem outra forma de estar.

14. Porque razão este tema do envelhecimento é tão pouco trabalhado nos *cartoons* em Portugal?

R: Eu não sei se será pouco trabalhado. Bem, não tenho informação nenhuma, não tenho ... (pausa) condições para dizer se é ou não é, a Teresa dirá (risos) porque é a sua tese, está a estudar isso... penso que de vez em quando é tratado.

Será tratado nos milhões de assuntos... e o envelhecimento da população, eu penso que, até é tratado, apesar de tudo com alguma frequência.

Posso estar enganado.

... (pausa) no caso do *cartoon* político, mais gerado, que lida mais com a querela partidária com o mundo dos partidos, dos protagonistas, dos primeiro-ministro, da oposição, das coisas que fazem e que dizem entre si.

Num *cartoon* menos virado para o lado social, se quiser, é natural que isso não seja tão tratado, porque são focados no dia-a-dia da política.

No meu caso... eu acho que tenho tratado até com alguma frequência, quanto mais não seja de uma forma indireta. Porque ao usar, idosos como personagens e como protagonistas também ... (que não apenas como personagens secundárias) ... estou-lhes a dar, enfim, perdoe-me o pleonismo, um protagonismo... até penso que incomum, embora tenha sido absolutamente involuntário.

Também deixe-me que lhe diga, não (pausa) foi algo que foi surgindo aos poucos. Sem que eu planeasse. Apenas porque comecei a perceber que havia potencial na forma de estar e de ser do idoso na nossa sociedade, que me dava capacidade para... falar através de uma tira cómica ou de um *cartoon*.

15. Quais são as características que evidência quando desenha um idoso?

R:... bom, é uma marrequinha, veste preto... há certas características que são... transversais vá. Isto é uma frase chavão, mas são transversais à sociedade portuguesa. ... mas... são as nossas velhas se quisermos falar numa forma (eu combato um bocadinho isto). Mas agora vou cair no mesmo erro e, generalizar também... as nossas velhas vestem-se de preto, vão à igreja... a minha velhinha, a D. Piedade fala com Deus e Deus responde-lhe... é uma personagem, embora não apareça na tira, responde-lhe com voz de trovão, vem de cima... e responde-lhe com alguma, com alguma... enfim, não de uma forma assim tão divina quanto se poderia esperar (risos), mas responde. Ela chama-lhe "Senhor"! E faz-lhe uma pergunta e Ele responde.

... veste de preto, como disse, tem umas golas já muito fora de moda, tem uma bengalhinha, às vezes, às vezes. Mas, anda quase sempre com a pochete... tem um

cabelo cinzento grisalho, portanto, é marrequinha e tem vincos na boca porque tem falta de dentes.

Portanto, é assim, a boca cavada, o queixo pronunciado... não é tanto o queixo que é pronunciado (bem acaba por ser porque é um *cartoon*) mas a boca, mas a boca é recolhida, não é,... e portanto tem os sinais típicos de uma velha, de uma idosa... mas no fundo ela comporta (elas porque são várias, apesar de só uma ter nome, a D. Piedade) ... comportam-se como as crianças noutras tiras. Quando se quer usar a inocência... como mecanismo... como uma técnica... de riso.

16.Essas características simbolizam os estereótipos sociais que existem em relação ao idoso?

R: Sim. Tem que se desenhar assim. É... há coisas que têm que ser atualizadas... é uma questão de semiótica, julgo eu. Quer dizer, há sinais... ao pôr cabelo grisalho está a dizer “esta senhora é idosa e não pinta o cabelo”, veste de preto.

Bom, nem todas as idosas se vestem de preto, dir-me-á. É certo, mas ao pôr uma idosa vestida de preto, tenho a certeza... bom para já explica porque é que ela nunca aparece com o marido. Aliás, o caso da D. Piedade agora fez-me lembrar isso. No caso da D. Piedade, eu fiz aparecer o marido sob a forma de fantasma certa vez, porque tinha que ser viúva. Havia qualquer coisa ali que me dizia que ela tinha que ser viúva. Quanto mais não fosse, andar vestida de preto.

17.O envelhecimento em Portugal faz-se no feminino. Concorda?

R: Sim... Mas também tenho velhotes. De fato, também tenho velhotes homens e normalmente são amigos sentados num banco de jardim a conversar e são muito velhotes mesmo. Não penso que do meu lado tenha havido uma escolha.

Pois. São... também ajuda terem... uma certa fragilidade também ajuda ... porque num *cartoon*, apesar de estarmos a lidar com humor e talvez por isso, o personagem tem que ser credível.

Se a pessoa não aceitar da parte daquele personagem aquilo que está a dizer, ou que está a ter a atitude que está a ter, perde a graça toda e a eficácia... sobretudo a eficácia porque a graça até pode nem ter. Humor não implica forçosamente graça. Mas... tem que ter eficácia, não é, e se houver um desfasamento entre o que ela diz, se não for credível o que ela diga, o que está a dizer, se não podermos pôr aquelas palavras na boca de uma velhota como ela, então aí perde a força e torna-se artificial, uma coisa artificial.

17.1 Por essa razão uma das suas personagens é uma idosa?

R: Sim, sim, sim oitenta e... dependendo da tira, às vezes quase até aos 90... Aquilo que eu percebi foi que a dado passo eu estava a habituar-me a uma velhota e que ela tinha tanto potencial ou mais porque tinha um mundo. Os nossos velhos não têm muito mundo, mas têm um mundo, coisa que uma criança dificilmente ainda tem. Tem o mundo dos pais, mas uma velhota não. Uma velhota... quanto mais não seja, tem o mundo rural... ou o mundo das amigas, ou dos filhos, não é.

... muitas vezes as velhotas estão com os filhos e falam com os filhos de desporto, e, portanto, isso dá-lhes oportunidades de dizer disparates que um jovem nunca diria... disparates no sentido, no bom sentido... e de dar retóricas.

Há toda uma forma de... há formas de comunicação (que eu domino até por alguma experiência própria diga-se de passagem) entre os idosos, os filhos e os netos que se pode explorar e que eu percebi que podia explorar, (embora não de uma forma muito consciente). Como digo, foi uma coisa que foi surgindo, mas que não me lembro de ver tratada assim de uma forma muito forte. Pelo menos não na imprensa... generalista, política ... em *cartoon* editorial. Isso de facto não me lembro e se calhar tive aqui um bocadinho pioneiro e nem sequer tinha consciência disso e é a Teresa que me está a abrir os olhos. Mas, espero que sim. Olhe, que tenha sido pioneiro de alguma coisa.

Mas, a D Piedade por qualquer motivo pegou mais. Talvez porque mantenha uma expressão mais... às vezes é uma questão de sorte, não é.

18. Vivemos numa sociedade do conhecimento e do uso das novas tecnologias. Os idosos têm acesso e usam essas novas tecnologias?

... Quando (pausa) ... penso que seja razoavelmente, natural até, esperar que uma pessoa de 80 anos não tenha (quando não tem, porque alguns têm) ... um acesso, ou não tenha de todo acesso a novas tecnologias e portanto... é terrível se levarmos isto para o campo por exemplo, para as zonas rurais (quando digo o campo, é precisamente no campo) ... para as zonas rurais, onde as pessoas vivem em aldeias e têm que viver, porque nós precisamos de pessoas a viver nas nossas aldeias, porque se não isso é que era uma desgraça!

No acesso às novas tecnologias, o problema é... eu queria dizer era... não seria um problema (pausa) na minha opinião, se se mantivesse uma rede de serviços... alternativos (que no fundo já existia) a funcionar... de uma forma razoável.

Porque... se é evidente que os filhos destes idosos já são pessoas capazes de utilizar as novas tecnologias, mas muitos também não são. Isso também é uma ilusão, pensar-se que toda a gente com mais de 40 anos, ou por outra com menos de 50 anos sabe utilizar, não é verdade, e, portanto, penso que desde que se mantivesse uma rede adequada de serviços... alternativos, isso não seria um problema.

Pelo contrário, até seria de se expandir cada vez mais. Todos os serviços que podermos “atirar” para cima das novas tecnologias, tanto melhor. Tudo o que podermos fazer online, é melhor do que termos que nos deslocar a um sítio qualquer e gastar e aumentar a nossa pegada ecológica (risos) e gastar papel, gastar impressoras, tinta e isto e aquilo e consumir, embora isso tenha outro efeito perverso terrível que é o de causar desemprego.

Não há outra forma de dizer as coisas. Não vamos exigir a pessoas de 75 anos que vão agora aprender a usar as novas tecnologias. Isso também parece assim uma utopia ... que não faz muito sentido. Porque as pessoas com 70 ou 75 anos precisam de descansar, divertir-se, de estar com os familiares, fazer o que lhes apetece (se lhes apetecer), se quiserem dedicar-se às novas tecnologias, que se dediquem. Mas empurrar-lhes isso pela boca abaixo também não me parece uma coisa muito aceitável.

... (pausa) se o fizerem (aprender a usar as novas tecnologias), que seja porque querem e sentem curiosidade... agora, não penso que seja de os forçar a isso talvez.

... Mas, eu penso que um prazo razoável, 30 ou 40 anos para... bom nós não estamos em condições de esperar 30 ou 40 anos...

19. Iria agora pedir-lhe que observe cada cartoon e que identifique os estereótipos veiculados dos idosos, face ao uso e conhecimento das TIC.

✓ **Cartoon 1**

Sim, imagem positiva. Eu penso que os 2 são idosos, não é, porque 1 tem mesmo ar de idoso não é, uma careca. O outro, bom, o outro não parece tanto. Mas os vincos no lábio superior, dá-me a ideia que... que é mais isso... e a atitude e o cabelo grisalho, não é. Sim, sim, sim.

Está a ver o problema, não é, quando não é muito óbvio, como eles não estão vestidos de uma forma muito... (pausa) estão até bastante floridos, não é, (risos) ... (pausa) e há aqui obviamente ... (pausa) um idoso pegar num portátil, penso eu, não é. Se ele fosse um tipo novo e pegasse num portátil e dissesse “ facebook” não tem graça nenhuma. Portanto, há aqui uma incongruência, aparente incongruência que é a idade do homem e o uso de um computador. Se bem que eu possa estar a interpretar mal... isto pode ser simplesmente do Cavaco Silva só publicar no facebook as coisas que interessam (risos)... Mas eu também estou a ler muito superficialmente.

Eu ... (risos) eu não quero parecer o velho do restelo, pelo contrário,... uso as novas tecnologias de uma forma absolutamente até exagerada, penso eu... mas como lhe disse, tenho reservas, não tanto à adequação das novas tecnologias às pessoas da terceira idade, mas à forma como se está a tentar fazer as pessoas da terceira idade usar as novas tecnologias.

... percebi que ela precisava de um telemóvel (e telemóvel também é uma nova tecnologia) com botões grandes, visíveis que fosse fácil. Porque ela consegue estar 2 segundos a carregar no botão, coisa que nós não fazemos... carregamos com um toque.

... Portanto, há toda uma memória dos dedos que eles não têm... e que nós temos. Nós temos porque começamos a mexer nisto relativamente cedo. Não é nada de consciente. O mesmo acontece com estas tecnologias. Agora há problemas que são de visão, de mobilidade, de segurança, dos movimentos, dos dedos, de tremer, tudo isso que estão associados à terceira idade e que é inevitável (de artrites) ... e que são completamente ignoradas. São completamente ignoradas por quem desenha. Porque são normalmente pessoas muito novas que desenharam estas coisas.

Se bem que isto seja um nicho (já se descobriu a alguns anos que era um nicho de mercado que funcionava. Começaram a fazer telemóveis para idosos é, agora já há as lojas do avô).

✓ **Cartoon 2**

Imagem negativa. Ham... não isto é uma coisa mesmo rural, não é, mas, isto tem a ver com o que falávamos há pouco.

Se formos para uma aldeia nas berças, pode até lá haver uma casa de turismo de habitação em que o dono tenha aprendido a usar a internet para ver as reservas e não sei quê, mas é uma utilização muito limitada... e tem o wi-fi para os clientes. Mas, isto não quer dizer que as pessoas sejam info-incluídas... eu penso que ainda é mais a exceção do que a regra.

### ✓ *Cartoon 3*

Eu, este não consigo ver bem.

É um velhote com um miúdo e está aqui com um grande nariz.

Ah! É o Magalhães! Pronto, era isso que eu não tinha percebido.

Porque a definição é má, de facto. Imagem positiva.

Bom... eu confesso que nunca olhei para o monitor de um Magalhães, mas o princípio em si... (e aqui pondo de lado qualquer questão política que também gozei um bocadinho com o Magalhães como me cabia)... mas não penso que a ideia do Magalhães fosse particularmente orientada para a terceira idade. Era para as crianças, não é, e para os professores e portanto, tinha um ar muito infantil o computador (isso não é muito bom). Não tem que ter, as coisas não têm que ter um ar particularmente tecnológico, última geração, também são questões de moda... (pausa) uma coisa para um idoso...

Aqui o Cid faz, e brilhantemente, é misturar no fundo as duas coisas. É a criança e o idoso... o Tim Tim que aqui representa obviamente o lado político da coisa, não é. A pessoa que está a vender o projeto do lado político... é a mesma coisa.

A dos 7 aos 77 e o Magalhães é uma forma de velhos e novos usarem a internet às 1.000 maravilhas (que não é como sabemos) ... são computadores com limitações... Podem os dois usar. Mas porquê? Porque, porque tem botões grandes, porque tem uma cor garrida, porque é simples. Bom, mas o simples é só até ao ligar.

Depois o sistema operativo em si (e é por isso que eu digo que tenho dificuldade em falar nisso, porque eu nunca usei um e, portanto não sei como é o interface do computador). Porque se a interface for uma versão simplificada abrutalhada de um computador normal, então não sei se isso é muito bom. Porque é uma forma também de reduzir as capacidades das pessoas que os usam, não é.

Mas o idoso pode usar. Repare, eu penso que um idoso pode usar qualquer computador, desde que esteja configurado para si. E, não penso que o Magalhães resolvesse a questão simplificando em demasia.

Eu penso, que é possível, desenhar computadores para a terceira idade que não sejam diminuídos. Mas, também depende das capacidades da terceira idade e nós sabemos que há pessoas de 30 e 40 anos que estão diminuídas que têm problemas tão ou mais graves do que um idoso. São necessidades especiais. Portanto, quando há necessidades especiais costumam-se fazer coisas. Agora, vamos esperar que elas surjam.

Também não é necessário, penso eu, estar a fazer coisas que estigmatizem as pessoas, não é. Não sei, eu... tenho muita dificuldade em analisar essa questão.

✓ **Cartoon 4**

Eh pá! Eu conheço isto de qualquer lado! É, mas isto é bom, o que é que eu posso dizer? Imagem negativa.

Fui eu que fiz isso, fui eu que fiz isso e portanto... Não, essa velhota é muito esperta, não é, o que ela está... portanto, eu não digo que estamos na sociedade do conhecimento. O que é a sociedade do conhecimento?

Como eu lhe disse há pouco, a sociedade do conhecimento é isto. Conhece-se alguém lá? Se conhece alguém lá tem a vida safa. Porque vai lá e diz “eh pá eu conheço não sei quem e está safo”. Se não conhece não interessa nada se usa computadores ou não usa, vai ter os mesmos problemas.

... Ainda bem que mostrou esse, porque é uma boa sumula do que eu penso portanto.

✓ **Cartoon 5**

Sim, mas estes não são idosos.

Não (pausa). Eu lamento não ter tido arte para fazer isto de uma forma mais óbvia (risos) mas...e podiam ser de facto. Passa uma imagem negativa na medida em que usam, estão a ver o futebol mas depois.... Bem depois não percebem bem o que fazer...

✓ **Cartoon 6**

Bom, aqui temos seguramente um idoso, um velho. Imagem negativa.

... eu penso que ele aqui está a referir-se à vulnerabilidade dos idosos face a uma, a uma, lá está, uma tecnologia que está completamente desadequada... (pausa) ou por outra, que não pode ser utilizada... sem grandes precauções... e sobretudo não pode ser utilizada com uma rede aberta.

Não há... parte-se do princípio... até porque as pessoas que criam os sistemas ou que os gerem, têm se calhar, essa perceção porque são muito novas... do que as pessoas que estão do outro lado, as mais novas têm capacidade para entender quando estão a ser... goza-se com as pessoas que são vítimas de fishing, etc. Mas... as pessoas mais velhas têm boa-fé.

Muitas pessoas têm boa-fé e os idosos mais do que os outros, não é, talvez porque viveram em tempos em que a boa-fé era assim uma coisa mais... enfim, e acreditam que o que estão a ler é verdade

✓ **Cartoon 7**

Este é o facebook, não é?

Mas este precisava de conhecer o contexto.

Temos aqui um velho, sim. Por ser careca... por estar, ele está de costas, é difícil de perceber. Mas sim, julgo que seja um idoso. Claramente negativa.

✓ **Cartoon 8**

Temos outra forma de exclusão que é a exclusão através da... é uma exclusão pela pobreza.... mas isto é ironia, claro, é sátira. O Maia aqui está a pôr as pessoas a comportar-se como, não é, aqueles que exigem, que fazem as exigências de comprovação de condições para receber o RSI (têm que se ver), ou a forma como eles têm que se comportar para receber o RSI.

Obviamente há uma inadequação entre aquilo que a senhora diz e o facto de ele estar a usar um computador em cima da vaca e aquilo que eles são e que nós sentimos que eles são de fato, não é, que são rurais pobres... (pausa) com uma linguagem tecnológica completamente desadequada. Imagem negativa.

✓ **Cartoon 9**

Um casal de idosos.

Portanto, têm uma...literacia digital. Creio que são pessoas na sua maioria com capacidade, claro, para ser infoincluído. Imagem positiva.

20.Gostou de falar da sua experiência?

R: Bastante!

21.Há algum ponto de vista que gostasse de acrescentar?

R: Não

22.Tem alguma sugestão a fazer?

R: Não

#### **Anexo 4- Guião de entrevista para o Psicólogo**

- 1.Nome; Faculdade; Formação
- 2.Explicitar a necessidade da realização deste estudo
- 3.Explicar porque é importante a colaboração do cartunista para recolher dados
- 4.Assegurar o carácter de confidencialidade de todos os dados recolhidos
- 5.Autorização para a gravação da entrevista
- 6.Qual é a sua formação académica?
- 7.Costuma ler os *cartoons* que são publicados em revistas ou em jornais?
- 8.Como leitor, o que é que pensa em relação a um *cartoon*? Que finalidade pode ter um *cartoon*?
- 9.Na sua opinião, podemos considerar que a utilização do humor em contexto social é válida?
  - 9.1Porquê?
- 10.Como sabe com certeza, os últimos censos de 2011, dão-nos um índice de envelhecimento de 129. Que leitura faz deste número?
- 11.Como define um idoso?
- 12.Existem na sociedade portuguesa estereótipos em relação aos idosos negativos ou positivos?
- 13.Iria agora pedir-lhe que observe cada *cartoon* e que identifique os estereótipos veiculados dos idosos, face ao uso e conhecimento das TIC
- 14.Gostou de falar da sua experiência?
- 15.Há algum ponto de vista que gostasse de acrescentar?
- 16.Tem alguma sugestão a fazer?

## **Anexo 5- Entrevista Semiestruturada transcrita feita ao psicólogo.**

1. Qual é a sua formação académica?

R: Eu sou formado em psicologia... tenho uma pós-graduação em terapia de sistémica, terapia familiar, intervenção sistémica.

... a nível da gerontologia tive formação de base em psicologia... nas cadeiras de psicogerontologia e tópicos específicos de psicogerontologia e depois toda a formação de seminários.

2. Costuma ler os *cartoons* que são publicados em revistas ou em jornais?

R: Esporadicamente. Confesso que é... que vejo, mas não é uma coisa que, que, preste muita atenção. Vou lendo esporadicamente.

3. Como leitor, o que é que pensa em relação a um *cartoon*? Que finalidade pode ter um *cartoon*?

R: ... chamar a atenção. Eu, tudo o que sinto é que chama a atenção. Inquieta... Depois eu aprecio também um pouco a parte estética, a parte do desenho. Tenho um bocado de fascínio, fascínio por isso e acho que... cativa o leitor por essa parte da imagem, da mensagem associada, do humor, da ironia.

... é esta a ideia que eu tenho e é isso é isso que eu sinto, apesar de não ser um consumidor, não é, vá lá de *cartoon*, mas, gosto, aprecio... se calhar agora vou passar a prestar mais atenção (risos).

4. Na sua opinião, podemos considerar que a utilização do humor em contexto social é válida?

R: (Pausa) é válida e tem impacto. Porque... eu sou da área da psicologia e acho que isso é uma forma de comunicação muito, muito, positiva.

5. Porquê?

Porque através do humor e através da imagem nós conseguimos captar sentimento. Conseguimos despertar pensamentos nas pessoas, mesmo que a pessoa às vezes não esteja muito focada na mensagem em si. Mas, algo, algo, desperta.

6. Porquê?

Porque a imagem tem muita força, depois aquilo (pausa)... eu acho que acaba por despertar uma imagem mental que pode ficar registada. Então, é uma forma de comunicar. O humor também é uma forma de abordar temas... (pausa) sérios de uma forma mais ligeira, despertar a atenção das pessoas, questionar, o humor questiona, questionamos sempre, e do ponto de vista da psicologia, o humor é uma forma saudável de abordar as coisas, mesmo as mais difíceis.

7. Como sabe com certeza, os últimos censos de 2011, dão-nos um índice de envelhecimento de 129. Que leitura faz deste número?

R: (pausa)... é assim, nós realmente, a nossa população está cada vez mais envelhecida. Há uma disparidade cada vez maior entre as gerações.

... eu vejo a leitura deste número como um fenómeno social, cultural, económico bastante acentuado. Mas, acho que o que mais indica é uma falta de preparação do país e da estrutura do país ao longo dos tempos. Porque isto já era esperado, vá lá, há 20 anos atrás e eu acho que nós não nos preparámos o suficiente para fazer face a

esta transformação da população.... e as projeções para o futuro ainda são mais, mais complicadas.

Depois este fenómeno todo da (pausa) nova emigração que estamos a assistir ainda vai agravar mais esta disparidade, ou seja, vão existir cada vez mais idosos e se calhar mais grandes idosos... comparativamente aos jovens.

Isto traz um desafio muito grande. Não vejo isto como um problema. Pode trazer problemas se nós não nos prepararmos enquanto sociedade e formarmos técnicos para mudar esta questão e também para dar outra, outra perspetiva do envelhecimento ativo, saudável, digno... e por último de acordo também com as condições do próprio sénior e com sua própria vontade. Não vamos também agora reestruturar, neste caso, o mercado de trabalho... sem, sem nos ajustarmos às necessidades do próprio sénior.

8. Como define um idoso?

R:... um idoso acima de tudo é uma pessoa. É uma pessoa com idade e nós associamos ao estereótipo do idoso uma pessoa de idade mais avançada. Mas no fundo idosos, podemos também ser todos nós, porque temos, temos idade.

... eu aqui vou-lhe dar um bocadinho a perspetiva mais do técnico. Se me perguntasse há uns anos atrás, se calhar eu dizia "idoso é uma pessoa com mais de 65 anos. Mas agora sei que idoso (da prática que eu desenvolvo com séniores... já trabalho com centenas de séniores à cerca de 9 anos)... um idoso é uma pessoa singular, que tem a sua própria forma de viver, de pensar, de, de sentir a sua própria idade e depois de que idade é que nós estamos a falar, nós falamos... podem estar presentes várias idades, não é, a idade cronológica, a idade biológica, todas essas... Depois a idade subjetiva, não é, e isso acho que é importante porque nós construímos um pouco a questão... e aí os cartoons podem ter aí um ... um papel bastante importante.

Primeiro, desconstruir a ideia da idade associada à velhice, exclusivamente à velhice e desconstruir a ideia de idade, velhice e morte.

Porque a morte (... esse é um tema que também eu trabalho lá na universidade sénior), a morte não tem que estar necessariamente associada à idade e é importante até para promovermos um envelhecimento mais saudável, mais digno e também aliviarmos um pouco aqui a ansiedade, quer dos técnicos, quer dos próprios... a morte é a característica de todas as idades e nós temos que desconstruir um pouco um pouco essa questão.

9. Existem na sociedade portuguesa estereótipos em relação aos idosos negativos ou positivos?

R: Claramente. Existem em relação aos idosos e a todas as outras... categorias da sociedade.

... o idoso, aquela pessoa que tem o carácter mais acentuado, teimoso,... que já não tem nada a dar à sociedade, e neste caso a velhice como a etapa de vida associada ao ser idoso. Ainda existe aquela ideia que é uma etapa de rutura com a fase... da vida ativa. ... isso sim ainda está presente e... a questão dos gostos, da roupa, do comportamento, ... da atividade sexual, da participação na sociedade, isso nós ainda

vemos um bocado presente. Mas, também a realidade me diz que as coisas também estão-se a transformar.

Essa é uma ideia que está muito enraizada ainda, mas é uma ideia que nós herdamos dos nossos avós. Ainda está presente em alguns meios de comunicação social, pois (pausa) ... nos meios de comunicação social a linguagem é antagónica, não é. Ora se apresenta a velhice no sentido de apego do défice, ora se apresenta a velhice como uma nova etapa, uma oportunidade do envelhecimento ativo, ou seja, há aqui... mensagens contraditórias, mas do contato direto e no meio mais urbano.

Falo mais do meio mais urbano, neste caso no Porto... os idosos e os séniores estão-se a reinventar, e a ideia do sénior, é um senhor ou uma senhora... sem vontade.... acomodado a essa fase de vida, com uma roupa mais escura. É totalmente diferente. Eles interessam-se por novas tecnologias, querem frequentar a universidade sénior, querem criar novas amizades... querem viver ainda também a sua sexualidade (embora tenham muita dificuldade em lidar com isso, com esse tema).

Depois também, os preconceitos e os estereótipos associados à sexualidade na velhice.

De maneira que eu acho que é... curiosamente, porque eu também trabalho com formação e com profissionais, sinto que ainda existem alguns profissionais também muito agarrados a esses estereótipos, mas também é das próprias realidades, dos locais onde trabalham.... eu acho que isto é um trabalho que nós profissionais também temos que fazer constantemente. Também desconstruímos as ideias e os conceitos também que nós vamos utilizando e depois ficamos muito colados a isso.

T: Iria agora pedir-lhe para observar os *cartoons*, para me dizer... o que é que sente ... aqui a ler estes *cartoons* em relação à imagem que é transmitida. É uma imagem negativa ou uma imagem positiva eventualmente neutra em relação ao idoso?

### ✓ **Cartoon 1**

... há aqui mensagens contraditórias acho eu neste *cartoon* e que nos dão ... dão que pensar.

Primeiro, a ideia de dois, neste caso são 2 idosos, não é, ou um idoso e uma idosa, não é, ficamos um bocadinho na dúvida. Sentados num banco de jardim... a ideia de associarmos... o banco de jardim, a própria roupa, a própria postura corporal.

... mas depois há outra mensagem que também está presente. Se calhar isto também transmite aqui uma certa transição, não é, o velho para o novo.

... o velho de vermos estes elementos (o banco de jardim, a roupa, a postura corporal). O novo de ... e a questão do estarem ativos de estarem interessados e atentos à realidade do., neste caso do país, ao discurso dos ex-presidentes, à questão do 25 de Abril... e depois o recurso às novas tecnologias “vou ler no facebook”, ou seja, estive distraído, mas no facebook sei que estão lá... todas as informações e podemos ter acesso a isso. Curioso. Também gostei do título “certeira idade” também

nos dá para o impacto deste título. Certeira, porque se calhar também vai ao encontro e está atento, não é, à realidade. Imagem positiva.

✓ **Cartoon 2**

(pausa) Bom... neste *cartoon* aqui em particular... em relação ao envelhecimento, o que eu sinto aqui, é que está a transmitir também uma diferença entre um envelhecimento urbano e um envelhecimento rural. Passa uma imagem negativa.

...e também está a focar muito a questão talvez da falta de habilitações, escolaridade, ...e também está...o estereótipo que está aqui é o estereótipo também não só envelhecimento, mas o estereótipo em relação às pessoas do meio urbano, como sendo... menos sabedoras, mais ignorantes, com menos acesso às novas tecnologias, e depois também diz aqui que isso também é uma contradição da nossa sociedade. É focarmos cada vez mais as coisas nas novas tecnologias, sem às vezes prepararmos as pessoas para terem acesso e terem ... possibilidade de aceder a isso.

Claro que nem todos os idosos estão aptos para isto e...vejo aqui um bocadinho esta contradição, e também vemos aqui o estereótipo do idoso rural associado... talvez a maiores dificuldades económicas, financeiras (pela casa).

... e depois esta diferença entre... o oficial e o real. Oficial no sentido dos senhores do governo (risos).

✓ **Cartoon 3**

(Pausa) ... aqui o estereótipo... eu vejo o estereótipo na figura do avô (senhor de óculos... com bigode, a própria roupa, um bocado curvado). O avô não tem que ser necessariamente assim. O avô pode ser um avô mais jovial, com uma roupa... ao seu gosto. Mas, não é necessário ter esta imagem... e se calhar esta ideia também da relação entre neto e filho assim tão estereotipada, tão, tão certinha. (a ideia que nós temos é que os netinhos ficam ali ... comportadinhos isso tudo, se calhar não corresponde, no meu ponto de vista não corresponde à realidade, não é preciso focarmos assim porque a vida também transmite outras coisas.

... Lá está outra vez... eu sinto que está a fazer outra vez uma transição entre um velho e um novo, ou velha velhice e a nova velhice.

... as novas tecnologias, como ponto de diálogo entre gerações... e também a possibilidade de acesso de uns e de outros, e também talvez a possibilidade de o avô aprender com o neto e o neto também aprender com o avô "Dos 7 aos 77". Imagem positiva.

✓ **Cartoon 4**

Os velhos. (pausa e risos) ... (pausa).

Em relação ao próprio *cartoon*... (pausa) o cartoon chama a atenção. Mais uma vez está aqui a imagem da senhora de óculos, ... com o queixo acentuado, que é uma imagem estereotipada da velhice (mais nas senhoras) ... do cabelo grisalho, vestida de preto... a carteirinha. No entanto... o discurso da senhora é contrário ao seu aspeto. Lá está, também mostra aqui as contradições que vamos sentindo.

... e... no fundo também transmite aqui se calhar a dificuldade que alguns dos idosos vão sentindo em adaptar-se a esta sociedade, que está em constante... movimento, transformação, e se calhar não se prepara para o envelhecimento.

Curiosamente, num país tão envelhecido como o nosso criámos, acho eu, estruturas maioritariamente para os jovens e modos de acesso maioritariamente para aos jovens, do que propriamente para os séniores. Imagem negativa.

#### ✓ **Cartoon 5**

Aqui um idoso. Sim... exatamente. E aqui eu fico na dúvida se é também um idoso ou se é um... Ao conseguir ver o jogo. Mas depois não saber como, como utilizar. O que fazer, como lidar... Como dar a resposta. Aqui a imagem com que eu fico é, é a questão de chamar a atenção, para a necessidade de adequar as novas tecnologias e de formar as pessoas também para terem acesso às novas tecnologias. Não vejo tanto um estereótipo, vejo mais como uma necessidade e como uma contradição também dos dias atuais. No geral imagem negativa.

#### ✓ **Cartoon 6**

(pausa) ... aqui talvez, seja mais também uma vulnerabilidade do uso do idoso, ou seja, que está mais vulnerável à burla, ao não saber utilizar as novas tecnologias, ao ser enganado... porque não sabe como se proteger... basicamente é isso.

Usa as novas tecnologias mas sem muita noção dos perigos. Mas, acho que não é, há um risco, pode haver um risco mais acrescido, mas isso, não é... exclusivo desta faixa etária. Porque... aqui vejo mais como alerta, não como estereótipo.

Se esta imagem se repetisse muito, aí estava a estereotipar, porque isto não é exclusivo desta faixa etária, ou desta idade. Imagem negativa.

#### ✓ **Cartoon 7**

O que é que me transmite aqui?... esta aqui... transmite-me um alerta... uma imagem negativa certamente, talvez também um estereótipo no sentido de... o idoso ficar mais isolado, quase fechado... em relação às novas tecnologias, e esta forma das pessoas se relacionarem, não é,... o facebook quase no seu isolamento, ou o símbolo do facebook quase no seu isolamento para marcar o que ainda resta, não é, ... e a dificuldade de provavelmente de ele ter acesso a isso e se relacionar. Mas, aqui o estereótipo talvez esteja nessa questão da (pausa) de que os séniores estejam... mais isolados, em solidão e com dificuldade de entrar na rede.

#### ✓ **Cartoon 8**

(pausa)... aqui novamente, claramente as contradições... sinto, sinto a imagem estereotipada do idoso rural, não é,... pela vestimenta,... o senhor claramente... exagerado, pelo nariz vermelho um pouco alcoolizado. Imagem negativa.

... mas, depois a utilizar as novas tecnologias no meio rural, e a senhora ... a ceifar o feno ou qualquer coisa assim do género e a usar uma linguagem completamente... contraditória com o quadro (risos). Muito provavelmente esta senhora não saberia

usar esta linguagem. Isto é uma contradição também da complexidade da linguagem que nós vamos utilizando... aqui o estereótipo eu vejo... a mensagem, acho que não tem tanto a ver com o envelhecimento, tem mais a ver com complexidade da linguagem que nós utilizamos que se torna banal, não é, quase como se todos nós tivéssemos que saber o que é que isto quer dizer. Mesmo eu ao ler (risos) não sei... se me pedirem para explicar, umas coisas eu não sei muito bem. Já vi estas expressões todas, sei mais ou menos, mas em concreto também, também não sei.

Mas, aqui o estereótipo que está... o idoso, o rural... é claramente exagerado.

✓ **Cartoon 9**

(pausa) (risos) o que eu sinto é o seguinte... (pausa) eu acho que este *cartoon* transmite o envelhecimento da população.

A senhora, também é ela própria idosa, ou seja, uma sociedade envelhecida, em que terá que se reajustar... Aqui não vejo, tanto o estereótipo. Aqui eu vejo, vejo mais um reflexo de uma possível realidade e que nós estamos cada vez mais ... a notar isso.

... vamos trabalhar cada vez mais com pessoas envelhecidas e os próprios idosos vão ... vão também necessitar de trabalhar até mais tarde. Tem uma vantagem, é que as pessoas se nós considerarmos os 65 anos, ser idoso, ganhamos um ano ou 2 (risos). Porque a idade...a idade da reforma avança, não é. Imagem positiva sem dúvida.

**Anexo 6- Guião orientador da entrevista ao Cartoonista**

Blocos	Objetivos Específicos	Questões	Sub-questões
Motivação e legitimação da entrevista	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Apresentação do investigador</li> <li>✓ Apresentação do problema de pesquisa</li> <li>✓ Legitimar a entrevista</li> <li>✓ Motivar o entrevistado</li> <li>✓ Garantir a confidencialidade dos dados recolhidos durante a entrevista</li> </ul>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Nome; Faculdade; Formação</li> <li>2. Explicitar a necessidade da realização deste estudo</li> <li>3. Explicar porque é importante a colaboração do cartunista para recolher dados</li> <li>4. Assegurar o carácter de confidencialidade de todos os dados recolhidos</li> <li>5. Autorização para a gravação da entrevista</li> </ol>	
Bloco I  Identificação do cartoonista	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Formação</li> <li>✓ Profissão</li> </ul>	<p>6. Qual é a sua formação académica?</p> <p>7. Qual é a sua profissão?</p>	<p>6.1. Belas artes?</p> <p>6.2. Desenho?</p> <p>7.1. Cartoonista?</p> <p>7.2. Humorista?</p>
Bloco II  Introdução do tema do <i>cartoon</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Definição técnica do <i>cartoon</i></li> <li>✓ Técnicas de construção do <i>cartoon</i></li> <li>✓ Finalidade da criação do <i>cartoon</i></li> </ul>	<p>8. Que características são inerentes ao <i>cartoon</i>?</p> <p>9. Existem técnicas gráficas para desenhar o <i>cartoon</i>?</p> <p>10. Concorda com esta afirmação "O <i>cartoon</i> é um texto que traz uma opinião de forma humorística, ou com base no humor"</p>	

<p>Bloco III</p> <p>Intencionalidade da utilização do <i>cartoon</i> em contexto social</p>	<p>✓ Intencionalidade do <i>cartoon</i> em contexto social</p>	<p>11.O <i>cartoon</i> é uma “arma” para combater o torpor social?</p> <p>12.É útil utilizar o humor em contexto social?</p>	<p>11.1 Pode ser considerado um contrapoder?</p> <p>11.2 É uma arma contra a apatia política?</p>
<p>Bloco IV</p> <p>Potencialidade dos <i>cartoons</i> na consciencialização da sociedade para o envelhecimento da população</p>	<p>✓ Utilização do tema do envelhecimento da população</p> <p>✓ Caracterização da imagem humana envelhecida</p>	<p>13.A sociedade portuguesa está envelhecida, os Censos de 2011 apontam um índice de envelhecimento de 129. Que leitura faz deste número?</p> <p>14.Porque razão este tema do envelhecimento é tão pouco trabalhado nos <i>cartoons</i> em Portugal?</p> <p>15.Quais são as características que evidencia quando desenha um idoso?</p> <p>16.Essas características simbolizam os estereótipos sociais que existem em relação ao idoso?</p> <p>17.O envelhecimento em Portugal faz-se no feminino. Concorda?</p>	<p>13.1 Estamos velhos?</p>

			17.1 Por essa razão uma das suas personagens é uma idosa?
Bloco V  Potencialidade do uso do <i>cartoon</i> para retratar estereótipos da utilização das TIC por parte dos idosos	✓ Identificar estereótipos relacionados com as TIC e a sua utilização por parte dos idosos	18. Vivemos numa sociedade do conhecimento e do uso das novas tecnologias.  Os idosos têm acesso e usam essas novas tecnologias?	
Bloco VI  Identificação dos estereótipos face ao uso e conhecimento das TIC presentes no <i>corpus</i> de análise	✓ Obter do cartunista a identificação dos estereótipos presentes nos <i>cartoons</i> que compõem o <i>corpus</i> de análise deste estudo, nomeadamente no uso das TIC pelos idosos	19. Iria agora pedir-lhe que observe cada <i>cartoon</i> e que identifique os estereótipos veiculados dos idosos, face ao uso e conhecimento das TIC	
Agradecimentos	✓ Compreender a reação do entrevistado a esta entrevista	20. Gostou de falar da sua experiência?  21. Há algum ponto de vista que gostasse de acrescentar?  22. Tem alguma sugestão a fazer?	

## Anexo 7- Guião orientador da entrevista ao Psicólogo

Blocos	Objetivos Específicos	Questões	Sub-questões
Motivação e legitimação da entrevista	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Apresentação do investigador</li> <li>✓ Apresentação do problema de pesquisa</li> <li>✓ Legitimar a entrevista</li> <li>✓ Motivar o entrevistado</li> <li>✓ Garantir a confidencialidade dos dados recolhidos durante a entrevista</li> </ul>	<p>1.Nome; Faculdade; Formação</p> <p>2.Explicitar a necessidade da realização deste estudo</p> <p>3. Explicar porque é importante a colaboração do psicólogo para recolher dados</p> <p>4.Assegurar o carácter de confidencialidade de todos os dados recolhidos</p> <p>5.Autorização para a gravação da entrevista</p>	
Bloco I Identificação do psicólogo	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Formação</li> <li>✓ Profissão</li> </ul>	<p>6.Qual a sua formação académica?</p> <p>7. Qual a sua profissão?</p>	6.1E na área da gerontologia?
Bloco II Introdução do tema do <i>cartoon</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Aferir qual a familiaridade do entrevistado com os <i>cartoons</i></li> </ul>	<p>8. Costuma ler os <i>cartoons</i> que são publicados em revistas ou jornais?</p> <p>9.Como leitor o que pensa em relação ao <i>cartoon</i>?</p>	9.1 Que finalidade pode ter um <i>cartoon</i> ?
Bloco III Intencionalidade da utilização do <i>cartoon</i> em contexto social	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Intencionalidade do <i>cartoon</i> em contexto social</li> </ul>	<p>10. Na sua opinião podemos considerar que a utilização do humor em contexto social é válida?</p>	10.1Porquê?
Bloco IV	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Utilização do tema do envelhecimento da</li> </ul>	<p>11.A sociedade portuguesa está</p>	

Potencialidade dos <i>cartoons</i> na consciencialização da sociedade para o envelhecimento da população	população  ✓ Caracterização da imagem humana envelhecida	envelhecida, os Censos de 2011 apontam um índice de envelhecimento de 129. Que leitura faz deste número? 12.Como define um idoso?	
Bloco V  Potencialidade do uso do <i>cartoon</i> para retratar os estereótipos sociais em relação aos	✓ Identificar estereótipos relacionados com os idosos	13.Existem na sociedade portuguesa estereótipos em relação aos idosos?	
Bloco VI  Identificação dos estereótipos face ao uso e conhecimento das TIC presentes no <i>corpus</i> de análise	✓ Obter do cartunista a identificação dos estereótipos presentes nos <i>cartoons</i> que compõem o <i>corpus</i> de análise deste estudo, nomeadamente no uso das TIC pelos idosos	14.Iria agora pedir-lhe que observe cada <i>cartoon</i> e que identifique os estereótipos veiculados dos idosos, face ao uso e conhecimento das TIC	
Agradecimentos	✓ Compreender a reação do entrevistado a esta entrevista	15.Gostou de falar da sua experiência?  16.Há algum ponto de vista que gostasse de acrescentar? 17.Tem alguma sugestão a fazer?	